

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA**

EDIÇÕES E SEDUÇÕES

Revista Clã: 1946-1957

MARIA AUXILIADORA DE ALMEIDA FARIAS

**RECIFE
2003**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Curso de Mestrado em História

EDIÇÕES E SEDUÇÕES

Revista Clã: 1946-1957

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em História por Maria Auxiliadora de Almeida Farias, tendo como orientadora a Prof.a Dr.a Sílvia Cortez Silva.

Recife – 2003

AGRADECIMENTOS

Aos professores do Mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco por me trazerem das margens da História.

Aos meus colegas do Departamento do Curso de História da Universidade Estadual do Ceará, companheiros dos estudos e dos percalços desta jornada.

À amiga, professora Ângela Mesquita pelo providencial auxílio nos últimos momentos.

Aos professores Francisco Jacques Furtado e Raimundo Augusto Durval amigos de incentivos diários.

Ao espírito manso e exigente de Sílvia Cortez. Tributo à sua rara generosidade.

A Deus por me permitir continuar crente em sua existência.

RESUMO

O percurso dos intelectuais no Brasil é caracterizado pela organização de segmentos dominantes que visam alcançar o controle do Estado. Os intelectuais empreenderam uma produção que lhes dava evidência, e para isso, eles se utilizam de jornais e revistas para divulgação de suas idéias. Os periódicos funcionam como o porta-voz de um projeto cultural que tem por base uma conjuntura político-social. A viabilidade desses empreendimentos culturais não descartou as redes de relações sociais que funcionaram como liame na associação intelectuais - Estado, apesar da ascensão dos intelectuais vir a depender, também, de títulos escolares e culturais. No Ceará esse fenômeno encontrou eco por volta do século XIX e se estendeu até metade do século XX, período em que destacamos um grupo de intelectuais que se reuniu em torno da revista Clã. O grupo e a revista Clã dominaram o espaço literário e cultural da cidade de Fortaleza nos anos quarenta e cinquenta do século vinte. A representação cultural do grupo veio a garantir-lhes, outrossim, o acesso a cargos e funções, notadamente, as de natureza pública.

Palavras-Chave: intelectuais, política, periódicos, representação-cultural.

ABSTRACT

In Brazil, the path of the intellectuals is characterized by the organization of dominant segments which had as the main objective the control of the state. Intellectuals reached a production that put them in constant evidence, and utilized newspapers and magazines to spread their ideas and a cultural project which had for its foundation a political and social conjuncture.

Key-word: intellectuals, political, periodics, representation, cultural.

RÉSUMÉ

Le parcours des intellectuels au Brésil est caractérisé par l'organisation de segments dominants qui visent atteindre le contrôle de l'Etat. Les intellectuels ont objecté une production qui leur mettait en évidence et pour ce, ils se servaient de journaux et revues pour divulguer leurs idées. Les périodiques servent de porte-paroles d'un projet culturel ayant à la base une conjoncture politico-sociale. La viabilité de ces entrepreneurs culturels n'a pas rejeté les réseaux de rapport sociaux qui ont joué le rôle de liaison dans l'association d'intellectuels – Etat, bien que l'ascension de ces intellectuels va, aussi, dépendre de titres scolaires et culturels. Au Ceará ce phénomène a trouvé de l'écho aux environs du XIX siècle et s'est développé jusqu'à la moitié du XXème siècle, période où se met en évidence un groupe d'intellectuels qui s'est réuni au sujet de la revue Clã. Le groupe et la revue Clã a dominé l'espace littéraire et culturel de la ville de Fortaleza dans les années quarante et cinquante du vingtième siècle. La représentation culturelle du groupe Clã est, ainsi, venue leur assurer l'accès aux postes et fonctions, notamment celles de nature publique.

Mots-clés : intellectuels, politique, périodiques, représentation culturelle.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1ª PARTE	
1 – AS CONFIGURAÇÕES INTELLECTUAIS	6
1.1. A Posição do Intelectual	7
1.2. Quem disso usa disso cuida	9
1.3. Dar direito a quem é de direito	15
1.4. Bajulações no Palácio da Luz	17
1.5. Academia Clube e Padaria	20
1.6. Jornal ou revista, eis a razão	26
2 – CLÃ EM REVISTA	40
2.1. A união faz a força	42
2.2. Fale agora ou cale-se para sempre	55
2.3. Clã, revista de cultura.....	58
2.4. Uma revista do Ceará para o Brasil	63
2.5. Diga-me com quem andas que eu te direi quem és.....	70
2.6. Quem te viu quem te vê	77
CONCLUSÃO	82
NOTAS	85

FICHA DE LOCALIZAÇÃO (Quadro de Referências técnica e de conteúdo da Revista Clã)

2ª PARTE

ÍNDICE CLASSIFICADO DE ASSUNTO	87
FICHA DE LOCALIZAÇÃO (Quadro de Referências técnica e de conteúdo da Revista Clã)	117
BIBLIOGRAFIA	143

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
-------------------------	---

1ª PARTE

CAPÍTULO 1 – AS CONFIGURAÇÕES INTELLECTUAIS	12
1.1. A Posição do Intelectual	13
1.2. Quem disso usa disso cuida	15
1.3. Dar direito a quem é de direito	20
1.4. Bajulações no Palácio da Luz	21
1.5. Academia Clube e Padaria	23
1.6. Jornal ou revista, eis a razão	28
CAPÍTULO 2 – CLÃ EM REVISTA	40
2.1. A união faz a força	42
2.2. Fale agora ou cale-se para sempre	52
2.3. Clã, revista de cultura.....	54

2.4. Uma revista do Ceará para o Brasil	58
2.5. Diga-me com quem andas que eu te direi quem és.....	64
2.6. Quem te viu quem te vê	70
CONCLUSÃO	77
BIBLIOGRAFIA	81
2ª PARTE	
ÍNDICE CLASSIFICADO DE ASSUNTO	89
ANEXO – FICHA DE LOCALIZAÇÃO (Quadro de Referências técnica e de conteúdo da Revista Clã)	119

INTRODUÇÃO

Optando por uma perspectiva que nos permitisse recuperar a trajetória de intelectuais nos anos 40 e 50, em Fortaleza, verificamos a existência de um grupo que à época representou um ponto de referência para onde convergiram poetas, contistas, romancistas, críticos, historiadores, e artistas plásticos.

Esses intelectuais organizaram-se em torno de uma revista intitulada – Clã. A expressão Clã já denominava as Edições Clã que era uma editora criada e dirigida por alguns daqueles escritores e que funcionava em Fortaleza desde o início dos anos 40.

A Revista Clã passou a ser não só o centro de atração dos intelectuais que gravitavam nos diversos setores em Fortaleza, mas se constituiria em um meio para a divulgação de suas produções literárias. Desse modo a revista absorveria uma dupla função: a primeira consistia em promover seus componentes de modo a assegurar-lhes um espaço no meio cultural, ao mesmo tempo em que se destacavam dos demais intelectuais e a segunda função, corresponde ao momento em que esses escritores fizeram-se conhecidos dentro e fora do Estado por meio da veiculação periódica de seus trabalhos pela revista.

Gerada sob o signo do ecletismo, a Revista Clã tinha a missão de divulgar os trabalhos literários que abrangiam diversos setores, como o da literatura, o da sociologia, o da história, o das artes, entre outros. A revista tinha ainda a árdua tarefa de acolher escritores de variada orientação doutrinária, fosse essa orientação de conotação política ou de tonalidade estética.

Não obstante ser o componente estético aquele de maior interesse e o que norteava as publicações de Clã, o componente político, como sugere José Luiz Bendicho Beired foi o que permeiou as idéias daqueles que ao produzirem uma nova proposta cultural, impuseram de certo modo, uma nova modalidade de poder – uma dominação simbólica. (BEIRED, 1996, p. 26).

A ampla dimensão de política sugerida por José Luiz Bendicho Beired nos permite conceber uma noção de política a partir daqueles intelectuais que ao promoverem uma nova cultura, impuseram seus valores, bem como, uma concepção de mundo de um grupo, o que se constituiu em “uma das estratégias para alcançar uma posição de domínio no interior de certo campo e com relação ao conjunto da sociedade” (BEIRED, 1996, p. 26).

Os intelectuais reunidos em torno das mesmas idéias e das mesmas aspirações, assumem sua posição no campo* intelectual, sendo a ideologia política, segundo Roger Chartier, o que “unifica os homens em torno de um conjunto de idéias, sentimentos e aspirações, conferindo assim uma identidade a um grupo que se opõe a outros”. (CHARTIER, 1990, p. 47).

É nessa perspectiva e, por entendermos ser as representações** o produto de uma determinada prática social elaborada conforme as imposições e as estratégias de seus agentes e pode ser definida como enunciação e que confere um determinado significado, o qual consiste basicamente em uma interpretação.

* Ver Bourdieu Pierre. Campo de Poder, campo intelectual e hábitos de classe, In: A Economia das trocas simbólicas, São Paulo, Perspectiva, 1975.

** Roger Chartier analisa as representações do mundo social e ressalta a importância das lutas de representações tanto quanto as lutas econômicas para compreensão dos mecanismos pelo qual um grupo impõe sua concepção de mundo. In: História Cultural. Entre práticas e representações, p. 17.

Daí, tomamos de Roger Chartier o conceito de representação como o mais adequado ao nosso estudo.

Estudando os escritores cearenses da denominada geração de 45 e, em particular, os que se fizeram notar por suas propensões literárias, seja na poesia, no conto, na crítica e no romance para citarmos aqui apenas alguns dos gêneros mais concorridos à época, destaca-se o grupo que se reunia em torno de Revista Clã.

Uma curiosidade insuspeita nos levaria a vasculhar as páginas de Clã e nelas constataríamos a contribuição de seus autores para com as letras cearenses. Essa contribuição encontra-se reunida nos 30 exemplares da coleção completa dos fascículos da Revista Clã.

Foi a partir desse conhecimento que demos início ao projeto de restaurar o percurso de Clã e o de seus integrantes tendo como fonte primária a Revista Clã.

Esse projeto tem a princípio, a pretensão de analisar a revista e os intelectuais de Clã. No início, procedemos uma revisão de alguns grupos e de periódicos anteriores à Clã. Finalizamos o estudo com uma indexação das revistas, a qual se norteará a partir do corte cronológico do estudo em questão, compreendido no período de 1946 a 1957.

O desenvolvimento deste trabalho encontra-se organizado em duas partes: na primeira parte temos a Introdução, o Primeiro e o Segundo Capítulo. No Primeiro capítulo estudamos como veio a constituir-se no Ceará uma tradição cultural a partir da formação de grupos de academias culturais, bem como, a organização de seus respectivos periódicos.

A formação de grupos e a criação de periódicos desde os primórdios do século XIX, assinala como uma marca, a nossa História Literária. A formação de academias culturais e de grupos literários, bem como, os seus instrumentos de voz que eram os periódicos fossem esses os jornais ou as revistas, passaram a funcionar como uma espécie de *fermento cultural cearense* propiciando o surgimento de outras organizações culturais tendo esse fenômeno estendido-se ao século seguinte.

A efervescência desse legado ainda se fazia ativa até meados do século próximo passado quando um grupo de intelectuais, escritores e artistas reuniram-se para logo em seguida, se organizarem em torno de uma revista a qual passou a ser o porta-voz formal do ideário do grupo. Desse modo, o Clã, revista e grupo, vieram corroborar com uma tradição que já se instalara no itinerário das letras cearenses.

No Segundo Capítulo examinamos como os intelectuais se organizaram em torno da Revista Clã; a posição desses nas letras cearenses e nas do país, destarte a sua representação cultural no Ceará.

A Segunda parte deste trabalho é destinada à apresentação dos temas de Clã. Para tanto, elaboramos um Índice das matérias que corporificam a revista e que funcionam como reveladores da performance multidisciplinar da Revista. No Índice Classificado de Assuntos, identificamos as matérias que compõem Clã, dividindo-as em Seções. Essas seções, no entanto, por não virem contempladas em todos os exemplares, nem sempre comparecerão à indexação. Os números indexados perfazem um total de 16 periódicos que vão do ano de 1946 ao ano de 1957.

Durante esses onze anos, dois anos haveriam de se passar sem que houvesse a publicação da Revista, o que condicionou o fato da contagem cronológica não corresponder aos anos de suas respectivas publicações, como também, não foi computado um ano de intervalo entre a publicação do número Zero e a de número Um. Tudo isso e, ainda, devemos considerar o fato de que a Revista tinha por meta uma publicação trimestral, a qual nem sempre foi atingida. Sendo assim, a série Ano I, teve início em 1948, o ano de 1957, ou Ano VII, corresponde ao sétimo ano e ao exemplar de número quinze.

O Índice Classificado de Assunto é realizado privilegiando em primeiro lugar, a numeração da revista. Em seguida, vem a primeira matéria série, e, depois, a ordem de seqüência da matéria naquela série e assim por diante. Para a concepção do índice, utilizamos o modelo Dimas. Esse modelo consiste da classificação adotada por Antônio Dimas em seu livro *Tempos Eufóricos*, no qual o autor realiza a análise da Revista Kosmos¹. Justificamos a nossa preferência por ser esse modelo de fácil leitura, além de constituir-se em uma modalidade de preservação e de acesso ao conhecimento dos conteúdos de periódicos.

Para finalizar criamos uma complementação ao Índice Classificado de Assuntos que consiste de um quadro, o qual passamos a denominar de Ficha de localização que proporciona uma visão panorâmica dos temas da Revista.

CONFIGURAÇÕES INTELECTUAIS

Ainda hoje indicar uma pessoa como intelectual não designa somente uma condição social ou profissional, mas subtende a opção polêmica de uma posição ou alinhamento ideológico, insatisfação por uma cultura que não sabe se tornar política ou por uma política que não quer entender as razões da cultura.

Norberto Bobbio: in Dicionário de Política

1.1 A Posição do Intelectual

As relações entre intelectuais e a classe dirigente no Brasil, bem como, as estratégias que lançaram mão para alcançarem as posições criadas no setores públicos e privados sobressaíram-se, notadamente, nas décadas marcadas entre o período de 1920 e 1945.

Para Sérgio Miceli, a transformação do papel político dos intelectuais do antigo regime, se deu desde o início da República até o Golpe de 37, tendo passado, pela crise hegemônica dos anos 30, não obstante as cisões ocorridas no interior das oligarquias, as quais já alterara as modalidades de colaboração dos intelectuais com o poder mesmo antes dos anos 30.

De um modo geral, o papel dos intelectuais que no início da República realizara-se por meio de rede de relações sociais que permitiram uma mobilização, condicionando as tarefas dos intelectuais que na maioria das vezes faziam-se dependentes das ofertas dos setores privados, irá acentuar-se ante uma nova coalizão de forças.(MICELI,1979,p.XVIII).

No plano regional, as lutas políticas e ideológicas iniciadas nos 20 e que se estenderam até os primeiros anos da década de 30, foram acionadas pelas revoltas militares, pela abertura de novas organizações partidária, pela expansão do Estado e o declínio da oligarquia agrária.

Intentando investidas com vistas à recuperação do poder, as oligarquias organizaram entidades radicais de direita para onde acorreram uma nova

categoria de jovens políticos e intelectuais. Apesar da cooptação desses intelectuais ainda não estar vinculada às redes de relações sociais, Sérgio Miceli observa que o fator títulos escolares e culturais, passaria a ser um ingrediente a mais de dependência. (MICELI, 1979, p. XXI).

Uma análise sobre a posição dos intelectuais nos anos 30 e 40 é assinalada por Alfredo Bosi,

As décadas de 30 e de 40 vieram ensinar muitas coisas úteis aos nossos intelectuais. Por exemplo, que o tenentismo liberal e a política getuliana só em parte aboliram o velho mundo, pois se associaram, aos poucos, às oligarquias regionais, rebatizando antigas estruturas partidárias, embora acenassem com lemas patrióticos ou populares para o crescente operariado e as crescentes classes médias. (BOSI, 1982, p. 332).

Os momentos após a Semana de Arte Moderna, as décadas de 30-40, em particular, o quadro histórico das transformações econômicas e políticas ocasionado pela crise cafeeira, a Revolução de 30 e o vertiginoso declínio agrícola-açucareiro do Nordeste, apesar de apontarem para o reconhecimento de um novo sistema cultural pós 30, uma nova recomposição das oligarquias, se alinha às antigas estruturas partidárias, acrescida do patrimonialismo que marcou as elites desde a formação do Estado Nacional.

As novas configurações históricas e as perspectivas econômicas passariam, por sua vez, a reclamar por outras estruturas culturais e artísticas.

Com o advento do Estado Novo, uma nova concepção de Estado tende a conciliar tendências com vistas a cooptar os intelectuais, de modo que esses assumissem a posição de mentores das idéias de construção da identidade brasileira.

A realização desse projeto ideológico coube ao Estado, o qual, além da promoção e difusão da cultura, assegurou uma promoção intelectual desde então legitimada, pois gerada no âmbito do Estado. Nessa perspectiva, os intelectuais funcionaram como representantes da opinião pública, e as suas produções por estarem inseridas na cultura nacionalista retrataram o Brasil – era a própria identidade brasileira.

1.2 Quem disso usa disso cuida

A vocação para elite, segundo Daniel Pécaut tem sido apontada como um traço geral do campo intelectual brasileiro das décadas posteriores aos anos 20 e, numa visão elitista do processo social, acham-se os intelectuais imbuídos de uma missão de salvação nacional que contaria com a ação direta dos intelectuais na política e no Estado, bem como, sua correspondente orientação da classe média. (PÉCAUT, 1990, p. 22-24).

A propósito da missão de salvação nacional a qual esteve ligada ao componente *laços com as elites*, de cujos efeitos fizeram como que cair por terra

as idéias de subverter a posição do intelectual, fato que tanto almejavam os intelectuais dos anos 20, vindo, no entanto, a sucumbirem frente ao que gostariam de haver rompido. O recrudescimento desses laços passaria a acenar para um determinado projeto de intervenção do Estado, tendo por base um *intelectual engajado** politicamente, com vista à realização de empreendimentos culturais promovidos pela Igreja, quando de seu rearmamento institucional, e por partidos de direita.

Como assinala Sérgio Miceli, a Igreja atuou em áreas estratégicas como a do ensino e da produção cultural. Empreendendo, assim, no campo intelectual e editorial através do Centro Dom Vital e da Revista *A Ordem*, instituições que tinham por finalidade a difusão de doutrinas e tomadas de posição dos intelectuais católicos.

Foi assim, com a Revista do Brasil a qual fora editada desde a Primeira República e que segundo Miceli, resultou no maior empreendimento editorial brasileiro, antes mesmo do surto editorial dos anos 30. A Revista do Brasil era de propriedade do Grupo Mesquita que mantinha ligações com a Liga Nacionalista, a qual por sua vez consolidara a facção Mesquita e a oposição democrática. (MICELI, 1979, p. 4-7).

* Intelectual Engajado - uma das acepções do vocábulo, encontrado freqüentemente nos ensaios de caráter sociológico e econômico e na publicidade e atualidade literária e política a qual intelectuais são os escritores "engajados". Por extensão o termo se aplica também aos estudiosos, aos artistas e aos cientistas e a quem tenha no exercício da cultura uma autoridade e uma influência nos debates públicos. O termo, no entanto, merece um maior aprofundamento pois suscita o discutido problema do comportamento político e da atitude crítico e problematizante dos intelectuais que os inclinaria para a oposição de esquerda, e não raramente também para o apoio militante de movimentos revolucionários. Ver, Norberto Bobbio. Dicionário de Política. Vol. 1, p. 637.

No final dos anos 30, não obstante a mudança de estilos no campo literário como o caso dos intelectuais que provinham de setores dominantes em eminente decadência, o restante da década, reafirmaria esses estilos diferenciados sem terem os intelectuais abdicado de uma posição política, o que de fato veio a concretizar-se, mas desta vez como um recurso e uma estratégia de governo no período ditatorial de Vargas.

A cultura nacionalista implantada pelo Estado Novo foi o terreno propício para o encontro de intelectuais possibilitado por uma conciliação de tendências e pela cooptação desses intelectuais pelo Estado.

Para a realização do projeto educativo e cultural do Estado Novo, como se refere Maria Helena Capelato foram criados órgãos específicos com determinadas funções, dentre esses o Ministério da Educação que se encarregou da formação de uma cultura erudita, enquanto o Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP buscava orientar as manifestações da cultura popular. Competia ao DIP, as tarefas de ordenação da imprensa, daí foram criadas sob sua tutela as revistas Cultura Política e Ciência Política. Na primeira, o espaço era para os grandes intelectuais, os quais como ideólogos do regime, deveriam produzir os fundamentos do discurso estadonovista. A segunda, por ter uma linguagem mais acessível tinha o objetivo de decodificar o discurso de Cultura Política com a finalidade de mobilizar e de atingir um maior número de público. (CAPELATO, 1996, p. 30)

O projeto do Estado Novo reconheceu o campo intelectual como um artefato imprescindível à difusão de uma cultura política e utilizou para esse fim uma concepção de intelectual restrito à produção de bens simbólicos, não

necessariamente envolvido com a política. Angela Maria de Castro Gomes assinala que *Cultura Política* reuniu em suas dependências intelectuais de diferentes ideologias, autores de grande projeção de perfil mais ou menos marcado politicamente, representantes da extrema direita católica e de comunistas, prevalecendo o valor de suas contribuições, entre eles, Almir Andrade, que era o diretor, Graciliano Ramos, Nelson Verneck Sodré, Gilberto Freire, Pedro Dantas, Marques Rabelo, e outros, “ficando clara a presença de grandes intelectuais e ideólogos do Estado Novo”. (GOMES, 1996, pp.125-133)

Em análise à *Cultura Política*, Mônica Pimenta defende a questão de o nacionalismo acirrou-se com a conjuntura da guerra, fato que funcionou como elemento aglutinador da intelectualidade, contando ainda com a sua principal preocupação de “espelhar tudo o que é genuinamente brasileiro” (VELOSO, 1987, p. 40). O que não deve ser entendido aqui como não tenha havido repressão às manifestações das oposições, pois a natureza ditatorial do regime implicou em prisões, torturas e exílios e censura que atingiu inclusive dos intelectuais, muito embora a revista tentasse obliterar as verdadeiras intenções do regime por trás de um lema, no qual dizia-se apartidária declarando-se, por conseguinte, não possuir partidos.

Os intelectuais, ao mesmo tempo em que foram vítimas da repressão, foram favorecidos pelo lugar de prestígio que lhes concedeu o Estado Novo, valorizando assim seu papel na sociedade, o que em contrapartida, ao invés das letras funcionarem como armas de luta. Como ressalta Daniel Pécaut, as letras vieram a constituir-se em um mecanismo que tendeu ao consenso, caracterizado pela postura autoritária e desmobilizadora do Estado Novo. (PÉCAUT, 1990, p. 68-69)

Os intelectuais, portanto, organizam-se em determinadas instâncias, obedecendo a ideologias dominantes ou a estruturas impostas tendo como objetivo integrarem-se aos quadros de uma *classe dirigente* que em última análise visa a alcançar o controle do Estado senão, quando cooptados por esse Estado, tratam de uma produção que lhes confira marca e distinção entre os demais produtores de cultura.

Em ambos os casos, os intelectuais valeram-se de um instrumento que cuidou da divulgação e da difusão das suas idéias e de seus posicionamentos, objetivando que fosse esse instrumento o porta-voz de todo um projeto que tinha como base o enfrentamento de uma conjuntura cultural e política que se formara e que, na maioria das vezes, sobre ela se deveria superpor uma outra por eles idealizada, ou simplesmente como estruturadores de uma ideologia por eles projetada e que deles necessita. Desse modo é que as suas contribuições tornam-se imprescindíveis para legitimam-se como *opinião pública*, e assim, passam a ser dignas de expressão.

Seria por demais forçoso entendermos que o papel das revistas no pós-guerra ou no pós-ditadura Vargas atuassem com o mesmo projeto dessas de postura política mais e acentuada, visto tratar-se de uma nova conjuntura política e de uma nova orientação cultural. No entanto, o que podemos observar é que a base ideológica subjacente àquelas iniciativas que varreram os anos 20-30 e alcançaram um grande destaque no início dos anos 40 com o advento do Estado Novo, de certa forma, continuou sendo a mesma: - os intelectuais não abdicaram do lugar de prestígio a eles destinado, distinguidos que foram como a expressão legítima da opinião pública.

Desse modo, apesar da queda da ditadura Vargas, os intelectuais permanecem em seus lugares, conscientes de que haviam servido à cultura do Brasil e não a um regime. Continuam, portanto, a apostar nos empreendimentos culturais, desta vez, reconhecendo neles a possibilidade de uma renovação, pois funcionaram como escopo para manter os intelectuais em evidência. Já a inserção dos *novos*, na maioria das vezes, realizava-se sob o incentivo dos intelectuais mais antigos ou ditos *consagrados*.

Configurando-se como um meio à *permanência* desse status alcançado, considerando as posições anteriormente analisadas, o emergente mercado editorial (o qual se delinear a partir de uma reafirmação da profissão de escritor e pelo aumento de edições que visavam não só ao leitor comum, mas também aquelas de conteúdo didático decorrente dos currículos provenientes das novas categorias de curso de escolas e faculdades) incluía-se o mercado de periódicos, de jornais e de revistas culturais, que corria paralelo ao do livro. Esse contagiante clima ocasionado pelo volume de publicações, por sua vez, passou a constituir-se em *objeto de desejo* por parte daqueles escritores (os consagrados e os novos), que reconheciam nessas edições um meio acessível, eficaz e rápido de atingir um maior público em um menor espaço de tempo.

Importante notarmos que esses empreendimentos editoriais são em geral de iniciativa privada, o que pressupõe um estigma hierarquizante, pois na medida em que os consagrados assumem a posição de direção desses periódicos.

Os novos, por sua vez, vão adentrando ao espaço das edições atuando como colaboradores, como redatores, já que eram postulantes aos quadros de

escritores da revista e daí, pertencer ao destacado grupo dos intelectuais da revista.

Por outro lado, essas iniciativas revestem-se de uma perspectiva institucionalizada, em termos de um domínio público por forças de elementos que constituem uma dominação simbólica, no sentido de que realçam e dão destaque ao grupo em função de uma coesão social permitida pela adesão afetiva do grupo* . (HALBWACS, 1950, p. 11).

1.3 Dar direito a quem é de direito

... No Ceará a literatura nunca foi esforço inútil. Ali as academias e os grupos literários agiram com agressividade.

José Lins do Rego

Não obstante a ampliação de carreiras ocorridas até meados do século XX, no Ceará, o direito e a sua conseqüente titulação de bacharel, se constituiu desde o século anterior, em uma possibilidade de ascensão social concentrando até a metade do século seguinte um contingente de intelectuais que se reuniam em torno de agremiações culturais.

As agremiações culturais no Ceará surgem de um modo mais assíduo a partir da segunda metade do século XIX. A disposição com que os intelectuais

* Nesse sentido, reutilizamos e redimensionamos o conceito de “comunidade afetiva” de HALBWACS, Maurice.

reuniram-se constituiu uma marca em nossa história cultural e literária, não obstante o caráter por vezes transitório dessas agremiações.

A presença de bacharéis em direito na formação dessas agremiações foi uma nota constante a qual se fez soar como dominante desde o último quartel do século XIX, sobressaindo-se nos quadros de Academia Francesa.

Passando a compor outras associações daquele século os bacharéis marcam uma presença a qual se estendeu até a chamada geração de 45 do século XX, comparecendo vigorosamente entre os que participaram da revista e do Grupo Clã.

Essas agremiações, tomando para si as idéias vindas de fora como no caso da Academia Francesa do Ceará, que influenciada pelo eco já distante da Revolução Francesa, do positivismo de Comte e do predomínio das idéias científicas teve influências internas advindas de um centro regional e cultural da época – Recife.

Na capital pernambucana, muitos dos jovens do *norte* e, em particular, os do Ceará, iam beber não apenas as *novidades* intelectuais, mas principalmente, bacharelar-se no Curso Jurídico da Faculdade de Direito de Recife, a qual desempenhou a função de formadora dos futuros candidatos a intelectuais da classe dirigente, bem como, se tornou uma instituição uniformizadora no que diz respeito a regionalização da cultura nordestina do final do século passado e início do século XX.

A extensão desse fenômeno e da intensidade dessa relação sócio-cultural é analisada por Teresinha Queiroz, quando diz:

(...) A “homogeneidade” cultural, em que as escolas superiores de Direito tiveram papel de não pequena importância, se estende pelo menos do Amazonas à Bahia, passando pelo Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. As relações sociais e culturais desse “norte” difuso são bastante intensas e essa intensidade resulta em boa medida da “emigração” contínua de bacharéis que se dá na República por pressão política e econômica e que no Império ocorria em virtude de práticas administrativas próprias. (QUEIROZ, 1998, p. 88).

As escolas de direito no Brasil, e mais especificamente para nós a de Recife, foi em parte, responsável por uma “homogeneização cultural”, tratando-se do Nordeste em uma análise mais restrita, não obstante as práticas e as pressões inerentes a cada um dos sistemas e que de uma maneira mais geral, como expõe a autora, no Império e na República, deixaram marcas duradouras na cultura das elites dirigentes do país.

1.4 Bajulações no Palácio da Luz

Situando-se neste contexto, temos conhecimento de uma manifestação literária no Ceará, na Fortaleza dos idos de 1813, quando o grupo dos *Oiteiros*, notabilizaram-se pelas reuniões realizadas sob o auspício do então governador Inácio Sampaio. As sessões davam-se na própria residência do governador, na qual funcionava a sede do governo e, depois veio a ser denominada Palácio da Luz (hoje abriga a atual sede da Academia Cearense de Letras).

Os historiadores de nossa literatura classificaram a produção dos poetas dos *Oiteiros* como neoclássica, cuja poesia era de cunho *louvineiro* aos heróis e eivada de *bajulação* ao Governador Sampaio. No entanto, essa poesia, como bem podemos observar nos versos dos tercetos do Soneto de Pacheco Espinosa é portadora de uma série de informações que evocam a preocupação e o espírito da época:

(...) *Venceu a justa causa: aniquilado*
Esse monstro ficou, esse Tirano,
Que há de perpetuamente ser odiado
Regozija-te ó bravo lusitano!
Vivas repete, Exército aliado!
Exulta de prazer, Americano²!

O poeta dos *Oiteiros*, embora morasse no Ceará, era natural da Ilha da Madeira, e segundo Sâncio de Azevedo, foi à época um dos principais comerciantes em Fortaleza, integrado desde então, aos fatos ligados à nossa independência. (AZEVEDO, 1976, p. 20). O *Tirano* de seus versos,-- Napoleão que ordenou às tropas do General Junot a invadirem Portugal, mas derrotado pelo Exército aliado inglês, prussiano e austríaco; o *Americano* aqui representa o povo brasileiro que ao lado do lusitano comemoraram a derrota de Napoleão.

Na condição de comerciante, um dos ofícios em ascensão na Fortaleza de então, que o teria tornado *bem sucedido*, o dispensaria de haver um título acadêmico e o que o possibilitou aproximar-se ao Palácio e ao Governador. O comerciante *bem sucedido* junto ao incentivo do Governador desenvolveu seu talento de poeta, ao mesmo tempo em que este incentivo era recompensado com os versos de louvor relacionados às benfeitorias feitas à cidade pelo Governador.

Essas benfeitorias eram por sua vez, a temática da poesia palaciana, o que ainda se repete nos versos do quarteto de Antônio de Castro e Silva, Capelão do governador:

Este obséquio, Senhor, que vós envia

Meu ânimo fiel, curto parece.:

Mas quem o pouco que possui oferece,

Se mais tivera, muito mais daria³ (...).

O tom reverencial e lisonjeiro, adotado por nossos neoclássicos, estava no entanto, em sintonia com os preceitos da arcádia européia no sentido de que entre outras coisas, se deveria celebrar os Deuses, os Heróis e os Homens ilustres. (AZEVEDO, 1976. P. 23). O que se contrapõe em parte ao arcadismo mineiro que se revestira de um componente ideológico, o qual se devia, como cita Bosi, às teses ilustradas, sem, no entanto, prescindir de clareza e simplicidade, aspectos pelos quais a nossa poesia supera àquela cultista. (BOSI, 1982. P. 66-7).

Mais tarde, o grupo dos Oiteiros, provavelmente, devido ao afastamento do mecenas do governo, cai no esquecimento, tendo Mozart Soriano Aderaldo em um estudo sobre a literatura cearense entendido serem *mediocres* os versos dos Oiteiros, atendo-se o crítico a uma análise pura de conteúdos, desconsiderados os contextos histórico-literário e sócioeconômico do período. (ADERALDO, 1986, p.7).

1.5 Academia, Clube e Padaria

Surgida por volta de 1873, a Academia Francesa, como o nome bem sugere, foi inspirada no ideário da Revolução Francesa. Essa agremiação teve o mérito de haver difundido entre nós as idéias filosóficas francesas, tendo por outro lado, representado a reação ao romantismo no Ceará em contraposição à escola germânica de Recife de Tobias Barreto e de Sílvio Romero.

Tomaram parte da Academia Francesa, Rocha Lima e Capistrano de Abreu, os quais estiveram em Recife, mas não chegaram a concluir ali nenhum curso superior. No entanto, integraria a Academia Francesa Tomás Pompeu de Sousa Brasil Filho, Tristão de Alencar Araripe Júnior e Xilderico Faria, os quais bacharéis pela Academia de Direito de Recife.

Anterior à Academia Francesa, o jornal *A Fraternidade* foi o veículo aglutinador daqueles que formaram a Academia embora nem todos que pertenceram à Academia encontrarem-se nas atividades do jornal. A Fraternidade fez à época, oposição aos bispos brasileiros da conhecida *Questão Religiosa*. A Academia distinguiu-se por seu caráter filosófico e, ainda, criaria a *Escola Popular*. A Escola Popular, segundo Mozart Soriano Aderaldo era uma entidade que sofreu a influência liberal-maçônica desse tempo. (ADERALDO, 1984, p. 16).

Logo após, a agitação dos liberais, é criado em 1875, o Gabinete Cearense de Leitura, que significou um retorno à calma através dos livros. Mas o movimento abolicionista de 1880 a 1884 foi o que sacudiu a sociedade cearense no sentido de apagar a “mancha” da escravidão.

O interstício ocasionado pelo Gabinete Cearense de Leitura deu lugar a um movimento de clara feição política-social, – o movimento abolicionista.

O movimento estimulou a circulação de *O Libertador*, periódico da *Sociedade Cearense Libertadora*, responsável pela divulgação das idéias antiescravocratas. A criação das sociedades emancipacionistas, nas quais, na visão de Mozart Soriano Aderaldo, transitavam os mais moderados; ao contrário dessas, as sociedades libertadoras, por sua vez eram de consistência mais radical* : (ADERALDO, 1986, p. 12). A alternância e o ânimo entre os dois tipos de sociedades teria agitado não só o ambiente político como o literário** .

Como podemos observar na segunda estrofe do poema em redondilha maior, intitulado Bravos de autoria de José Justiniano de Serpa, o tom enérgico e incisivo de seus versos.

*Quão bela é vossa missão,
Sublimes Libertadoras!
As sombras da escuridão
Vós transformais em auroras!
Loiras filhas dos palmares,
Fazeis dos vossos olhares
Raios partindo grillhões;
E querubins da vitória,
A oiro bordais a história
Das nossas revoluções⁴!*

* Essa tipologia de moderados e radicais nos é dada por Mozart Soriano Aderaldo.

** Embora não se configurasse em um movimento literário, o movimento abolicionista no Ceará, teria sensibilizado alguns intelectuais escritores a emprestarem seus dons literários à causa abolicionista, a exemplo dos cognominados “Poetas da Abolição, Antônio Bezerra, Justiniano de Serpa e Antônio Martins.

Apesar da presença feminina desempenhar no texto uma função simbólica, tanto a Sociedade Cearense Libertadora como os versos aqui citados eram compostos por homens.

A poesia abrilhantava o tom solene das sessões da sociedade, mas nem por isso, suplantava-lhe o aspecto precípua, ou seja, o de acirrar o debate em favor da campanha abolicionista. Com base neste princípio, se deu a instalação da Sociedade Cearense Libertadora, em 8 de dezembro de 1880, por ocasião de uma das sessões solenes da já atuante Sociedade Perseverança e Porvir. (O Libertador, jan. 1881, p. 1).

Justiniano de Serpa foi um desses intelectuais que apesar de nascido em Aquiraz, no interior do Ceará e de origem humilde, conseguiu bacharelar-se pela Academia de Direito de Recife. Como bacharel foi eleito deputado e chegou a alcançar o cargo de Presidente do Estado. Através das páginas do *O Cearense*, jornal do *Partido Liberal*, confirmaria sua posição político-partidária. Assim o seu título acadêmico, a sua participação política aliada às atividades jornalística e a de poeta das causas sociais, teriam sido fatores que influenciaram a sua posição de intelectual e de político naquele fim de século.

Animados pelo sucesso do movimento abolicionista o qual culminou na abolição dos escravos, (primeiro em Acarape, em janeiro de 1883 e após quatro meses, Fortaleza também abolia a escravatura, para finalmente, em 25 de março de 1884 no estado) floresceu ,em 1886 o Clube Literário do Ceará.⁵

O gosto literário daqueles intelectuais levou-os à fundação do Clube Literário, este, não mais de natureza sócio-política vivenciada pelo movimento abolicionista, ou de cunho filosófico ao estilo da Academia Francesa do Ceará.

Caracterizou-se, essa fase por uma maior abrangência no espaço litero-cultural*.

Fizeram parte do Clube literário alguns escritores já conhecidos, tendo integrado-se depois ao Clube, outros nomes os quais participaram como relatores ou como colaboradores da revista *A Quinzena* que era o órgão na imprensa, do Clube Literário.

Cinco anos após a fundação do Instituto do Ceará**, em 1892, foi instituída a *Padaria Espiritual*, uma agremiação caracterizada pelo espírito pilhérico de seus participantes e o ineditismo de sua proposta. A *Padaria Espiritual* representou um contraste ao Instituto Histórico que sempre se pautou pela insígnia científica de sua proposta.

Com repercussão no país pela originalidade do seu programa, que entre outras inusitadas proposições, o destaque fica para o de fornecer o *pão do espírito aos sócios* e aos demais necessitados.

Movida pelo espírito de inovação inicial, a agremiação passaria depois a uma fase que identificamos como menos convulsiva e, por quanto, mais produtiva no que diz respeito às publicações de poesia, de conto, e de romance. Para a difusão de sua produção, a Padaria contava com *O Pão*, jornal que também tratou da divulgação do pensamento daqueles que fizeram a Padaria Espiritual.

* Mozart Soriano Aderaldo identifica o Clube Literário como de natureza “eminente cultural”.

** Instituição diferenciada das demais associações culturais por seu caráter formal e científico. Ademais do aspecto literário voltado para difusão da História, da Geografia, da Antropologia e das Ciências Correlatas, o instituto é pautado, em especial, nas notas constante do que se refere ao Ceará. (Inst. Do Ceará. Estatuto 1988. p.3).

A Padaria Espiritual antecipou entre nós o movimento modernista, particularmente, por condenar nas obras literárias alusões a nomes de animais e vegetais estranhos a nossa fauna e flora o que veio a corresponder à onda de *nacionalismo* e de *verde-amarelismo* difundida, posteriormente pelo movimento.

A mesma projeção nacional conseguida dois anos antes pela *Padaria Espiritual* não alcançou o *Centro Literário*, todavia chegaria ao Rio de Janeiro notícias da sua existência.

Diferente dos outros grupos intelectuais do final do século XIX, o Centro Literário sobreviveu por cerca de dez anos, conseguiu assim, ser a nota distonante se considerarmos a marcante, porém breve, ou ainda a curta duração dos demais agrupamentos.

Segundo o pesquisador Sânzio de Azevedo, o Centro Literário surgiu para fazer frente à Padaria Espiritual (AZEVEDO, 1976, p. 167). Sabemos outrossim, que os centristas combatiam o exclusivismo oriundo da Padaria Espiritual, fato esse que motivou alguns “*padeiros dissidentes*”, a entrarem para os quadros do Centro, o que por outro lado, teria contribuído para o engrandecimento do número de sócios centristas.

Não obstante ao número de sócios, números a revista *Iracema* – órgão do *Centro Literário*, não alcançou muitos números, e circulou de abril de 1895 ao final do ano seguinte.

Assumindo um perfil literário só a partir de 1922, a Academia Cearense (1894) aparece com uma outra denominação – Academia Cearense de Letras, a exemplo das academias congêneres.

Poucos anos depois é criada a Academia de Letras do Ceará, a qual termina por fundir-se à Academia Cearense de Letras, que em 1951 passa a denominar-se pelo nome daquela mais recente ou Academia de Letras do Ceará. A revista da Academia após uma pausa continuou sua publicação a partir de 1937, mas seguindo a numeração de 1896, ou seja, a numeração de dois anos após a fundação da entidade que é de 1894. (Antologia ACL, 1994, p. 7-8).

O período *exclusivista* da *Padaria Espiritual* é sucedido pelo período mais liberal e eclético do *Centro Literário* e da *Academia Cearense*, enquanto o Clube Literário inaugura o espaço em que é privilegiado os assuntos em torno da literatura. Esse espaço foi posteriormente assumido pela Academia Cearense de Letras de 1922.

Com a revista Ceará Ilustrado, dirigido por Democrito Rocha, inicia-se no Ceará um período diferenciado dos anteriores por apresentar uma produção menos compartilhada e mais autônoma.

A suspensão da Ceará ilustrado foi seguida da fundação do diário O Povo do mesmo Democrito Rocha. Para a redação daquele jornal foram muitos dos intelectuais que lidavam nas letras, o que favoreceu uma articulação do espaço jornalístico com o literário. Essa nova acomodação de espaços resultou na performance intelectual e tornou O Povo uma publicação diferenciada e um representante da cultura do modernismo no Ceará.

Algumas revistas e periódicos ainda surgiram motivados pela cultura renovadora de 22. Uma das publicações que mais se destacaram foi a revista Maracajá que era um suplemento de Povo.

Como assinala Vera Lúcia Albuquerque de Moraes, o suplemento patrocinou e animou a intelectualidade cearense, pois surgiu em 1929, ou seja, “no auge da polêmica entre modernistas e passadistas”.

Merece destaque a revista Cipó de Fogo que sucedeu à revista Maracajá e deu continuidade ao suplemento oferecendo apoio à implantação das tendências estéticas.(MORAIS,1975,p.28).

Essas últimas iniciativas, porém não lograram o espaço alcançado pelos grupos e periodicos que os antecederam, assim como não obtiveram a dimensão da representatividade cultural que dominou o periodo imediatamente posterior, do qual resultou o empreendimento idealizado nos anos 40 e foi vivenciado pelo grupo e revista Clã.

1.6 Jornal ou revista, eis a razão

A atividade jornalística revestira-se de importância central no sentido de ser ponto de convergência dos intelectuais.

Concentrando intelectuais de origem aristocráticas ou não, desde os que já atuavam no século passado, aos que atuavam nas primeiras décadas do século XX, os jornais e as revistas constituíram-se em um privilegiado meio de divulgação da produção intelectual, sem, no entanto, descurarem de alguns objetivos os quais iam além da consagração intelectual.

Sobre a representação da atividade jornalística para os intelectuais, assinala Ângela de Castro Gomes:

(...) o jornal cumpria, ou melhor, deveria cumprir, de forma reconhecida pelo “pequeno mundo intelectual”, a tarefa de formador da opinião pública, sendo percebido como uma dimensão paralela e essencial da atividade política (...).

Atuar em jornais e participar de núcleos menores e mais seletos, como o das revistas, era fundamental, não só porque fazia parte de qualquer estratégia de ascensão intelectual (o que não ocorria sem suportes político-sociais) mas também porque os periódicos eram a base da circulação de idéias da época. Aliás, a luta de idéias, que integra a dinâmica de um campo intelectual, até a virada do século assumiu uma forma explícita e contundente, que recorria ao jornal como locus de manifestação e amplificação. (...)” (GOMES, 1996. P. 45).

Cumprindo assim, a tarefa de formador da “opinião pública” o que nem sempre foi entendida como satisfatória, o jornal e a revista caminhavam paralelos, fosse como meio “essencial `a atividade política”, fosse como parte integrante da “estratégia de ascensão intelectual”.

Assumi o jornal na virada do século XIX para o século XX, o “lugar” de manifestação das lutas de idéias, bem como, foi o meio de ressonância mais nítido dessas idéias.

No contexto cultural do Ceará, os periódicos cearenses assumiram dentro das agremiações, estas literárias ou não, o ponto do mais elevado destaque. Servindo como porta-voz de um determinado ideário e noticiando

acontecimentos de interesse à época, configuraram-se, na maioria das vezes, como órgãos oficiais das instituições a que pertenciam, ou muitas das vezes, algumas agremiações originam-se em torno daqueles noticiosos como o foi *A Fraternidade* jornal que reuniu os que depois vieram a formar a *Academia Francesa do Ceará*.

Os periódicos, de um modo geral, proliferaram no Ceará, notadamente no século XIX. Logo após a fase neoclássica da literatura cearense, como informa Mozart Soriano Aderaldo, saía o primeiro jornal cearense – *Diário do Governo*^{*}, em 01 de Abril de 1824.

Como órgão oficial da Confederação do Equador. O periódico de vida breve cessou sua edição tão logo malogrou-se o movimento republicano e, não obstante tratar do momento republicano, foi a iniciativa preconizadora de outras mais duradouras. (ADERALDO, 1984, p. XI)

Desse período ao ano de 1840, notamos a ausência de periódicos, em particular os de proposta cultural. Fosse pelo o momento ocasionado pela dissolução da Assembléia em 1823, tendo D. Pedro I centralizado seu governo em torno do Poder Moderador, o qual era o próprio Imperador, e fôssemos ainda considerar, o contexto histórico das lutas e conflitos da declarada postura republicana, a qual teria contribuído, para arrefecer os ânimos de algumas iniciativas noticiosas que já haviam ensaiado os seus primeiros passos no sentido da oposição ao Imperador.

* Tomamos conhecimento de um jornal na imprensa carioca com o mesmo título, o qual a partir de janeiro de 1823 a maio de 1824, marcara presença pelo seu enfrentamento à Assembléia Constituinte de 1823. In: Lustosa, Isabel. Insulto Impressos, 2000, p. 17.

Com a organização dos partidos *Conservador* e *Liberal*, em 1840, começaram a circular as edições dos jornais *Pedro II*, órgão do partido *Conservador* e, *O Cearense*, jornal dos liberais que teve a frente Tomaz Pompeu de Sousa Brasil. Esses jornais, muito embora fossem de cunho político não impossibilitaram as divulgações da produção literária que se fazia à época, vez que em 1849, o jornal *Sempre-Viva* de teor literário, foi editado nas oficinas do Jornal Pedro II.

Colaboraram no jornal *Sempre-Viva* o poeta Juvenal Galeno da Costa e Silva e Gustavo Gurgolino de Sousa, tendo o primeiro, como assinala Sânzio de Azevedo, iniciado o Romantismo no Ceará*, em 1856, com a publicação do livro *Prelúdios Poéticos*, no Rio de Janeiro⁶.

É do mesmo ano de circulação do *Sempre-Viva*, a instalação em Fortaleza da livraria, de propriedade de Manuel Antônio Rocha Júnior. A livraria que à época, trabalhava com empréstimo de livros, nos daria o indício de que reinava uma certa agitação cultural na cidade.

A circulação de um outro periódico – *A Estrêla*, teve como redatores Antônio Bezerra e José Barcelos. O primeiro, ficaria mais tarde, conhecido como um dos Poetas da Abolição, por haver combatido na causa antiescravocrata através de seus versos. *A Estrêla* circulou entre os anos de 1857 e 1859, este último ano marcado pela chegada à Fortaleza, da Comissão Científica de Exploração, da qual fez parte a poeta Gonçalves Dias.

* Sânzio de Azevedo segue a mesma orientação de Antônio Sales em referência ao início do romantismo no Ceará. Acrescente-se, ainda o fato de Antônio Sales haver conferido aos “*Prelúdios Poéticos*”, de Juvenal Galeno o marco inicial da literatura cearense, desconsiderando, portanto as manifestações literárias anteriores.

A Comissão Científica de Exploração que como esclarece Renato Braga, foi fruto de uma das sessões do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro presidida pelo próprio Imperador D. Pedro II, e que objetivava explorar algumas províncias menos conhecidas do Brasil. (BRAGA, 1962, p. 15).

Como membro da Comissão, o escritor Gonçalves Dias^{*}, assumia o encargo de responsável pela seção Etnográfica e Narrativa de Viagem da Comissão⁷.

É de 1873 o início da circulação do jornal *A Fraternidade*. O jornal reuniu os que futuramente, organizaram a Academia Francesa do Ceará. Através de suas páginas, o jornal condensava o pensamento daqueles mações contra o posicionamento dos bispos Dom Vital, de Olinda e de Recife e Dom Macedo Costa, do Pará, na chamada *Questão Religiosa*. O periódico também faria violento combate ao jornal *Tribuna Católica*.

O Jornal *A Fraternidade* teve entre seus fundadores, Tomaz Pompeu de Sousa Brasil Filho e Xilderico de Farias, ambos bacharéis pela Academia de Direito de Recife. Mais tarde, Tomaz Pompeu iria fundar e dirigir a Faculdade de Direito do Ceará, como também, iria destacar-se como político e professor, tendo escrito sobre temas científicos e históricos. Companheiro de Tomaz Pompeu na Academia de Recife, Xilderico de Farias foi secretário de governo do Piauí e exerceu a função de juiz no Pará⁸.

Fizeram ainda parte do grupo da Academia Francesa do Ceará e do grupo de bacharéis da Academia de Recife, Capistrano de Abreu e Tristão de Alencar Araripe Júnior, os quais, não pertenciam à redação do *Fraternidade*, ao contrário

^{*} Antônio Gonçalves Dias foi professor de História e Latim no Colégio Pedro II; foi secretário dos Estrangeiros.

de João Brígido, que participara das atividades jornalísticas e planfetárias do jornal, no entanto, não fazendo parte da Academia Francesa do Ceará, mantendo nela laços de amizade com os seus membros.

Anos após a agitação do pessoal da Fraternidade, um movimento não menos fraterno, ocasionou uma espécie de convulsão à sociedade cearense – o movimento abolicionista. O movimento transcorrido entre os anos de 1880 a 1884, fazia circular o jornal *O Libertador*. O jornal foi aglutinador não só dos que desenvolviam atividades jornalísticas, mas de intelectuais poetas e escritores, preocupados com a “nódoa da escravidão”.

O movimento abolicionista atingiu proporções não só por sua feição política-social, mas também pela literária.

Dentre as literárias, citamos a publicação do livro *Três Liras* de autoria dos *poetas da abolição*: Antônio Bezerra, Antônio Martins Júnior e Justiniano de Serpa, a qual se deu por ocasião da companhia abolicionista. As *Três Liras* de teor social e temática antiescravocrata tinha a função de arrebatam auditórios pelo tom declamatório dos seus versos que eram geralmente em decassílabo ou redondilha maior.

Entre os autores das *Três Liras*, Justiniano de Serpa foi o que alcançou, na política um espaço de destaque considerável. Como informa Sânzio de Azevedo o escritor teve poemas publicados no jornal *O Cearense*, do qual já nos referimos anteriormente. (AZEVEDO, 1976, p. 77-89).

A exemplo do jornal *A Fraternidade* que servira de embrião à formação da Academia Francesa do Ceará, partiu da redação do jornal *O Libertador*, a idéia

da criação do Clube Literário. Na Academia Francesa do Ceará, no entanto, *A Fraternidade* continuou a ser o jornal oficial da agremiação, porém o mesmo não aconteceu ao Clube Literário, o qual faria circular um outro periódico que foi *A Quinzena*, que iniciou sua circulação em 15 de Janeiro de 1887, e prosseguiu até 10 de Junho de 1888.

Assim como o Clube Literário, *A Quinzena*, também foi idealizada por João Lopes e teve como redatores o mesmo João Lopes, Antônio Martins, Abel Garcia, José de Barcelos e José Olímpio, e mais tarde, comporia este quadro os nomes de José Carlos Júnior, Oliveira Paiva e Martinho Rodrigues.

Como integrantes do Clube tivemos a presença de Oliveira Paiva, Antônio Sales, Rodolfo Teófilo, Farias Brito, José Carlos Júnior, Xavier de Castro; estes participaram como colaboradores da *A Quinzena*, além de outros nomes como: Juvenal Galeno, Paulino Nogueira, Papi Júnior, Álvaro Martins e os já mencionados Poetas da Abolição, Antônio Bezerra, Justiniano de Serpa e Antônio Martins, sendo este último, também redator da revista⁹.

“A Quinzena é uma publicação puramente literária (...)”, assim expressou-se seu fundador João Lopes na coluna intitulada Preliminares, no primeiro número da revista que é de 15 de janeiro de 1887¹⁰.

Fosse o fato de ser puramente literária que naquela revista iniciaram-se muitos dos que mais tarde firmaram-se no cenário dos escritores cearenses.

João Lopes fala nas Preliminares, sobre as dificuldades das letras que mesmo na metrópole, constituíra-se em uma atividade não lucrativa:

Si na capital do império, metrópole da civilização sul americana, o meio não é propício ás letras e as publicações exclusivamente literárias mal podem, romper a espessa crosta da indiferença pública (...).

Vão assim objetar-nos os homens práticos, que por pouco que saibam, sabem bellamente, sentenciar ex-cathedra que nosso público é infenso, sinão hostil a isso a litteratura “que não bota ninguém para adiante.

E, entretanto, é a imprensa partidária quem abre caminho para os empregos, quem sagra beneméritos os amigos, que traz pela rua da amargura os adversários, quem institue tenentes-coronéis e destitue subdelegados. (A Quinzena, nº 1, jan. 1887)

É visível ao presidente da revista o conhecimento da realidade literária, no entanto reconhece que a imprensa partidária teria responsabilidades, quando não admite o merecido valor os que trabalham com as letras e favorece aos amigos, menos capazes com empregos e coloca os adversários, *na rua da amargura*. Aqui no caso, os adversários eram os que não se colocaram à disposição da política partidária, ou seja, o grupo dos que faziam o *Clube Literário* e os da *Quinzena*, comprometidos que eram com as letras e em divulgar o que fosse *puramente literário*.

Sobre o afastamento do intelectual da política nesse período, Ângela de Castro Gomes diz:

Feitas a abolição e a república, e ultrapassado os anos entrópicos do militarismo e do jacobinismo, tratava-se de rearticular o campo intelectual em novas bases, mais afastadas dos engajamentos políticos

e das questões culturais que assolaram as décadas de 70 e 80 do século passado (...) (GOMES, 1996, p. 45).

Notamos que a partir do *Clube Literário* e d'A *Quinzena* os homens de letras acenavam para o desempenho da atividade literária, sem um explícito *suporte* político através do qual a *imprensa partidária* encarregou-se de exortar os amigos e execrar os adversários.

Isso foi objeto da veemente crítica por parte do presidente d'A *Quinzena*, João Lopes, o qual, já tinha advertido sobre a “espessa crosta da indiferença pública” ao trabalho eminentemente literário.

Devido a essa tonalidade literária, os que participaram do *Clube Literário*, excetuando-se os já mencionados por pertencerem, inclusive a outros periódicos já estudados, destacamos os que se classificam em um perfil diferenciado. Senão vejamos: Rodolfo Teófilo e Antônio Papi Júnior que tantas semelhanças tiveram no percurso de suas vidas: o fato de não serem cearenses e de passarem parte de suas vidas intelectualmente ativas, em Fortaleza; de terem exercido, anterior a atividade de escritor alguma função profissional, porém, mais tarde, dedicarem-se à literatura, e nessa mesma cidade viriam, inclusive a falecer. Finalmente, se assemelham por não terem ocupado cargos eletivos, ou ainda por não haverem exercido funções políticas, o que reforça a nova configuração do período em relação ao campo literário.

Passado o momento compenetrado caracterizado pelos intelectuais do *Clube Literário* e d'A *Quinzena*, os tempos da *Padaria Espiritual* significa, por sua vez um momento mais descontraído, sem contudo significar de menor fecundidade.

Fundada em 1892, e reorganizada em 1894, *A Padaria Espiritual* ostentou em seu quadro de sócios, nomes já conhecidos como Antônio Sales, Rodolfo Teófilo, José Carlos Júnior, sendo estes, pela ordem, seus dirigentes. Participaram ainda, Jovino Guedes, Álvaro Martins, Lopes Filho, Henrique Jorge, Lívio Barreto, Adolfo Caminha, Eduardo Sabóia, entre outros¹¹.

O caráter irreverente d'O Pão faria estampar no editorial do primeiro número:

O leitor conhece os estatutos da Padaria Espiritual?

Naturalmente.

Então, já devia estar à espera do jornal que prometeu crear,

Com o nome de Pão

Eil-o com a mesma somma de diretos com que os outros seus collegas percorrem profusamente o mundo inteiro

O seu programa é muito simples: transmitir ao leitor com a maior exatidão o que sente e o que pensa a Padaria Espiritual sobre tudo e sobre todos

Não obedece a sugestões estranhas, nem tão pouco toma a si o compromisso de agradar, em compensação, de modo algum ameaça hostilizar.

Promette apenas uma coisa: dizer sempre a verdade, doa este em quem doer

Não promete ser eterno; deseja porém, viver o mais que possível (...)

(O Pão, nº 1, jul, 1982).

O gênio irrequieto de O Pão contrapor-se-ia às atitudes formais e bem comportadas dos intelectuais do Clube Literário e daqueles da revista A Quinzena, pois enquanto estes tinham a proposição de publicar o que fosse

puramente literário, O Pão declarava ser o porta-voz da Padaria Espiritual e “sobre tudo e sobre todos”, optando por um pluralismo temático ao mesmo tempo em que buscava ser independente quando diz que não “toma a si o compromisso de agradar”, mesmo porque o seu exclusivismo não permitia críticas ou “sugestões estranhas”.

Outras considerações pertinentes sobre a Padaria são sugeridas por Pedro Nava quando diz que a Padaria Espiritual “era meio fraternal, um tanto maçônica”, e acrescenta “A Padaria era extremista, socializante e levemente anarquista”. (NAVA, 1972, p. 320).

Em análise mais contundente Wilson Martins define-a como “o microcosmo da República”, mas um republicanismo não rigoroso e que começou a dissolver-se entre as desilusões e as abdições dos seus fundadores sem falar da “reinvestida das forças ultramontanas” (MARTINS, 1978, pg. 403).

O Pão teria suas edições interrompidas, voltando a ser editado em 1895 até outubro de 1896, quando atingiria os 36 números.

Dois anos após a fundação da *Padaria* espiritual foi criado o Centro Literário, o qual teve como órgão de divulgação a revista *Iracema*. Os centristas eram em parte oriundos do *Clube Literário*, como também ali, encontramos os *dissidentes* da *Padaria Espiritual*. Juntam-se, ainda o Barão de Studart, Soares Bulcão, Fiúza de Pontes, José Albano e Quintino Cunha, dentre outros, que fizeram parte da Academia Cearense. Pelo fato de encontrarmos esse trânsito de intelectuais e de agremiações, faremos um estudo de alguns desses intelectuais tão logo seja oportuno.

A mais severa contestação aos *padeiros* viria da Academia Cearense que também é fundada no ano de 1894. Muito embora a fase inicial não fosse nitidamente literária, a Academia originária mais tarde a Academia Cearense de Letras, essa era definida e constituída de fins literários.

A Academia Cearense faria circular a partir de 1896, a Revista da Academia Cearense, a qual circularia até 1914. Nos 19 periódicos foram publicados artigos de diferentes temas: Biografia, História, Geografia, Literatura, Direito, Filosofia, etc.

Tanto a revista da Academia Cearense como a própria Academia, reunia intelectuais consagrados ou não, republicanos ou monarquistas, católicos ou agnósticos, bem como, médicos, advogados, engenheiros, filósofos, poetas, historiadores. Juntas, Academia e Revista representavam um novo ordenamento do campo intelectual.

O fato de possuírem uma estrutura formal e regularizada, representada por uma tessitura intelectual organizada, nos moldes do Instituto do Ceará* é identificada segundo a classificação de Raymond Willians para as instituições culturais formais modernas. (WILLIANS, 1992, p. 68).

Participavam desse projeto, dentre outros, o seu fundador Guilherme Studart, que já fundara anteriormente o Centro Abolicionista, O Instituto do Ceará e outras entidades religiosas o que lhe rendera o título de Barão de Studart;

* Instituição formal - designa um determinado tipo de organização interna regularizada, a qual mantém nítidas relações com a sociedade, e que assim, facilita a análise dessas formações culturais, ao contrário daquelas associações relativamente informais, as quais, também são importantes no âmbito cultural moderno. O Grupo Clã, com base ao que propõe Raymond Willians, não se fundamentou na participação formal dos associados, mas se organizou em torno de uma “manifestação pública coletiva” ou seja organizou-se através de um periódico, - a Revista Clã.

Justiniano de Serpa do qual já tecemos comentários; o filósofo Farias Brito que também pertenceu ao Centro Literário; o professor e militar Franco Rabelo; Valdomiro Cavalcante, jornalista, promotor de justiça e membro da Padaria Espiritual; o historiador Tomás Pompeu de Sousa Brasil Filho, bacharel pela Academia de Recife, exerceu atividades jornalísticas foi político e professor, fundou e dirigiu a Faculdade de Direito do Ceará.

O historiador Bezerra de Menezes e muitos outros nomes que embora pertencessem ou já houvessem pertencido a outras agremiações, passaram a ver na Academia uma nova perspectiva de afirmação, não obstante o fato de alguns deles por serem também historiadores e já pertencerem aos quadros do então distinguido Instituto do Ceará.

A revista da Academia Cearense estivera fora de circulação durante 23 anos, justificando-se para tanto, as reorganizações e reformas ocorridas, uma em 1922 e outra em 1930, vindo a fundirem-se Academia Cearense e Academia de Letras do Ceará, passando ainda por uma outra reformulação a qual se deu em 1951, vindo a denominar-se *Academia Cearense de Letras*.

Desde 1937, no entanto a Revista da Academia Cearense iniciou a sua circulação fazendo referência a uma segunda fase, considerando, assim com a primeira fase aquela compreendida entre os anos de 1896 à 1914, sendo este último o ano em que a revista deixara de circular. (ANTOLOGIA, ACL. 1994, p. 7-16).

Apesar das alterações no número de 28 para os 40 componentes atuais, consideramos para o nosso estudo os 28 fundadores, dos quais 15 eram bacharéis em Direito. Entre os já mencionados Justiniano de Serpa, que pertenceu ao Clube

Literário, Drumond da Costa, bacharel pela Academia de Recife, foi Juiz e jornalista; José Fontenele, foi Juiz e professor; Álvaro de Alencar, promotor e juiz, professor da faculdade de Direito e Desembargador; Alves Lima, bacharel pela Academia de Recife, foi promotor, juiz e professor; Adolfo Luna Freire e Henrique Théberge, eram pernambucanos, sendo o primeiro médico e o segundo militar e engenheiro; Eduardo Rocha Salgado, professor da Faculdade de Direito da qual foi diretor.

Nessa amostra temos uma idéia do quadro da ascensão dos profissionais liberais, notadamente do Direito, no ramo da cultura, no final do século XIX até inícios do século XX.

CLÁ EM REVISTA

O instinto de tribo aplicado à literatura levou alguns indivíduos a se reunirem, mais sempre desejando que outros chegassem. Resultado: a qualidade supriu a abundância e temos agora no Ceará uma equipe de autênticos homens de letras de indiscutível importância para nossa atualidade e para o nosso futuro literário. Mauro Mota

2.1 A União faz a força

Configurando-se como núcleo urbano dominante no Estado, Fortaleza já consolidara desde a segunda metade do século XIX, como assinala Maria Auxiliadora Lemenhe, uma hegemonia nos níveis econômicos e político-administrativo, (LEMENHE, 1991, p. 110) o que, de um lado, favorecia à cidade a ensaiar os seus primeiros passos já com ares de metrópole, e a passar a reclamar por uma estrutura cultural e peculiar àquela configuração hegemônica e urbana que se instalara. É nesse compasso que a cidade alcançaria os meados do século XX aspirando em ser a representação cultural do Estado e, quiçá da região.

Analisando um quadro mais geral e das transformações políticas brasileiras as quais arrastou o país para o cenário dos acontecimentos internacionais, a partir do estado de guerra declarado por Getúlio Vargas às potências do eixo, Alemanha e Itália. O Brasil passa, então a fazer parte do grupo de nações que defendia as liberdades do homem, além de ter sido, como adverte Joaquim Alves, desde 1942 até o término da luta o Brasil foi a ponte de ligação entre os dois mundos, sendo a linha aérea Nordeste-África, a estrada militar mais movimentada (ALVES, 1942, p. 32).

No Ceará, esse momento histórico por sua vez ocasionaria repercussão e celeuma. Em particular o afundamento em nossas costas do navio brasileiro Baipendi, por navios alemães e o envolvimento e a participação de um considerável contingente de jovens cearenses os quais junto a outros brasileiros vieram a compor a nossa força armada que combateu nas trincheiras da Europa¹².

As inquietações provocadas pela eminência da Segunda Guerra no ano de 1942, não representou empecilho para que um grupo de escritores organizasse e realizasse na urbana Fortaleza de então, o 1º. Congresso de Poesia do Ceará.

Fortaleza tinha a pressa. Os escritores também. A cidade aspirante à metrópole e os escritores e os jovens aspirantes a um posto na paisagem intelectual da cidade, confundiam-se num ritual de grandes projeções. Diante daquele cenário de sacrifício ocasionado pela guerra na sua interna contradição de perder a vida para poder viver, prevaleceria, no entanto, a idéia do *espírito de guerra* por meio do qual, o idealismo da poesia sobrepõe-se ao praticismo da guerra.

Reunido em 23 de maio de 1942, o grupo de escritores começava a organizar o 1º. Congresso de Poesia do Ceará, que embora tenha representado uma singularidade ocasionada pelo contexto da guerra, não se tratou de uma idéia só do Ceará. Um outro congresso de poesia fora referido na Crônica (Ata da segunda reunião preparatória do Congresso), onde Francisco Novais faz comentários acerca de um desse tipo de Congresso, em Recife. Outra referência, agora na Crônica da quarta reunião preparatória, em que Aluísio Medeiros deu informes sobre a carta a ele dirigida por Vicente do Rego Monteiro.

(...) dizem os políticos da boa vizinhança nordestina (pra falar a linguagem do tempo), anda de bicicleta. Muito tempo viveu em Paris. Não usava gravata. É pintor. É poeta. Organizou o 1º. Congresso de Poesia do Recife. Na dita carta V. do R. diz coisas deveras sensatas. Eis uma delas: “Receio unicamente que o vulto e o interesse que está despertando o 1º. Congresso de Poesia do Ceará, nos arraiais da intelectualidade

cearense, venha a prejudicar a intensidade que um movimento mais íntimo, mais harmonioso poderia realizar(...) (CRÔNICAS das Reuniões preparatórias, 1982, p. 15-28).

Nas palavras de Vicente do Rego Monteiro podemos avaliar a dimensão que tomou o 1º. Congresso de Poesia no Ceará, preocupado que estava o escritor não apenas com seu efeito estético, mas, sobretudo receava que as circunstâncias do momento viessem a desviar os objetivos daquele congresso.

O episódio da guerra, no entanto, fez com que o evento, a partir de 18 de agosto, contasse com uma participação mínima por parte dos que antes aplaudiram essa idéia e que, devido às condições do momento, não entenderam o despropósito de um Congresso de Poesia em tempos de guerra.

A guerra, no entanto, passou a fazer parte da pauta das reuniões do Congresso, tendo seus participantes dentre outras discussões políticas assumido posição contra os países do Eixo, como cita Antônio Girão Barroso em seu depoimento:

(...) em relação a deflagração da segunda guerra mundial, estava havendo aqui na época em 42, o primeiro congresso de poesia do Ceará. Como estava em sinal de guerra (o Brasil não tinha ainda declarado guerra aos países do Eixo), Stênio Lopes, Quixadá Felício e outros fizeram no Crato um negócio chamado Congresso sem Poesia. Achavam que estava errado fazer, em tempo de guerra congresso de Poesia.

Acontece que o I Congresso de Poesia do Ceará, aqui em Fortaleza, se interessou muito pelo assunto. Assumiu atitudes

contra os países do Eixo e assim por diante. (BARROSO, 1996, p. 154).

Entre os jovens aspirantes à posição de intelectual, e outros escritores de posição reconhecida, encontramos Mário de Andrade (do Norte), Antônio Girão Barroso, Otacílio Colares, Braga Montenegro, Eduardo Campos, Fran Martins, Artur Eduardo Benevides, João Clímaco Bezerra, Milton Dias, Mozart Soriano Aderaldo, como consta da ata denominada “Crônicas das Reuniões Preparatórias do 1º. Congresso de Poesia do Ceará”.

Como podemos observar, os que se reuniram com o objetivo de discutir, estudar e assentar as bases do 1º. Congresso de Poesia do Ceará, citamos eles, Mozart Soriano Aderaldo, Eduardo Campos, Antônio Girão Barroso, Artur Eduardo Benevides, Fran Martins, João Clímaco Bezerra, Braga Montenegro, Otacílio Colares e Milton Dias, seriam os mesmos que comporiam as Comissões encarregadas de selecionar os trabalhos apresentados durante o Congresso, como ainda formariam a Comissão organizadora do evento.

Sobre o que representou o Congresso, vejamos o que disse Fran Martins no texto “A Semente”, publicado na Revista:^{*}

(...) A idéia original era a de fundar uma editora para publicar a produção, sempre crescente da nova geração de escritores do Estado. Essa idéia foi publicamente manifestada por ocasião do 1º. Congresso de Poesia do Ceará, que desejava também fossem criados um clube para os escritores, um atelier para os pintores e um teatro para atender aos que, como

^{*} Quadragésimo Ano ou como começou o movimento Clã. Fran Martins, in: Revista Clã, N^o 28, Ano, dez. 1982.

Eduardo Campos e Artur Eduardo Benevides, se dedicavam, como atores e autores, à arte cênica. (...).

(...) Mas a verdade é que esse 1º Congresso de Poesia do Ceará, organizado por uns poucos poetas e jornalistas, teatrólogos, contistas, repórteres, pintores, desenhistas, oradores, direitistas, anti-facistas, políticos e até tetrarca, teve importância capital para o movimento que mais tarde se consolidou em torno da Revista Clã. (...)

(...) De um modo ou de outro, o Congresso teve sua instalação festiva em princípios de agosto de 1942, no Teatro José de Alencar, contando com a presença do então Interventor Federal e mais outras altas autoridades civis, militares e eclesiásticas. Alguns dias depois, entretanto, o Brasil entrava ruidosamente na guerra. (...)

(...) Mas se a cousa andou desse modo, não deixou o Congresso de ter importância capital na efervescência cultural que posteriormente se verificou no Ceará, especialmente no que diz respeito às artes plásticas e à literatura. (...)

(...) A semente de tudo – (...) foi, inegavelmente, o 1º Congresso de Poesia do Ceará. (...) (MARTINS, 1982 p. 7-11)

Entre as idéias lançadas no Congresso, algumas delas vieram a concretizarem-se: as Edições Clã; a Sociedade Cearense de Artes Plásticas – SCAP, bem como veio a instalar-se em Fortaleza uma seção da Associação Brasileira de Escritores – ABDE, da qual Fran Martins foi o primeiro presidente.

Não obstante tratar-se de um congresso de poesia, o evento reuniria não apenas os poetas e contistas, mas nos chamou a atenção a presença de profissionais que atuavam em outros setores, fato que nos alertou sobre o

significado do evento para intelectualidade local, não sendo ali, nem mesmo no momento, considerado as preferências políticas dos organizadores.

A importância capital do Congresso e a efervescência cultural instalada a partir dele foi o que lançou a base de um grupo que se delinaria a partir de 1942, se estruturaria no pós-guerra, vindo a alcançar sua melhor fase nos anos 50, para em seguida atuar como uma forma de resistência nos anos 60 e 70, e, finalmente, encontrar um declínio nos anos 80 desse século passado.

Um outro texto no número 0 de Clã faz referência a um outro congresso, o I Congresso de escritores cearenses.

A participação da representação oficial do Estado deixa entrever o que veio a significar nos meios culturais aquele evento.

O I Congresso de escritores cearenses instalado em 7 de setembro de 1946 contou com a presença de representantes das principais instituições do Estado, entre esses o representante do Interventor Federal, Moacir Teixeira de Aguiar; o presidente da Sessão de Abertura, General Onofre Muniz Gomes de Lima; o Ministro Pedro Firmeza; o presidente da seção local da ABDE -, Associação Brasileira de Escritores, Fran Martins; o representante do Arcebispo Metropolitano, Monsenhor Otávio de Castro; o presidente do Tribunal Regional eleitoral, Faustino de Albuquerque; um membro do Tribunal de Apelação, Abner de Vasconcelos; o professor Dolor Barreira; o delegado sobralense Antônio Coelho de Albuquerque; o presidente do Tribunal de Contas, Braga Montenegro.

Os secretários da Comissão de instalação do congresso, Eduardo Campos e Artur Eduardo Benevides. Não menos representativas foram a Comissão

Organizadora e a Mesa Dirigente. Na primeira, o Presidente Fran Martins; Vice-presidente, Henriqueta Galeno; Secretário Geral, Braga Montenegro; Secretários Antônio Girão Barroso e Eduardo Campos; Tesoureira, Cândida Maria Santiago Galeno. Na segunda, o Presidente da Mesa Antônio Martins Filho; 1º Vice-presidente, Hugo Catunda; 2º Vice-presidente, Henriqueta Galeno; Secretário Geral, João Clímaco Bezerra; 1º Secretário Aluízio Medeiros; 2º Secretário, Eduardo Campos. (Clã, N° 0, dez, 1946, Ano I, p. 1-2).

Estiveram ali reunidos os que inicialmente fizeram a Revista Clã. Mais tarde, virem os que comporam o Grupo Clã, Lúcia Martins, Moreira Campos, Durval Aires e Pedro Paulo Montenegro, os quais integrariam a ficha técnica de Clã como redatores.

Sairiam daquele I Congresso de escritores cearenses os que fizeram a Revista, e, os que formariam o Grupo Clã: Fran Martins, Braga Montenegro, Antônio Girão Barroso, Eduardo Campos, Antônio Martins Filho, João Clímaco Bezerra, Aluízio Medeiros e Artur Eduardo Benevides.

Um outro integrante fez-se presente na Sessão de Encerramento – Stênio Lopes, o qual foi o orador oficial naquela cerimônia (Revista Clã, n° 0, Ano I, dez. 1946, pp. 23-25)

Os integrantes de Clã assumiram desde então, as funções mais relevantes do Congresso, ou seja, as de Presidentes da Comissão Organizadora e da Mesa Dirigente, as de Secretário, numa e noutra Comissão e Mesa e, ainda se fizeram presentes na Instalação na solenidade de Encerramento.

Os de Clã saíram fortalecidos daquele encontro, apesar algum deles já lograr um certo destaque no campo da intelectualidade, em Fortaleza.

Apesar de fortalecidos e do destaque intelectual de alguns o número inicial da revista não obteve o resultado esperado:

Resultado do I Congresso Cearense de Escritores, foi criada, o ano passado a revista “Clã”, dirigida por João Clímaco Bezerra, Aluízio Medeiros e Antônio Girão Barroso. A única edição que circulou porém, datada de Dezembro de 1946, foi mais uma experiência: trazia o N° 0 (zero). Teve alguma repercussão, mas morreu naturalmente, como tudo o que é bom tem morrido no Ceara (...) (Revista Clã, N° 1, Ano II, Fev. 1948, p. 75).

Funcionando mais a título de experiência a Revista Clã N° 0, obteve alguma repercussão, no entanto, não lhe foi possível haver uma continuidade. A fatalidade ficaria por conta do inevitável “fim das coisas boas no Ceara”*

A Revista ficou no limbo durante o ano de 1947, vindo a reorganizar-se, mais uma vez com o mesmo grupo do Congresso que no ano seguinte lançou o número 1 de Clã:

(...) Assim Clã tem agora uma outra direção, cabendo a responsabilidade da revista a Fran Martins e Aluízio Medeiros. Temos novos planos – a publicação em cada numero, de um trabalho longo e inédito, como faz neste com “O Demônio e a Rosa” de Eduardo Campos, e espera fazer nos próximos com livros completos de poesias, ensaios, novelas, biografias, etc.

* Ver artigo “Esses Cearenses” de Guilherme Figueiredo, publicado no jornal Correio do Ceará de 25 de abril de 1948. O autor analisa a expressão “morreu naturalmente, como tudo o que é bom tem morrido no Ceara”.

(...) – estando as suas paginas abertas principalmente aos escritores novos de nossa terra e aqueles de outros Estados (...) estamos dispostos a envidar todos os esforços – e nisso esperamos contar com a boa vontade dos escritores, novos e velhos, do Ceara e do Brasil, os quais devem ver nesta publicação não uma realização individualista mas um elo a ligar a nossa província a todo o país, um veiculo de aproximação dos nossos homens de letras com intelectuais de todos os Estados (...) (Revista Clã, Nº 1, Ano II, Fev. 1948, p. 75).

Nesta nota vemos uma síntese, onde temos traçados os novos objetivos, a destinação da revista e o que deveria constar de suas páginas numa tentativa de abranger todos os gêneros literários quando diz que “publicará sempre crônicas, poesias, contos, reportagens críticas de livros e de arte”. A revista estava em primeiro lugar, direcionada aos escritores da terra e aos de outros Estados. No entanto, contava com o apoio de todos, “novos e velhos” para o seu sucesso.

A partir dessa edição a Revista reorganiza-se de modo a ter além de seus diretor e secretário Fran Martins e Aluizio Medeiros, respectivamente, um conselho de redação do qual faziam parte, Joaquim Alves, Stênio Lopes, Antônio Girão Barroso, Mozart Soriano Aderaldo e João Clímaco Bezerra. Este Conselho mais tarde (a partir de Clã Nº 6) foi integrado por Artur Eduardo Benevides, Moreira Campos, Eduardo Campos, Braga Montenegro e Otacílio Colares; logo depois, (a partir de Clã Nº 11) passa a contar com Lúcia Martins, a qual destaca-se pela sua contribuição literária e por ter sido a única mulher a pertencer ao grupo. Nos números seguintes comporão também o Conselho de Redação

Antônio Martins Filho, Cláudio Martins, Durval Aires, Pedro Paulo Montenegro e Milton Dias.

O cargo de secretário, porém durante os quarenta e dois anos de publicação da revista, contou com apenas dois nomes, Aluizio Medeiros que permaneceu até 1956, sendo depois o cargo ocupado por Artur Eduardo Benevides; a direção da Revista, no entanto, ficaria desde o seu N° 1 até o N° 29 sob a responsabilidade de Fran Martins.

A Revista, de acordo com suas pretensões, abrigaria em suas páginas, trabalhos desde que fossem inéditos; considerando que esses textos seriam publicados completos, saindo por ocasião de cada número da revista. Seriam publicados então, livros completos, fossem estes de poesia, de ensaio, de novela, de biografia, dentre outros gêneros literários, passando pela área das Artes e das Ciências Humanas.

O grande espaço da revista girava em torno da publicação dos novos talentos da terra onde, na maioria das vezes esses talentos encontravam-se ali, tão próximos e em meio aos que faziam o Grupo e a Revista Clã. Oportunizar aos novos a publicação de seus trabalhos, aliado ao esforço de projetar seus escritores, não apenas para o Ceará, mas para o Brasil, proporcionando uma maior aproximação com os intelectuais do país, foi o grande projeto idealizado por Clã.

Para dar cumprimento a esse projeto a Revista teria que ser robusta, consistente e abrigar em suas páginas uma variedade de temas, o que possibilitaria uma abrangência maior no âmbito cultural.

Assim, o resultado desse projeto logo se fez visível:

De todos os Estados do Brasil esta revista tem recebido o incentivo por parte de escritores e de leitores que compreenderam o nosso esforço em dotar o Ceará de uma publicação capaz de demonstrar o nosso valor cultural. Entre os primeiros não podemos deixar de citar Guilherme Figueiredo, que escreveu todo um artigo sobre o nosso numero 1, Sérgio Milliet e José Lins do Rego, que através dos jornais “O Estado de São Paulo” e “Diários Associados” também se referiram elogiosamente à nossa revista, e mais Otto Maria Carpeaux, Orígenes Lessa, Mauro Mota, Pompeu de Sousa, Veríssimo de Melo, R. Magalhães Júnior, Bueno de Rivera, A. Sallet, Orlando M. De Carvalho e muitos outros, que o fizeram por meio de cartas aos nossos redatores. Também de leitores cearenses ou não, desde o Estado de Santa Catarina ao Amazonas, temos recebido pedidos de assinaturas, o que significa interesse pelo nosso empreendimento (...) (Clã, N° 3, Ano 1, 1948, p. 96).

A repercussão da revista foi quase que imediata. Escritores de vários Estados brasileiros enviaram palavras de incentivo e escreveram artigos sobre a Revista como o fez Guilherme Figueiredo em seu artigo publicado em um noticioso cearense intitulado *Esses Cearenses*, onde destaca a “soberba qualidade de serem realmente um grupo” sua capacidade de produzir e de “fomentar revistas novas, movimentos novos e manter esse constante estado de inquietação criadora.” (FIGUEIREDO, 1948, p. 3).

Sérgio Milliet, em artigo para um jornal da época diz que não seria “justo deixar passar sem comentário o esforço dos jovens cearenses na hora atual da literatura brasileira”.(MILLIET, 1948 p. 3).

Diante destas e de tantas outras manifestações favoráveis, a Revista Clã faz-se conhecer, passando a ser não apenas uma revista de cultura, mas um veículo de comunicação entre os estados e entre os escritores do restante do país. Passou assim, em maior proporção a representar a cultura literária do Ceará. Era o que havia de novo em literatura e os que dela participavam estavam legitimados por uma opinião pública de reconhecida expressão:

(...) Os moços do Ceara (...) têm força bastante e coesão bastante, para manter a única editora de sistema cooperativo existente no Brasil. (...) Eles promovem congresso de escritores (...), fundam estúdios de Pintura, discutem arte cinematográfica e inauguram uma revista eclética (...). Quem dera que tivéssemos revistas como esta em todos os estados onde se reúnem as novas gerações de escritores brasileiros.
(FIGUEIREDO, 1948).

Havia uma diversidade de empreendimentos sob a iniciativa de alguns integrantes do Grupo Clã, entre esses, o Clube de Literatura e Arte, uma das iniciativas mais antigas de alguns daqueles escritores e, cujas iniciais preconizaram a denominação Clã; a Cooperativa editora clã ltda., ou Edições Clã, a qual se ocupava de lançar livros de autores cearenses, mantinha entendimentos com distribuidoras do sul para que os livros publicados no Ceará circulassem por todo o país.

Sobre essa atuação de Clã observa Guilherme Figueredo que a “força e a coesão dos moços do Ceará”, seria o que o movia àqueles cearenses em seus empreendimentos, pois além de manterem a única editora em sistema cooperativo no país, diversificavam o seu espaço cultural a partir do momento em que atuou em outras áreas , não passando despercebida a sua ligação com as artes plásticas.

Em relação às artes plásticas segundo o que observa Antônio Girão Barroso, o Salão de Abril, foi lançado em Fortaleza em 1943, pelos integrantes da União Estadual dos Estudantes – UEE¹³. Entre esses estudantes estava Antônio Girão Barroso que foi o primeiro diretor da Revista Clã .

O Salão de Abril tinha função análoga ao Salão de Maio em S. Paulo, e a denominação que foi sugestão do próprio Antônio Girão Barroso, permanece até os dias de hoje. Alguns dos integrantes de Clã ocuparam a presidência da Sociedade Cearense de Artes Plásticas – SCAP, entre eles o mesmo Antônio Girão Barroso, Fran Martins, Artur Eduardo Benevides e Cláudio Martins. (BARROSO, 1996, p. 118-164).

“Os moços do Ceará” também mantiveram estreitos laços com a arte cinematográfica. Data do início dos anos 40, como assinala A. G. B. a crítica de cinema que vinha impressa nos “Diários Associados” através de seus dois jornais locais – “O Correio do Ceará” e o “Unitário”. Neles atuava Antônio Girão Barroso na seção reservada à crítica cinematográfica. Foi ainda que iniciou a seção de Cinema da Revista Clã. O Clube de Cinema que é da mesma época, também contou com a colaboração de Antônio Girão Barroso para a sua organização. (BARROSO, 1996, p. 163 - 164).

2.2 Fale agora ou cale-se para sempre

O fim da ditadura getulista é marcado por intensa excitação nos meios de expressão e da comunicação falada e escrita. Recém-saídos de uma imprensa vigiada e controlada, entenderam os escritores, ser aquele momento oportuno à livre imprensa. Essa excitação é sintomática em grande parte do território brasileiro, o que se materializa através dos inúmeros periódicos que foram publicados à época.

Sobre o significado desse momento nos informa Clã:

“O significado de um momento

Atualmente, em vários estados do Brasil, surgiram revistas, principalmente de novos, que têm despertado a atenção de todos quanto se interessam pelo desenvolvimento das letras no país. É, na verdade, um belo movimento iniciado pelos novos, a que “aderiram” nomes consagrados que de novo têm apenas o espírito, ou sobretudo o espírito. Porque do modo em que estão as coisas hoje, a idade cronológica não pode valer: se uma medida necessita para limitar esse movimento, tal medida deve ser baseada na capacidade de compreensão, na afinidade de sentimentos que une todos os que nele estão envolvidos.” (...) (Revista das Revistas, in Clã n^o 4 ago, 1948, p.87)

A efervescência por que passavam as letras no Brasil ocasionada por uma abertura no plano da expressão, a qual no período imediatamente anterior encontrava-se abafada e controlada graças a um regime ditatorial, era motivada por um movimento de renovação que se instalara, tendo de um lado, *os novos* que ansiavam por uma projeção no espaço literário, e, do outro, *os nomes*

consagrados, que muito embora fossem oriundos de uma política que lançou mão da cultura como *expressão legítima*, deu naquele momento uma certa autonomia aos intelectuais que a partir de então precisam caminhar sobre seus próprios pés, e para isso, não dispõem uma aliança com os novos, os quais representam a materialização da renovação propalada, embora os antigos procedimentos formais atuassem como a permanência na pauta de intenções, o que não impossibilitou o experimentalismo estético.

Portanto, nenhuma vontade política ou ideológica movia essa efervescência não obstante o considerável número de revistas que surgiram oriundas das diversas regiões do país,

“Joaquim” no Paraná, “Quixote” e “Província de São Pedro” no Rio Grande do Sul, “Panorama” em Minas, “Sul” em Santa Catarina, “Revista Branca” e “Orfeu” no Rio, “Revista Brasileira de Poesia”, “Colégio” e ultimamente “Fundamentos” em São Paulo, “Região e Nordeste” em Pernambuco, “Agora” em Goiás.(...)

E ainda a crítica oriunda de Clã em referência ao momento histórico vencido anteriormente:

Tomada de Posição:

A coisa começou a tomar corpo depois do aniquilamento do Estado Novo. E não poderia deixar de ser assim (...) Mas o fascismo desmoronou-se, a coisa começou a tomar corpo e os resultados aí estão: revistas e mais revistas surgindo nas província (...) A geração nova tem o que dizer, ela traz contribuições necessárias à nossa literatura, ela quer tomar posição, necessita fazer isso para não continuar tocando no realejo daqueles que já tomaram a sua posição em 22, em 30. Que não se improvisem novos donos da vida, pois

sabemos que o tempo dos regougos já passou (...) (Revista das Revistas, in: Revista Clã, nº 05, outubro, 1948, p.106).

O surgimento das revistas não se dá por acaso. O Estado Novo impedira, apesar de muitos intelectuais terem produzido sob o regime ditatorial, que uma grande parte dos escritores se manifestassem. *A tomada de posição* teria a haver com os novos e não caberiam mais àqueles escritores que se alinharam ao poder por ocasião do que culminara na Semana de Arte Moderna, bem como os que tomariam o partido na Revolução de 30.

Muito embora o texto faça referimento à queda do Estado Novo e, aos escritores que contribuíram com a cultura sob a custódia da ditadura, esses são poupados de qualquer crítica, pois como já nos referimos antes, esses, serviram à cultura da Nação e não ao imediatismo de um governo. *A tomada de posição* faz referimento ao plano literário desconsiderados, portanto os posicionamentos passados advindos de uma conjuntura política.

O texto deixa claro que para o momento, o importante seria as contribuições estéticas e literárias do escritor, ao invés de uma responsabilidade política, a qual de fato veio a caracterizar historicamente aquela geração de 45.

Aproveitar o espaço e escrever, a exemplo de outros escritores através das inúmeras publicações provenientes dos outros estados brasileiros. A fala do editor na “Tomada de Posição” soa como um desabafo, em relação ao passado e uma mensagem aos tempos futuros no sentido de não mais se improvisar “novos donos da vida”.

2.3 Clã, revista de cultura *

A lógica é a força com a qual o homem algum dia haverá de se matar. Apenas superando a lógica é que se pode pensar com justiça. (Guimarães Rosa, 1991, p. 93)

A divulgação da cultura como analisa Aníbal Bragança, a qual se processa no Brasil por volta das “décadas de 30 e 40 do século XX, se dá com dois séculos de atraso em relação ao mesmo processo na Europa”. (Bragança, 1999, p. 101-02). Nesse momento as publicações, segundo Sérgio Miceli, tomariam dois rumos diversos, por um lado, a presença de um considerável aumento das edições que visavam um público leitor das novas camadas médias e, por outro lado, as editoras multiplicaram-se à procura de dar atendimento à publicação de livros didáticos os quais passam a ser exigidos pelos currículos das nossas escolas e faculdades (MICELI, 1979, p. 86-87).

Na literatura, assim como se dera como se dera com as sinalizações do Modernismo que começaram a aparecer por volta dos últimos anos que antecederam os anos 20, é em 1942 que como ressalta Wilson Martins, “principia a constituir-se a geração de 45”, anunciada, de forma aliás obscura e sem qualquer repercussão particular com a Pedra do Sono, de João Cabral de Melo Neto, pequeno volume impresso em Recife, vindo a constituir-se em “o arauto da nova idade literária”. (MARTINS, 1979, p. 198).

Apresentando-se, desde então como uma literatura não refratária e de conformação sensível às exigências formalizantes e técnicas e adquirindo

* Subtítulo contido na contra-capa da Revista Clã.

contornos de uma espécie de formalismo pálido, o qual como assinala Alfredo Bosi é “entendido nos temas e nas palavras”(…) (BOSI, 1982, p. 436).

Pressagiando um *esteticismo poético* e, a esse respeito Wilson Martins analisa a poesia:

(...) a retomada da poesia como literatura, contrariamente às doutrinas favoritas do momento que preferiam vê-la como “a voz da Revolução”, – processo ainda mais evidente se lembrarmos que apareceram em 1944 dois poetas paradigmáticos da “geração de 45”. Bueno da Rivera, com *Mundo Submerso* e Ledo Ivo, com *As Imaginações*, que se juntavam às *Flores do Mal* de Charles Baudelaire, por Guilherme de Almeida; *Poesias*, de Valdemar de Vasconcelos; *Minuano*, de Lauro Rodrigues; *Poemas*, de José Tavares de Miranda; *A Voz do Grande Rio*, de Rossini Camargo Guarniere; *Novas Poesias*, por Lúcio Cardoso; *Mundo Evanescente*, de Aluizio Medeiros, co-autor de *Os Hóspedes* com Otacílio Colares, Antônio Girão Barroso e Artur Eduardo Benevides (MARTINS, 1979, p. 211).

Na poesia, contrariando as doutrinas do momento as quais pretendiam vê-la como *a voz da Revolução*, toma corpo, no entanto um processo que se mostra mais evidente nos *poetas paradigmáticos*, reconhecidos assim pelo conceituado crítico, Wilson Martins, os quais aparecem em 1944, são eles Bueno de Rivera com *Mundo Submerso* e, Ledo Ivo com *As Imaginações*, junto aos quais Martins faz a devida menção aos poetas cearenses, Aluizio Medeiros, co-autor de *os Hóspedes*, com Otacílio Colares cita ainda, Antônio Girão Barroso, Artur Eduardo Benevides, Aluizio Medeiros, além de outros poetas como: Valdemar de Vasconcelos com *Poesias*, Rossini Camargo Guarniere com *A Voz do Grande*

Rio, Murilo Mendes com *As Metamorfoses*, e ainda outros nomes (MARTINS, 1979, p. 211).

Assim como na poesia, na prosa de ficção se confluem, nesse momento, duas correntes literárias distintas, muito embora se construam na mesma perspectiva entre o romance modernista e a narrativa que se consumaria logo a seguir. Ilustrando o período, Wilson Martins ressalta “o impulso fornecido pelas traduções de algumas obras prestigiosas como *Os Buddenbrook*, de Thomas Mann e Fontamara, de Inácio Silone” e aponta os títulos que correspondiam àquelas obras, ou seja, *O Lobo das Ruas* de Otávio de Faria; *As Mãos de Meu Filho*, de Érico Veríssimo; *O Louco do Cati*, de Dionélio Machado, enquanto saíam outros com *A Fogueira*, de Cecílio J. Carneiro; *Um homem Mau*, de Nestor de Holanda; *Entrada de Serviço*, de Lúcia Benedetti; *Os Interesses da Companhia*, de Gilberto Amado; *Estrela do Pastor*, de Fran Martins; *Dois Mundos*, de Aurélio Buarque de Holanda; *Terras do Sem Fim*, de Jorge Amado, entre outros. (MARTINS, 1979, p. 200).

Ainda num plano da literatura nacional, a perceptível *desintegração* do período modernista e a contemporânea emergência por novas concepções estéticas que se acentuavam, justificam uma fase de transição, o que concorria para uma inevitável coexistência de estilos reconhecidos como inconciliáveis, bem como, de ideologias contraditórias.

Na Fortaleza dos anos 40, por sua vez, se fazia notar, a presença de um público leitor de romances. Embora fossem lidos alguns autores brasileiros, dentre eles Novelli Júnior, Otávio de Faria, José Lins do Rego, a preferência,

muitas vezes, recaia também em autores estrangeiros que em geral eram traduzidos por alguns dos já conceituados escritores brasileiros¹⁴.

Esse quadro em nenhum modo alentador para aqueles que lidaram nas letras do Ceará, pois considerando que a época, à exceção da escritora Raquel de Queiroz que ocupara a cena literária no romance de 30 e, não mais parara de publicar. Destaque para os seus romances, João Miguel, As três Marias e Caminho de Pedra, os quais foram posteriormente publicados em um só volume pela Livraria José Olympio.

A safra dos escritores cearenses, no entanto não conseguiria aquele momento ser vista de maneira positiva por uma parte da crítica brasileira. Entre esses escritores *relegados*, como aponta Micele, e cuja a maior parte dos títulos enquadravam-se nos moldes do romance social, encontramos: Fran Martins e Cecílio J. Carneiro, os quais figuram junto aos escritores em vias de consagração como Graciliano Ramos, Lúcio Cardoso e Cyro dos Anjos (MICELI, 1979, p. 87).

Assim, nesse contexto e por iniciativa de alguns escritores desejosos de verem seus trabalhos publicados, divulgados, dentro e fora do Estado, vindo a alcançar entre outros objetivos, o reconhecimento nacional sendo para isso, necessário atingir um maior número possível de leitores. Assim, nessa intenção começou a circular no mês de dezembro de 1946 a Revista Clã, cuja edição estreante, recebe o N° 0 e vem publicada com uma Nota de Explicação a qual é assinada pelos componentes da direção da revista, Antônio Girão Barroso, Aluízio Medeiros e João Clímaco Bezerra:

De acordo com o plano traçado para a publicação trimestral de Clã, que deveria circular regularmente a partir do corrente ano, nos meses de Outubro, Janeiro, Abril e Julho, o seu primeiro numero estava pronto para sair naquele mês. Entretanto, motivos superiores forçaram-nos a adiar a data de sua publicação (...) devendo o numero em apreço, bastante volumoso, ser confeccionado nas oficinas da Imprensa Oficial, graças à boa vontade do diretor Dr. Antônio Perilo Teixeira, que para tanto solicitou e obtendo-a, a necessária autorização do Sr. Secretario dos Negócios do Interior e da Justiça (...) Este numero 0, a que damos o caráter de mostra, de apresentação de clã, antecipa-se assim a sua publicação, mas isso se explica, também, pelos compromissos que assumimos com os nossos colaboradores e anunciantes. (Revista Clã. Nota Explicativa, 1946, p. 1 e 2).

Apesar de tratar-se de uma livre iniciativa de “homens de letras”, portanto, no âmbito privado, a Revista Clã sai do prelo sob os auspícios da Imprensa Oficial. A solicitação intermediada por seu diretor o qual solicitou e obteve a autorização do Secretário dos Negócios do Interior e da Justiça, para que a Revista fosse impressa nas oficinas daquele órgão. Explica a nota que devido aos “compromissos” assumidos com os “colaboradores” e com os seus “anunciantes”, fez-se necessário a antecipação da publicação.

Fica evidenciado que os recursos obtidos com os anúncios publicitários não foram suficientes para cobrir as despesas, daí apelar para a Imprensa Oficial era o modo de viabilizar a edição da Revista. Para tanto, o que estava em jogo não era a simples edição de uma revista, mas a publicação “da melhor produção intelectual da gente cearense”, devendo, portanto, ser a Revista o meio para que essa “produção possa aparecer lá fora”. Mais do que uma revista, um porta-voz

que mudaria a cultura local e contribuiria para com os “rumos da cultura brasileira”. Nada mais justo que um órgão público desse a sua contribuição em prol de uma causa nobre (Explicação deste número Clã N° 0 dez. 1946, ANO I, p. 1-2).

2.4 Uma Revista do Ceará para o Brasil

Pretendendo-se eclética, Clã inaugura sua estréia com o número zero. Estavam desde então ali contemplados os elementos definidores de sua linha de atuação, ou seja, – a perspectiva litero cultural de seu programa.

Abordando assuntos diversos em sua maioria os de natureza literária, entre esses o gênero do romance, da poesia, do canto, passando aos textos de estudos literários e os de apreciações estéticas, como o ensaio e a crítica respectivamente, além da crônica e do artigo que são as formas mais adaptadas ao jornalismo. Através dessa variada tipologia textual, eram discorridos os temas políticos, históricos e sociais os quais se concentraram com uma maior freqüência na fase inicial da revista, enquanto os temas de natureza literária, incluindo os gêneros já mencionados, bem como, os de configurações artísticas, predominaram nas páginas de Clã, entendidos aqui como os de longa duração no percurso, por vezes, intermitente do periódico.

De linguagem não rebuscada, mas mantendo-se em um registro formal da língua, quando agente comunicador nos assuntos de interesse coletivo e, conotativa e estilística, em seus textos poéticos ou de expressão artístico-

literária, Clã dirigiu-se a um público específico, especial e todo seu, definido, por seu alcance na medida e nos limites próprios de sua linguagem.

Dotada assim de uma personalidade formal e direcionada, Clã visava suprir uma parcela das necessidades lítero-culturais da cidade, cuidando em ser a orientação intelectual. Dessa forma, ao mesmo tempo em que suplantava-lhe as *carências*, integrava Fortaleza aos círculos mais avançados, implementando uma fórmula político-pedagógica de ação, a qual favorecia um aumento considerável em sua atuação, muito embora essa ação fosse direcionada a um campo específico – o intelectual.

Assim, Clã cumpria a tarefa que, por um lado, consistia em divulgar os acontecimentos culturais locais, e que, por outro lado, ao discorrer das matérias e, ao seleccionar o seu grupo de colaboradores e o conjunto de seus representantes nos diversos estados, inseria-se nos círculos intelectuais brasileiros mais desenvolvidos.

Contou a revista nas principais cidades com seus respectivos representantes no Rio de Janeiro, Martins D'Alvarez; em São Paulo, Domingos C. da Silva; em Pernambuco, Mauro Mota; na Bahia, Wilson Rocha; em Minas Gerais, Bueno de Rivera; no Amazonas, Aldo Moraes; no Pará, Haroldo Maranhão; no Maranhão, Bandeira Tribuzi; no Rio Grande do Norte, Veríssimo de Melo; no Paraná, Dalton Trevisan. Entre os colaboradores e correspondentes, encontramos Fernando Ferreira Loanda, Ledo Ivo, Bueno de Rivera, José Sarney Costa, Tulo Hostilio Montenegro, Jorge Mendauar, e Mauro Mota estando esses entre os nomes que se destacavam na cena intelectual brasileira, através da poesia.

Pontuando a retomada da poesia com a função estética, *a geração de 45*, como sugere Wilson Martins, encontra os traços evidentes da nova proposta poética nos autores *paradigmáticos* do período – Bueno de Rivera e Ledo Ivo, os quais atuaram de forma marcante na revista, além de constituírem-se em seus colaboradores, tendo ainda, o primeiro, participado como representante de Clã para o Estado de Minas Gerais. Juntou ainda, o crítico, aos *poetas paradigmáticos* outros nomes nacionais entre esses outros, os nomes de Clã iniciando por Aluizio Medeiros, seguido de Otacílio Colares, Antônio Girão Barroso e Artur Eduardo Benevides. (MARTINS, 1979, p. 211)

Consolidando a *avançada esteticista*, acompanhamos a evolução e o desempenho do romance em suas variáveis, como bem, o romance centrado em uma literatura regionalista e, por isso mesmo *primitiva*, ou ainda, o chamado romance psicológico, assim como, uma ficção a qual se conformara na temática – *decadência do mundo rural*, acrescente-se, também, a esses, os contos populares brasileiros.

Assim, encontramos em Clã, como aponta Martins, representantes para cada uma dessas classes de romances, são eles respectivamente: Fran Martins, com Noite Feliz; João Clímaco Bezerra, com Não há Estrelas no Céu; Fran Martins, com Mundo Perdido, e ainda o mesmo Fran Martins, com Mar Oceano. (MARTINS, 1979, p. 211-269).

Apesar da poesia, do romance e do conto chamarem à cena as atenções do momento, Clã não descuidou da crônica, do ensaio, da crítica, ou mesmo do artigo, o qual podia abrigar a crítica, a crônica, como também outras formas mais abreviadas de expressão adequadas ao comentário de impressões, dependendo,

para isso de uma ótica teórica que anime as sutilezas para uma ou outra definição.

Mesmo patrocinando um espaço para as outras demais modalidades literárias foi a crítica que assumiu uma posição de destaque entre as demais, pela seriedade, pela diversidade das questões nela tratadas.

A crítica, notadamente aquela estética, ocupou um espaço permanente na revista. Encontramos entre os seus representantes Braga Montenegro, Stênio Lopes, Fran Martins, João Clímaco Bezerra e Aluizio Medeiros.

Obtendo um espaço privilegiado, as artes também desfrutaram de um ambiente favorável ao debate e ao comentário crítico, visando uma incrementação e uma melhor atuação dessas manifestações no cenário fortalezense. Clã que era sempre atenta às formas artísticas abrigou em suas dependências as artes plásticas, o cinema, o teatro e a música. As artes plásticas por sua vez, ilustraram muitas das páginas de Clã, entre essas, as ilustrações e desenhos de Leite Barbosa, Antônio Bandeira, Aldemir Martins e Barrica e Zenon Barreto, os quais de reconhecido valor artístico já à época. Não limitando-se ao painel de ilustrações, as artes plásticas contava, também com as análises estéticas por parte de Otacílio Colares, este dos nomes mais assíduos nas seção intitulada – Artes Plásticas, contando ainda, com Eduardo Campos, Barbosa Leite e Mário Baratta.

O cinema que animava as salas de projeção de Fortaleza, e como se refere Girão Barroso:

(...) havia na Praça do Ferreira vários cinemas. O Polytheama tinha piano, cuja pianista chamava-se Lica Gurgel (...). Depois o Magestic uma maravilhosa em matéria de arquitetura. Em seguida o Moderno, um cinema grã-fino, do pessoal que tinha mais um dinheirinho para gastar. Foi ele o primeiro a exhibir filme falado. (...).

Muitos anos depois foi inaugurado o São Luis, um dos maiores cinemas acho que até do Brasil. Outros cinemas que me lembro: Fortaleza, Jangada, Atapu, Samburá, Ventura e Rex". (BARROSO, 1996, p. 139-141).

A arte cinematográfica já integrava-se ao roteiro diversional e ao paisagístico da cidade, pois já funcionavam naquela principal praça de Fortaleza, três importantes cinemas, o Polytheama*, o Moderno e o Magestic, além de outros, esparsos pelo centro da cidade. Daí, competia também a Clã, com sua atenta observação ao ambiente cultural uma seção destinada ao Cinema. Nessa seção, Antônio Girão Barroso, assinava as análises formais de alguns aspectos cinematográficos, as observações críticas, como ainda, apresentava nas páginas de Clã, algumas de suas tentativas em adaptar textos literários para o cinema.

Como o cinema, o teatro em Clã ficou também a cargo de um de seus escritores, - Eduardo Campos, que na qualidade de dramaturgo, mantinha na revista a seção intitulada Rádio e Teatro, por intermédio da qual o escritor sustentava um atento comentário em que acompanhava, em Fortaleza, o desempenho do Rádio, veículo de comunicação de massa e, do Teatro como a expressão da clássica arte dramática da cidade. No entanto, o teatro concentrava a maioria desses comentários, cabendo ao Rádio, umas escassas referências, as

* As instalações do Polytheama foram adquiridas pela Empresa Ribeiro, a qual, após a demolição do antigo cinema, inaugurava, em 1958, o atual Cine São Luis. Ver, Araripe, J. C. de Alencar. Jornal na Estante.

quais, em determinados momentos, se relacionavam mais ao elemento teatralizante, perceptível nas observações do mesmo Eduardo Campos em dois momentos: primeiro,

“O Quinhão da Província

Antigamente, quando o teatro nacional marchava em sua rotina, que era de doer, a presença de uma companhia teatral servia pelo menos para nos dar a triste certeza de que existia teatro no Brasil (...).

Mas porque não acontece com o teatro da província o que ocorre hoje em relação às letras, quando assistimos a esse belo espetáculo de independência de sulistas e nortistas por suas revistas aplaudidas por todos os escritores? (...)

segundo,

À margem das novelas

Os cronistas do rádio, com poucas exceções, geralmente defendem a preferência dos ouvintes pelas novelas atribuindo às mesmas o sucesso dessa preferência. O que acontece – e isso está custando a ser percebido por aqueles que realizam rádio no Brasil – é uma acentuada predileção, por parte do ouvinte, no que diz respeito a programas teatralizados, ou como queiram, radiofonizados (...)
(CAMPOS, 1948, p. 89-90).

Informa, assim, o dramaturgo, acerca da situação do teatro, tecendo uma amarga crítica diante de uma confirmação da inexistência de um sério movimento teatral brasileiro, ao mesmo, tempo em que externa a vontade de elevar o teatro ao nível do *belo espetáculo de independência* que estava

ocorrendo nas províncias do Brasil, em relação às letras, com as inúmeras publicações de revistas.

Aliada ao importante aspecto formador, a pedagogia *clanista*, tinha a preocupação centrada em manter o seu leitor sempre atualizado e, em um modo particular, no que se refere ao universo da leitura. Para dar cumprimento a esse objetivo, Clã organizou uma coluna em que realizava resenhas de livros de autores brasileiros e estrangeiros, bem ao gosto literário brasileiro vigente. As resenhas ficavam a cargo dos redatores, tendo nelas colaborado quase todos eles.

Em um modo geral, Clã também propunha uma atualização incluindo, em suas páginas uma coluna no nível da informação cultural denominada Vento Sul, Vento Norte, (para a qual atribuímos o termo *Notícias*, no Índice de Assuntos) como também, existia para essa mesma finalidade, outros pequenos espaços entre uma e outra seção os quais, oportunamente, eram aproveitados para a divulgação de pequenos informes (para esse tipo de informe, adotamos o termo *Noticiário*, no Índice de Assuntos), esses no entanto, se revestiam de um caráter não seqüencial no trato da informação por uma disposição própria na ocupação dos espaços das páginas.

A Revista manteve como sede *provisória* da sua redação o endereço da Avenida Rui Barbosa, número 1332. A partir do número 16 de Clã, a redação passara a instalar-se na Avenida Visconde de Cauipe, número 2853. O mesmo aconteceria em relação ao endereço da impressão da revista a qual deixaria de ser impressa nas oficinas gráficas da Editora Instituto do Ceará e passava a ser impressa na Imprensa Universitária da Universidade do Ceará.

Notamos, aqui, que ao final dos anos cinquenta a Revista mudaria para as instalações da Universidade do Ceará, não só a sede de sua redação, bem como, se prestara daquela Universidade para os serviços de impressão de Clã, através da Imprensa Universitária.

2.5. Diga-me com quem andas que eu te direi quem és

Os integrantes da revista Clã eram em maioria provenientes do interior do Estado do Ceará. Constituem exceção Aluízio Medeiros e Otacílio Colares, que nasceram em Fortaleza; Mozart Soriano Aderaldo que era do interior do estado do Maranhão; e Lúcia Martins que é do Rio de Janeiro. A proveniência dos integrantes de Clã, não seria um elemento a partir do qual se possa delimitar ou identificar o elo formador do grupo. Seria sim a formação acadêmica, um instituto que direta e indiretamente influíra na aglutinação dos que se reuniram em torno da Revista Clã.

Considerando a formação acadêmica como componente de peso para a organização do grupo Clã, destacamos o Direito dentre os demais cursos como a base de formação da maioria dos de Clã. Entre esses bacharéis estavam, Fran Martins, Antônio Girão Barroso, Antônio Martins Filho, Aluízio Medeiros, Mozart Soriano Aderaldo, Eduardo Campos, Artur Eduardo Benevides, João Clímaco Bezerra, Moreira Campos, Milton Dias e Cláudio Martins, considerando que esses dois últimos integraram-se à Clã em uma fase posterior. Os demais, oriundos de outras áreas de formação: Joaquim Alves, da área de saúde, era dentista; Stênio Lopes licenciado em Filosofia; Otacílio Colares da

área das Letras; e, Lúcia Martins e Braga Montenegro não possuíam formação acadêmica.

Afora o predomínio do Direito como a área de formação básica do grupo, um outro ponto para onde convergiram os de Clã, embora não necessariamente tivessem a formação específica, foi o exercício do magistério.

A docência constituiu um importante trunfo de ascensão não apenas profissional, mas social, e, em particular, no âmbito do ensino superior. Para esse fim, a Universidade dispunha de mecanismos de outorga de títulos, dentre eles o título de Professor Honoris Causa. O referido título fora concedido pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Ceará ao integrante do grupo Clã Braga Montenegro¹⁵. O fato do escritor não haver concluído nenhum curso superior esta lacuna foi sido preenchida através desse título, o qual fora plenamente justificado devido a sua sólida cultura literária e também, o sendo pelo nível e qualidade de sua obra.

Foram professores da Faculdade de Direito do Ceará, Fran Martins, Antônio Girão Barroso, Cláudio Martins e Antônio Martins Filho. Este último, junto a Fran Martins, ocupou a cátedra do Direito Comercial. Antônio Girão Barroso na cátedra da Economia Política e, do Direito Notarial que ficou a cargo de Cláudio Martins.

Antônio Girão Barroso, Antônio Martins Filho e Cláudio Martins Filho, além da Faculdade de Direito, também professaram aulas na Faculdade de Ciências Econômicas, onde ocuparam, respectivamente, as cátedras da História Econômica Geral e do Brasil, do Direito Comercial e do Direito Tributário. Lecionariam também nessa Faculdade, Mozart Soriano Aderaldo, ministrando

aulas de Problemas do Nordeste; João Clímaco Bezerra e Artur Eduardo Benevides ensinaram, além da Faculdade de Ciências Econômicas, na Faculdade de Filosofia do Ceará;¹⁶ Fran Martins, além de professor dessa Faculdade de Ciências Econômicas, foi seu Procurador Judicial.

Por outro lado, atuando em outros departamentos, encontramos Milton Dias, Moreira Campos, Braga Montenegro e Otacílio Colares que se concentrariam na área das Ciências Humanas da Universidade do Ceará a qual posteriormente passou a denominar-se – Centro de Humanidades. Todos esses, atuariam junto ao Curso de Letras da Universidade, tendo Milton Dias atuado junto ao Departamento de Letras Estrangeira na Cátedra de Língua Francesa; Moreira Campos, Braga Montenegro e Otacílio Colares integrariam o Departamento de Letras Vernáculas havendo o último, também lecionado no Curso de Biblioteconomia daquela unidade universitária.

Notamos que no âmbito da Universidade Federal*, além das atribuições do cargo docente, esses professores desempenharam, ainda, cargos técnicos, funções administrativas gratificadas ou atividades gratificadas de nível superior: João Clímaco Bezerra e Milton Dias exerceram a função de Técnico em Educação; Artur Eduardo Benevides e Moreira Campos foram diretores do Centro de Humanidades, tendo esse último desempenhado o cargo de Pró-Reitor de Ensino e Graduação; Otacílio Colares que chefiou o Departamento de Letras Vernáculas¹⁷.

A função docente exercida primeiro nas Faculdades e, depois na Universidade do Ceará¹⁸, depois de 1955, ano de sua criação, constituiu-se em

* Dados funcionais obtidos a partir dos arquivos da Universidade Federal do Ceará.

um dos espaços ocupados pelos intelectuais de Clã. Este espaço, no entanto, não seria o único, pois além das Faculdades e da Universidade, este espaço inúmeras e repetidas vezes foi alternado ou compartilhado com uma outra função – o Jornalismo.

O Jornalismo foi tanto quanto a docência um espaço freqüentado pelos intelectuais de Clã. Exercido em algumas ocasiões antes e, noutras, concomitante à função de professor, o jornalismo configurou-se em um instrumento de articulação e projeção de Clã e, naturalmente, de seus integrantes.

Analisando um período anterior aos anos 40, Ângela Maria de Castro Gomes tece importantes considerações a respeito da atividade jornalística no Brasil:

(...) Outro aspecto central é a importância da atividade jornalística durante o longo período examinado. Os intelectuais em geral, aí incluídos os historiadores, de origem aristocrática ou não, são homens ligados ao jornalismo num duplo sentido. De um lado, porque os jornais e também as revistas constituem os “novos” e “amplos” salões, exibindo homens de letras e um público inusitado, e permitindo uma nada desprezível fonte de renda. Os jornais representavam, assim, uma forma de ingresso no mercado de trabalho intelectual, uma profissionalização que expandia contatos, sendo em alguns casos um passaporte para mundos políticos e sociais maiores(...). Ter integrado a redação de um periódico em outro local do país podia ajudar, mas os contatos e as posições políticas facilitaram muito.

Já quando observamos os exemplos de homens bem posicionados e ricos vemos que o jornal torna-se um

empreendimento financeiro e um veículo de divulgação de idéias muito valorizado. (...) São inúmeros os intelectuais, nem tão afortunados, que fundam jornais ao longo de suas vidas. O jornal é um “emprego” e uma tribuna; o local do início da carreira e também um palco de consagração e de veiculação sistemática da produção intelectual, nela incluída a produção historiográfica. (...) Além disso, a atuação em jornais, ao contrário de outras formas de expressão cultural, está muito mais disseminada pelo país, permitindo a construção de carreiras nas províncias/estados, que poderiam ou não completar-se com um deslocamento para a capital do país. (GOMES, 1996, p. 45).

Apesar da autora não se referir especificamente ao período por nós aqui estudado, tomamos como pertinentes muitas das suas considerações, em especial quando se refere aos intelectuais que, de um modo geral de origem aristocrática ou não, são homens ligados ao jornalismo. Os jornais, assim como as revistas, ainda representam os “amplos salões” onde os homens de letras exibem suas proezas intelectuais, constituindo assim, principalmente, um “ingresso ao mercado de trabalho intelectual” e conseguindo ser muitas vezes, esse o passaporte para mundos políticos e sociais maiores.

Um fato ainda curioso é que além de abrigar os homens “bem posicionados e ricos”, a atividade jornalística abrigava também os intelectuais “nem tão afortunados” e mais do que contribuir para esses periódicos, fundavam e dirigiam jornais durante suas vidas. Constituíra-se, portanto, a atividade jornalística no emprego, no local de consagração e na ascensão intelectual a qual

permitia-lhes estarem em evidência e fazendo-se reconhecer por um grande público.

Da posição de jornalista como escritor e da afirmação do jornalismo como gênero, segundo analisa Isabel Lustosa, em que o livro e o periódico consistiam-se em “objetos culturais não completamente diferentes”, a autora cita, como exemplo no jornalismo brasileiro, o “Correio Brasiliense”, ou “Armazém Literário” e o “Revérbero” os quais:

Era impressos in-oitavo (o formato tradicional dos livros), vendiam-se nos mesmos lugares em que se vendiam os livros e, tanto na forma como no conteúdo, não tinham o caráter ligeiro e descartável que vieram a adquirir depois. (...) Também para os que então escreviam nos jornais, o papel do jornalista se confundia com o do escritor. Sua missão era educar (...) (LUSTOSA, 2000 p. 28-29).

A evidência de uma circunstância facilitadora e, de uma permuta de posições, a qual se instalara entre os “escritores literatas” e os “escritores do jornalismo”, se faz vislumbrar a partir do momento em que, segundo informa Maria Lúcia Pallares – Burke, os homens da atividade jornalística “assumem uma dignidade que havia sido prerrogativa dos livros e de seus autores”. (PALLARES – BURKE, p. 14). Por sua vez “escritores literatas” adquirem uma nova performance em um espaço antes destinado ao embate político, não obstante a “missão de educar”, no sentido de “suprir as deficiências culturais e educacionais” verificadas à época.

As trocas ou alternâncias ocorridas no interior dos dois espaços, o literário e o jornalístico, os quais são favorecidos por um *scambio** entre um e outro campo, onde de um lado o homem da atividade jornalística passa a ocupar a posição como intelectual. Do outro lado, passa o escritor a tomar a posição em um espaço de veiculação para a produção intelectual.

Verificamos outrossim que a nuance política permeiou, em seu nascedouro, o ingresso dos literatas na atividade jornalística, tendo sido essa nuance acirrada ou arrefecida, conforme o caso, o qual analisamos anteriormente, por oportuno, em alguns dos periódicos.

Indo além dessas considerações, o fato de exercer o jornalismo sem uma exigência de formação específica para o desempenho da atividade jornalística resultou em ser um componente facilitador de acesso ao espaço jornalístico. No Ceará, por exemplo, só em novembro de 1965, quando da reunião do Conselho Universitário da Universidade Federal, foi aprovada a criação do curso de Jornalismo que passou a funcionar a partir do primeiro semestre de 1966, sendo naquela oportunidade dirigido por Luís Sucupira¹⁹.

Sem exigência de uma qualificação específica o jornalismo de então fora mais um espaço acessível aos intelectuais, pois o domínio da palavra já se fizera demonstrar pela repercussão da Revista Clã não apenas no Ceará como também em outras capitais do país, o que não deixou de ter sido importante elemento motivador para a introdução daqueles intelectuais no meio da comunicação no Ceará e em outros estados. Esse, porém, não seria o caso de Antônio Girão Barroso e de Fran Martins, pois já trabalhavam no jornalismo e na imprensa

* Palavra italiana que significa sessão recíproca.

antes mesmo da organização da Revista e da composição do Grupo Clã. O mesmo podemos afirmar de Otacílio Colares que desde cedo teve atuação intensa no jornalismo do Ceará e em outros estados.

Dos componentes do Grupo Clã que atuaram no jornalismo levando-se em conta, ainda as suas colaborações, além dos nomes já mencionados encontramos Aluizio Medeiros, Eduardo Campos, João Clímaco Bezerra, Mozart Soriano Aderaldo, Artur Eduardo Benevides, Lúcia Martins e José Stênio Lopes.

2.6 Quem te viu quem te vê

Passando a uma análise que vislumbre as perspectivas individuais, destacamos Fran Martins que desde muito jovem já participara de jornais desde os tempos de escola em Iguatu – Ceará, havendo dedicado-se a essa atividade repetidas vezes ao longo de sua vida.

A sua passagem pela Imprensa Oficial e sua posição de intelectual, inclusive com livros publicados pelas Editoras do Rio de Janeiro, lhe conferiu o perfil adequado para compor os quadros do Serviço Público Federal, dirigindo, no Ceará, o Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP, órgão técnico de controle da imprensa durante o Estado Novo²⁰.

Após sua participação no DIP, Fran Martins deu continuidade às suas atividades jornalísticas em iniciativas mais particularizadas ou mais isoladas do setor público.

Em 1948, aparece como diretor da Revista Clã, depois presidindo e dirigindo, a partir de 1955, o jornal *O Estado*, o qual foi de sua propriedade durante dois anos. A sua projeção no meio da comunicação o levaria a colaborar nos principais jornais do Estado do Ceará, tais como o *Unitário*, o *Correio do Ceará e O Povo*, dentre os mais importantes, e ainda colaboraria em periódicos dos estados do Rio de Janeiro, de São Paulo, do Amazonas, do Pará, do Maranhão, do Espírito Santo e de Pernambuco²¹.

Na Revista Clã, Fran Martins acumulou as funções de diretor, de redator, e colaborador*. Como seu principal editor, foi figura das mais expressivas, tendo exercido influência quanto aos rumos de uma aparente neutralidade política, ou seja, caberia à revista ocupar-se do que fosse exclusivamente literário não havendo espaços para os posicionamentos políticos, o que é entendido como uma certa resistência herdada do autoritarismo estadonovista, considerando que no Brasil as letras foram instrumentos de busca de consenso e envolveram, preferencialmente os setores da elite. (PÉCAUT, 1990, p. 67-68).

No Ceará não foi diferente, e ainda essa política desmobilizadora, se arrastaria para além das fronteiras do Estado Novo, tendo essa atitude absenteísta dos intelectuais sido entendida entre eles mesmos como um fator positivo, conforme expressou-se Mozart Soriano Aderaldo:

(...) Análise que não quero nem posso fazer, por motivos óbvios, cabendo-me tão somente dizer, porque para tanto me acho autorizado, que o grupo Clã foi um movimento de convivência de contrários, havendo nele líderes católicos e militares comunistas, liberais de centro e socialistas moderados,

* Ver quadro anexo.

todos preocupados primordialmente com o fenômeno literário, postas de lado as querelas políticas. Não tendo marca ideológica, ao contrário do que vem sucedendo com outros movimentos, foi-lhe possível manter-se através dos tempos e comemorar, ainda fiel ao seu programa, os quarenta anos de suas atividades. Salientando fique, ainda, que o Grupo Clã compreendeu não somente poesia e prosa de ficção, mas quase todos os setores dos trabalhos intelectuais (...) (ADERALDO, 1994, p. 209).

Entendida como a causa da sustentação e da durabilidade do grupo através dos tempos, a ausência de uma marca ideológica era um distintivo que os membros de Clã cuidaram em ostentar, configurando-se em uma limitada participação no embate político daqueles que fizeram o Clã, empenhados que estavam em direcionarem-se com vistas a uma compatibilização com a política dominante, realçada pelos laços de comprometimentos através dos cargos que exerceram no âmbito público municipal, estadual e federal.

CONCLUSÃO

Atuando como o agente propulsor de um empreendimento cultural de larga escala que deflagrou no Brasil e que varreu os primeiros anos da deposição da ditadura getulista, os periódicos e, mais precisamente as revistas culturais de um modo geral, encontraram, àquele momento, um ambiente propício à sua germinação ocasionada por um reestabelecimento do estado de direito, bem como, pela ativação das instituições democráticas nacionais.

As repercussões desse momento histórico traduzir-se-iam na imediata reação por parte de uma considerável parcela da intelectualidade, a qual não obstante a cooptação de intelectuais pelo regime ditatorial permaneceu por força desse mesmo regime, sem o poder de expressão.

Assim, a edição e publicação de revista, mostrava-se um meio de comunicação de fácil acesso ao mesmo tempo em que abria um espaço a um maior número de escritores, proporcionando-lhes a oportunidade de apresentar os seus trabalhos, contando como importante para o momento as suas contribuições estéticas, muito embora, paralelamente, existisse uma doutrina contrária a uma suposta *gratuidade estética* herdada do modernismo.

Seriam no entanto, as tendências estetizantes da geração de 45 que predominariam, rejeitando o modernismo, justamente por sua insipiência estética.

Entender, pois a Revista Clã sob a simplória perspectiva de uma revista de cultura e de cultura literária, gerida e organizada por um grupo de escritores, surgida na segunda metade da década dos anos 40, seria no mínimo incorrer-mos em uma análise de um lado parcial e que, a quer isolada de um contexto histórico e de seus possíveis desdobramentos na política cultural do país. De outro lado, essa análise é injusta, pois que, proveniente dessa parcialidade, desconhece o legado cultural de Clã, que ao veicular através de suas páginas, uma literatura local, superaria os limites de uma publicação local, transpondo uma barreira sócio-geográfica, determinada pelas imposições de uma cultura rarefeita e centralizada na capital e nos centros político-econômicos do país.

Clã foi mais longe em busca de um seu *referendum* no crivo de uma crítica extramuros, surgidas das mais variadas direções e que apresentou os seus considerandos em prol da Revista.

Situando-se no nível da intelectualidade brasileira, numa visão mais ampla, e, da atuação cultural da cidade, numa visão mais restrita, mas nem por isso, de menores impasses, considerando que o campo cultural é caracterizado por um espaço social estruturado, daí as lutas para transformar ou conservar essa estrutura, Clã ia projetando uma sua imagem, vindo a significar a expressão legítima para os assuntos culturais locais, passando assim a instituir-se como a – representação da cultura cearense.

O Clã – a revista e o grupo, passando este último a configurar-se como tal a partir da revista, atuaram como a representação da cultura cearense a partir do final da década de quarenta, vindo a atingir seu ponto mais alto, nos anos que antecederam a implantação e instalação da Universidade do Ceará.

A Universidade por sua vez, contrariamente às aspirações *clanistas* que a entendiam como uma força aliada, proporcionando-lhe meios e incentivos, ao invés de funcionar como parceria no projeto de Clã dando o suporte à manutenção do status do grupo, passaria a dividir com a revista o mesmo espaço o qual antes da Universidade, de certa forma era dominado por Clã. Não obstante, os laços familiares e a parentela reconhecida em ambas as instâncias – Clã e Universidade foi o âmbito de cada uma, ou seja, o privado e o público que atuou como o divisor de águas natural na questão da acomodação e da respectiva atuação nos espaços.

Por isso mesmo, a Universidade independente de uma vontade administrativa não comportaria em suas *dependências* um órgão com nítidas características de iniciativa privada como de fato o era Clã, apesar do abrangente caráter coletivo de seu órgão de divulgação, de sua função e da dimensão de sua representação.

A Universidade por revestir-se de uma oficialidade institucional e, como tal, passou a absorver àquele projeto político-pedagógico intencionado por Clã, no sentido de uma formação orientada, apesar da natureza informal de da atuação de Clã, o que desde então, passou a dar lugar a um projeto político-formal, institucional e de abrangência cultural, de natureza científico-pedagógica e didática representada a partir de então pela Universidade Federal.

NOTAS

¹DIMAS, Antônio. Tempos Eufóricos: Análise da Revista Kormos, 1904-1909. São Paulo: Ática, 1983, p. 141-220. Além da indexação dos assuntos o autor elabora um Índice Remissivo dos colaboradores e uma Antologia com base nos principais gêneros literários que fizeram a Revista Kosmos.

²Apud. Dolor Bandeira. Associação Literária e particularmente no Ceará – Oiteiros. In: Revista do Instituto do Ceará, 1943, p. 148-160.

³Dolor Bandeira. op. cit.

⁴Dolor Bandeira. op. cit.

⁵GIRÃO, Barroso. Pequena História do Ceará. Fortaleza, Editora do Instituto do Ceará, 2ª ed. 1962, p.35

⁶AZEVEDO, Sânzio. Literatura Cearense. op. cit. P. 27-42.

⁷BRAGA, Renato. História da Comissão Científica e de Exploração. Fortaleza: Fundação Guimarães Duque/Imprensa Universitária do Ceará, 1962, p. 15-33.

⁸AZEVEDO, Sânzio. A Academia Francesa no Ceará (1873-1875). Fortaleza: Imprensa Universitária. 1971. P. 5-36.

⁹AZEVEDO, Sânzio. Literatura Cearense. op. cit. P. 70-89, 90-150.

¹⁰Revista A Quinzena, N^o 1, jan. 1887. Fortaleza. Gráfica BNB, 1984, p. 1. Edição Fac-similar.

¹¹AZEVEDO, Sânzio. A Padaria Espiritual (1892-1898) Fortaleza: Casa José de Alencar / IUC. 1970, p. 49-134.

¹²ALVES, Joaquim. Os Partidos Políticos. In: Revista Clã, N^o 1, Fortaleza: Ed. Clã, 1948, p. 28-34.

¹³BARROSO, Antônio Girão. Um certo contato com a lua. In: Roteiro Sentimental de Fortaleza, 1996, p. 118. Transcrição de depoimento oral concedido por Antônio Girão Barroso.

¹⁴Ver as seções: O Livro Brasileiro e O Livro Estrangeiro, In: Revista Clã, N^{os} 1, 2, 3, 4 e 5.

¹⁵Sânzio de Azevedo, op. cit. p. 90-150

¹⁶Sânzio de Azevedo, faz referência em Literatura Cearense, ao título concedido ao escritor.

¹⁷AZEVEDO, Sânzio. Literatura Cearense, op. cit. P. 427-499.

^{18A} partir de 1965 a Universidade do Ceará, após a reestruturação universitária de 1964 da qual o Reitor Martins Filho fora designado pelo então Ministro da Educação, Flávio Lacerda, como membro da Comissão de Reestruturação Universitária. Ver Revista Clã, N^o 20, 1964, p. 171. (Resenha Cultural).

¹⁹Ver, os informes da Universidade do Ceará. In: Revista Clã N^o 21, 1965, p. 161.

²⁰Depoimento de Lúcia Fernandes Martins, colhido por nós em junho de 2000.

²¹Ver Antologia da Academia Cearense de Letras, org. Sânzio de Azevedo. Fortaleza: Edições da ACL. 1994. P. 57

FONTES PRIMÁRIAS

PERIÓDICOS

1. A Quinzena. Fortaleza, gráfica. BNB, 1984, Edição Fac-similar.
2. Antologia Academia Cearense de Letras: Edição do Centenário: AZEVEDO, Sânzio (org.) Fortaleza, 1994.
3. Clã, revista de cultura. Fortaleza: IOCE / Instituto do Ceará / IUC, N^{os} 0 ao 29, dez. 1946 a dez. 1988.
4. Correio do Ceará. Fortaleza, 25 de abril de 1948.
5. Dia da Cultura-Caderno Cultural. N^o 8; Fortaleza: Fundação de Cultura Edição Fundação de Cultura e Turismo e Turismo. 1993.
6. Folha de São Paulo. São Paulo, 16 de maio, 1948.
7. O Libertador, Fortaleza: Secretária de Cultura Turismo e Desporto / IOCE. 1998. Edição Fac-similar.
8. O Pão. Fortaleza, EDUFC / Academia Cearense de Letras, 1982. Edição Fac-similar.
9. Revista da Academia Cearense de Letras. Fortaleza: Editora do Instituto do Ceará: N^o 26. 1954.
10. Revista do Instituto do Ceará. Tomo CXII, ano CXII, vol. 112, 1998.
11. Revista do Instituto do Ceará. Vol. LVII, 1943.

BIBLIOGRAFIA

ADERALDO, Mozart Soriano. **História Literária do Ceará**. Dos Oiteiros ao grupo Clã. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1986.

_____. Mozart Soriano. **Grupo Clã – 40 anos**. In: Revista da Academia Cearense de Letras, N^o 48, Fortaleza: Ed. ACL, 1988.

_____. **Renascimento Literário**. In: A Quinzena, Fortaleza: Gráfica do BNB, 1984. Edição Fac-similar.

_____. **História Abreviada de Fortaleza** – crônicas sobre a cidade amada.

ALVES, Joaquim. **Os Partidos Políticos**. In: Revista Clã, N^o 1. Fortaleza: Ed. Clã, 1948.

ARARIPE, J. C. de Alencar. **Jornal na Estante**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1986.

AZEVEDO, Rubens de. **Os 40 da casa do Barão** – primeiro centenário do instituto. Brasília, 1993.

AZEVEDO, Sânzio. **Literatura cearense**. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976.

_____. **A Academia Cearense de Letras**. In: Antologia da Academia Cearense de Letras. Fortaleza. Edições ACL. 1994, p. 7-16.

_____ **A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará.** Fortaleza: IOCE / Sec. de Cultura e Desporto, 1983.

_____ **A Academia Francesa do Ceará 1873–1875** (síntese histórica). Fortaleza: Casa José de Alencar / UFC, 1971.

BANDEIRA, Moniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil.** Dois séculos de história. 2ª ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1978.

BARATTA, Mário. **De como deve ser visto o binômio Clã – SCAP.** In: Clã, N^o 29. Fortaleza: Ed. Clã, 1988.

BARREIRA, Dolor. **História da Literatura Cearense.** Fortaleza: Instituto do Ceará, 1954.

_____. Dolor. **Associações literárias e particularmente no Ceará – oiteiros.** In: Revista do Instituto do Ceará, 1943.

BARROSO, Antônio Girão et al. **Esse tal de grupo Clã.** In: Revista Clã N^o 27, 1981.

_____ **Um certo contato com a lua** (depoimento de Antônio Girão Barroso). In: Roteiro Sentimental de Fortaleza – depoimentos de História Oral de Moreira Campos, Antônio Girão Barroso e José Maria / transcriutores: Oswald Barroso, Catarina de Saboya Oliveira e Sebastião R. Ponte. Fortaleza: UFC – NUDOC / SECULT-Ce, 1996.

BEIRED, José Luiz Bendicho. **Sob o signo da nova ordem:** intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina. São Paulo: Edições Royola, 1999.

- BOBBIO, Norberto, et alli. **Dicionário de política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 10^a ed., 1997.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 3^a ed. São Paulo. Cultrix, 1982.
- BOURDIEU, Pierre. **Campo de poder, campo intelectual e habitus de classe**. In: A economia das trocas simbólicas. São Paulo. Perspectiva, 1974.
- BRAGA, Renato. **História da Comissão Científica de Exploração**. Fortaleza: IUC / Fundação Guimarães Duque, 1962.
- BRAGANÇA, Aníbal. **Livraria Ideal: do cordel à bibliofilia**. Niterói: Edições Parárgada: EDUFF., 1999.
- BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.
- CAMPOS, Eduardo. **Rádio e teatro**. In: Revista Clã N^o 3, 1948.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Ed. Nacional, 1965.
- CANDIDO, Antônio e CASTELO, J. Aderaldo. **Presença da literatura brasileira**. 2^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- _____ **A formação da literatura brasileira (momentos decisivos)**. São Paulo, Martins, 1969.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____ **Seis propostas para o próximo milênio** – lições americanas. 2^a ed.
São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____ **Le città invisibili**. Milano: Arnaldo Mondadori Editori, 1993.

CAPELATO, Maria Helena. **Os intelectuais e o poder no varguismo e peronismo**. In: História Questões e debates – Intelectuais e Poder. Jul/dez, 1996.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 2^a ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana S.A., 1971.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1990.

COELHO, Jacinto Prado. **Problemática da história literária**. 2^a ed. Lisboa: Ática, 1961.

DECCA, Edgar Salvadori de e LEMAIRE, Rita (org.) **Pelas margens: outros caminhos da história e da literatura**. Campinas, Porto Alegre: Ed. da Unicamp., Ed. da Universidade UFRGS., 2000.

DARTON, Roberto. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graul, 2^a ed. 1986.

_____. **O Beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DIAS, Milton. **Relembraças**. 2^a ed. Fortaleza: EUFC, 1997.

DIMAS, Antônio. **Tempos Eufóricos: análise da revista Kosmos, 1904-1909.** São Paulo: Ática, 1983.

EKSTEINS, Modris. **A sacração da primavera: a grande guerra e o nascimento da era moderna.** Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

GIRÃO, Raimundo. **Pequena história do Ceará.** 2^a ed. Fortaleza: editora do Instituto do Ceará, 1962.

GIRÃO, Raimundo e SOUSA, Maria da Conceição. **Dicionário da Literatura Cearense.** Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1987.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. **Mitos, emblemas e sinais.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GOMES, Ângela Maria de Castro. **História e historiadores.** Rio de Janeiro. Ed Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____. **O redescobrimento do Brasil.** In: OLIVEIRA, Lúcia Lipp et alli: O Estado Novo: Ideologia e poder. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

_____. **Literatura e vida nacional.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

HALBWACCS, Maurice. **Le mémoire collective**. PUF, 1950.

LEMENHE, Maria Auxiliadora. **As razões de uma cidade**. Fortaleza: Stilus Comunicações, 1991.

LUSTOSA, Isabel. **Insultos Impressos**: a guerra dos jornalistas na independência 1821-1823. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MARTINS, Fran. **Estrêla do Pastor**. 2^a ed. Fortaleza: Casa José de Alencar / Programa Editorial, 1998.

_____. **Noite Feliz**. 2^a ed. Fortaleza: Casa José de Alencar. Programa Editorial, 1999.

_____. **A semente**. Quadragésimo ano ou como começou o movimento de Clã. In: Revista Clã N^o 28, 1982.

_____. **Panorama literário do Ceará em 25 anos**. In: Revista da Academia Cearense de Letras. Fortaleza: editora Instituto do Ceará LTDA., 1954.

MARTINS, Wilson. **História da Inteligência brasileira**: 1877-1896. Vol. IV. São Paulo: Cultrix, 1978.

_____. **História da Inteligência brasileira**: 1930-1960. Vol. VII. São Paulo: Cultrix, 1979.

MORAIS, Vera Lúcia Albuquerque. **Revista clã**, veículo cultural do modernismo cearense. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará. 2000.

- MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira**. (1933-1974): pontos de partida para uma revisão histórica. São Paulo: Ática, 1977.
- NAVA, Pedro. **Baú de ossos**. Rio de Janeiro. Ed. Sabiá, 1972.
- PALLARES – BURKE, Maria Lúcia Garcia. **The espectador, o teatro das luzes – diálogo e imprensa no século XVIII**. São Paulo. Hucitec, 1995.
- PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação**. São Paulo, Ática, 1990.
- PERRONE – MOISÉS, Leyla. Altas literaturas. **Escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PORTELLA, Eduardo et alli: **O Romance de 30 no Nordeste**. Seminário sobre o romance de 30. Fortaleza: edições da Universidade Federal do Ceará. 1983, p. 13-37.
- QUEIROZ, Terezinha. **Os literatos e a república: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo**. 2ª ed. EDUPI / UDUPB, 1998.
- ROSA, Guimarães. **Diálogo com Guimarães Rosa**. In: Coutinho, Eduardo F. (org.) Guimarães Rosa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- SÁ, Adisia. **Biografia de um sindicato: sindicato dos jornalistas profissionais do Ceará**. EDUFC, 1981.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

_____ **Orfeu Estático na Metrópole.** Sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de história da cultura brasileira.** 10^a ed. São Paulo: Difel, 1982.

_____. **História da Literatura Brasileira.** 7^a ed. São Paulo, 1982.

TELES, Gilberto Mendonça. **A Crítica e o Romance de 30 no Nordeste.** In PORTELA, Eduardo. **Romance de 30 no Nordeste.** Fortaleza: edições da Universidade Federal do Ceará. 1983, p. 39-132.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **Ordem: uma revista de doutrina política e cultura católica.** In: *Revista e Ciência Política*, 21, jul. set. 1976.

_____. Mônica Pimenta. **Cultura e poder político: uma configuração do campo intelectual.** In: OLIVEIRA, Lúcia Lipp. **Estado Novo: Ideologia e poder.** Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1982.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura e o apelo das massas.** In: AVERBUCK, Lígia (org.) **literatura em tempo de cultura de massa.** São Paulo: Nobel, 1984.

_____. (org.). **A leitura e o ensino da literatura.** São Paulo: Nobel, 1988.

ÍNDICE CLASSIFICADO DE ASSUNTOS

1. ÍNDICE CLASSIFICADO DE ASSUNTOS

CLÃ. Fortaleza, ano I, nº 0, dez. 1946.

0.1. Prosa

0.1.1. REDAÇÃO. “Explicação deste número”. A este número 0 damos o caráter de amostra de apresentação de Clã, antecipa-se pelos compromissos já assumidos com os nossos colaboradores e anunciantes.

0.1.2. BEZERRA, João Clímaco. “Não há estrelas no céu”. Capítulo do romance *Não há estrelas no céu*.

0.2. Poesia

0.2.1. Poemas de Matos Pereira, Gastão Justa, Mozart Soriano Aderaldo, Xavier Vieira e Humberto Teles. Temática variada, versos de métricas regulares e versos livres.

0.3. Crítica

0.3.1. MONTENEGRO, Braga. “Convite à leitura dos Contos de Joyce”. Faz comentários sistematizados sobre algumas obras de James Joyce.

0.3.2. SANTOS, Antônio. “Os Hóspedes”. Tece comentários a respeito do livro de poesia *Os hóspedes*, de autoria de Otacílio Colares, Aluizio Medeiros, Antônio Girão Barroso e Artur Eduardo Benevides.

0.4. Filosofia

0.4.1. BANHOS, Afonso. Metafísica existencial. Texto expositivo do conceito de mundo no pensamento agostiniano e no de Heidegger.

0.5. Política

0.5.1. A Direção. “Política”. Texto sobre o conceito de política no pensamento

aristotélico; da não neutralidade, mas acima do cru partidarismo.

0.5.2. LOPES, Stênio. “Para onde vamos”. Análise da situação política de 1946, antes do golpe de 1937; os partidos PSD, UDN, PSP e o Partido Republicano que se diferenciam apenas pelas divergências pessoais de seus líderes.

0.6. Cinema

0.6.1. BARROSO, Antônio Girão. “Linha reta”. Texto onde examina o cinema sob várias perspectivas, dentre elas arte e diversão; a importância da direção.

0.6.2. BARROSO, Antônio Girão. Um episódio de “greve”. Reprodução da lista de tomadas do filme de Einstein, com tradução de A. M., publicada por Alexandre Belenson na Revista *Cinema Today*, Moscou, 1925, p. 59.

0.7. Resenha

0.7.1. (Nota do Editor) “O Professor”, de Everardo Backenser, Livraria Agir Editora.

0.7.2. (Nota do Editor). Perspectiva para uma vida mais feliz, de A. da Silva Melo, 3ª. edição, Coleção Obras Educativas, Liv. José Olympio.

0.7.3. (Nota do Editor). “A Professora Hilda”, novela de Lúcio Cardoso, Liv. José Olympio.

0.7.4. (Nota do Editor). “Dias de maio”, de Adriano de Abreu, Liv. José Olympio Editora.

0.7.5. (Nota do Editor). “Fome de pão”, com o subtítulo *Crônicas da Roça*, de Adolfo Porto, Liv. José Olympio Editora.

0.7.6. (Nota do Editor). “Corações angustiados”, de Alfredo Vigny, Editora Flama S.A., São Paulo.

0.7.7. (Nota do Editor). “Um amor que volta”, de Guido da Verona, Editora Flama S.A., São Paulo.

0.8. Notícias

0.8.1. I Congresso Cearense de Escritores, realizou-se em Fortaleza, no dia 7 de setembro de 1946.

0.8.2. “1947”. Clube de Literatura e Arte, realizou primeira sessão em 8 de fevereiro de 1946; sob seu auspício saíram os livros das “Edições Clã”; em abril junto com a Sociedade Cearense de Artes Plásticas fará realizar o III Salão de Abril.

0.8.3. “Cooperativa”. Instalada há pouco a Cooperativa Edições Clã Ltda.

0.8.4. A.B.D.E. – Associação Brasileira de Escritores, tendo à frente o romancista Fran Martins, prosseguirá com programa em defesa ao escritor da província, com base nas conclusões aprovadas no I Congresso Cearense de Escritores.

0.9. Publicidade

0.9.1. Companhia Johnson S.A.; Carlos Braga e Cia. Ltda.; Pompeu Gurgel; Cooperativa Edições Clã Ltda.; Roteiro de Eça de Queiroz, de Stênio Lopes; Edições Clã.

0.10. Opinião

0.10.1. Uma chama ao vento, de Braga Montenegro: Raquel de Queiroz – “Livro excelente. Para que não suba o sapateiro além da chinela, não me meto a analisar a obra que, como disse, é excelente; deixo aos críticos de profissão o prazer de louvá-la”. Otto Maria Carpeaux – “Agora me chegam os seus contos, e logo lhe digo que me parecem admiráveis a penetração psicológica e a sinceridade absoluta”. Tristão de Ataíde – “Li os contos e gostei. Revelam, sem dúvida, um escritor que a acuidade psicológica predomina e cujo estilo deflui naturalmente dessa primazia da vida interior sobre a vida exterior”.

CLÃ. Fortaleza, ano I, nº 1, fev. 1948.

1.1. Prosa

1.1.1. REDAÇÃO. “Editorial”. Comentário sobre aprovação de decreto do governo do Estado, regularizando a liberação de verbas para prêmios literários.

1.1.2. ADERALDO, Mozart Soriano. “O assunto de nossos dias”. Ensaio. O ensaio faz reflexões de cunho cristão sobre o desajustamento social causado pela riqueza de um e a conseqüente pobreza de muitos.

1.1.3. JUSTA, Gastão. “O carnaval do meu tempo”. Comenta o entrudo, o carro de crítica, o grupo dos mascarados, o maracatu, a contradança, os papangus; cantigas que embalavam aquele momento.

1.2. Poesia

1.2.1. COLARES, Otacílio. “O abismo” e “Soneto do amor discreto”. Dois sonetos ao amor. No primeiro, a tonalidade carnal que transforma o humano em Deus diante do sexo. O segundo exalta um amor espiritual, pois quem ama, ama antes de tudo a si mesmo.

1.2.2. FERNANDES, Yáco. “Lamento da sétima esposa”. Soneto em exaltação ao desejo, ao sonho e à juventude.

1.2.3. ARMANDO, Paulo. “Duelo” oferecido a Valtensir”. Versos que faz alusão ao contraste da vida e o recordar da infância no dia de natal. Verso em redondilha.

1.2.4. AIRES, Durval. “O amanhã sempre vem...” e “Poema para minha noiva”. Em versos livres. O primeiro fala da Espanha, dos poetas dos heróis e histórias humanas de uma Espanha subjugada e heróica. O segundo diz da alegria da vinda, sentir o tremulo corpo da amada.

1.2.5. TAVARES, Cláudio Tuiuti. “Poema ao Pelourinho”, “A terrível alga” e

“O tocador de realejo”. Poemas em versos livres. O primeiro retrata o Pelourinho como trágica catacumba sob o céu aberto. O segundo fala da alga que habita o corpo da mancha que desbota a vida e o poeta com o dilúvio nas veias. O terceiro fala do tocador de realejo que come realejos e melodia, sabe tocar mas não sabe amar.

1.2.6. FARIAS, Aliardo. “Declaração de amor”, “Realidade” e “Canção quase moderna”. Versos livres. O primeiro fala da música, da chuva, do canto dos pássaros, da beleza da vida que é estar junto à amada. O segundo diz da falta de uma mulher e o preenchimento desta lacuna, e o terceiro, temática de inspiração moderna.

1.2.7. ICAZA-SANCHEZ, Homero. “Din-don para Taisinha”. Pequeno poema com estribilho que compara Taisinha à rosa, ao anjo e à canção.

1.3. Crítica

1.3.1. MONTENEGRO, Braga. “Duma interpretação de Emily Bronte”. Crítica ao hino O Morro dos Ventos Uivantes de Emily Bronte, que teve no Brasil as traduções de Oscar Mendes e Raquel de Queiroz.

1.3.2. LOPES, José Stênio. “História econômica do Ceará”. Crítica ao livro de Raimundo Girão. Aborda falhas e também aponta as qualidades de ser um trabalho pioneiro e o esforço do autor pela precariedade das fontes. O livro de Girão é uma publicação do Instituto do Ceará e está catalogado como Monografia, nº 12, com 460 páginas e é de 1947.

1.3.3. MARTINS, Fran. “Luz do pântano”. Poesias de Bueno de Rivera. Ed. José Olympio. Gente da França, livro de crítica de Alcântara Silveira, Ed. Assunção Ltda.

1.4. História

1.4.1. ALVES, Joaquim. “Os partidos políticos”. O texto faz um levantamento e

uma análise dos partidos do governo e os da oposição resultantes do presidencialismo instalado por Campos Sales e perpetuado pelos demais presidentes da República.

1.5. Cinema

1.5.1. CHAPLIN, Charles. “Não, eu não sou comunista”. Nota explicativa de Charles Chaplin publicada no Carrefour de Paris, em outubro de 1947, sobre a recepção do seu filme Monsieur Verdoux, e por ter sido taxado de comunista e anti-americano.

1.5.2. BARROSO, Antônio Girão. Análise do cinema de Hollywood e o papel de Orson Welles na reabilitação do cinema a partir de Cidadão Kane.

1.6. Teatro

1.6.1. CAMPOS, Eduardo. “O demônio e a rosa”. Peça em três atos. Drama entre o casal Elga e Rolando. Após a morte de Elga, Rolando começa a valorizar a esposa e conclui que ele era o demônio e ela a rosa.

1.7. Noticiário

1.7.1. CAVALCANTI, Valdemar. “Em louvor da nova geração”. Artigo publicado n’ O Jornal do Rio, de 30-06-47, sobre a repercussão da Revista Clã.

1.7.2. “O resultado de Belo Horizonte”. Nota sem autor, comentando o Congresso de escritores em Belo Horizonte e a vigorosa renovação provocada no encontro, e assinala as presenças de Antônio Cândido, Edgar Carone, Vasconcelos Maia, Tuiuti Tavares e Jorge Amado, Braga Montenegro, João Clímaco Bezerra, Aluizio Medeiros, Fran Martins, Antônio Girão Barroso, Stênio Lopes, Otacílio Colares, Dalton Trevisan, José Paulo Paes e Glauco Flores de Sá Brito.

1.7.3. CARPEAUX, Otto Maria. Trecho publicado n’ O Jornal do Rio, de 26-10-47.

1.7.4. MILLIET, Sérgio. À margem do Congresso de Belo Horizonte. Publicado n' O Jornal do Rio, de 21-10-47, ressalta a delegação do Ceará por sua eficiência e alto nível intelectual.

1.8. Resenha

1.8.1. ADERALDO, Mozart Soriano. O menino de luto, de Marcos Konder, Edição dos irmãos Pongetti, Rio, 1947.

1.8.2. A. M. Antologia poética de Cecília Meireles, Poesia Brasileira Contemporânea de Gastón Figueira e Almafuerte y su Médico Social, de Lazaro Seigel. O primeiro livro publicado em Cuadernos Poesia de América, 1 – Montevidéo, 1947. O segundo publicado pelo Instituto de Cultura Uruguayo-Brasileiro, Montevidéo, 1947. O terceiro publicado por Talleires Gráficos Ra – DA, Buenos Aires, 1945.

1.8.3. F. M. O ex-mágico, Contos de Murilo Rubião; A Face de Marta, Contos de Milton Pedrosa e O Nosso Mundo, Literatura infantil de Hildebrando Lima. O primeiro livro publicado na Editora Universal, Rio, 1947. O segundo pela livraria Cultura Brasileira Ltda., 1946. O terceiro pela Civilização Brasileira, 1947.

1.9 Notícias (Vento Sul, Vento Norte...)

1.9.1. Esta Revista. Nota explicativa sobre os números anteriores de Clã, ou seja, o n° 0 (zero), depois aparece transformada em jornal sem constar numeração.

1.9.2. Edições Clã. Comunica que dentro em breve o reinício das publicações da Cooperativa Editora Clã.

1.9.3. “Repercussão do Congresso de Escritores Cearenses”. Comenta o Congresso de 1946 sendo este certame citado pela “Revista de Portugal” de Lisboa, de novembro de 1947.

1.9.4. “Sociólogo, crítico e romancista”. Sobre trabalhos de sociologia de Joaquim

Alves; Eleições na A.B.D.E., eleições da Associação Brasileira de Escritores, seção Ceará; “Os poetas não dormem”, sobre os livros de poesias de Aluizio Medeiros e Antônio Girão Barroso; “Djacir Menezes” informa a palestra do escritor no Instituto do Ceará; “Incentivando as Letras” comunica o falecimento de Leonardo Mota no dia 2 de fevereiro de 1947; “Incentivando as Letras” informa projeto de Lei que transita na Câmara, para aquisição pelo Estado de 100 exemplares de cada edição de livros de escritores cearenses.

1.9.5. “Primeiro Congresso Paulista de Poesia”. A Revista Brasileira de Poesia editada na capital paulista irá promover o primeiro Congresso Paulista de Poesia a exemplo do que já aconteceu em Recife e Fortaleza.

1.10. Publicidade

1.10.1. Boris Frerès e Cia. Ltda.; Sul América; Casa Pontes Façanha; Casa Zucacioly; Cia. Internacional de Capitalização; Tricófero de Barry. Livraria Alaor; Farmácias Humanitárias; Jornal José; Ginazio Farias Brito; Laboratório Gaspar Viana, Sousa Fernandes e Cia. A Cosmopolita; Hotel Bitu; Sítio São Luís; Ceará Comercial S.A.; Rovel Couros e Peles S.A.; Wilson, Sons e Co. Limited; Jorge Steiner e Cia. Limitada; Den Norske Syd Amerika Linje.

CLÃ. Fortaleza, ano I, nº 2, abr. 1948.

2..1.Prosa

2.1.1. REDAÇÃO. Editorial. Nota de pesar por ocasião da morte de Leonardo Mota.

2.1.2. MONTENEGRO, Braga. “Das negativas”. Ensaio. Texto ensaístico sobre a obra de Luigi Pirandello. Seu sentido de universalidade com base em seus aspectos morais, filosófico e artístico.

2.1.3. DAVID, Carlos. “Um pulo às Minas Gerais”. (notas de um viajante apressado). Crônica que narra uma viagem a Ouro Preto e Sabará, ressaltando o patrimônio histórico das obras de Antônio Francisco Lisboa – o “Aleijadinho”.

2.1.4. TEIXEIRA, Lucy. “Palestra sobre pintura”. Texto que estuda a evolução e subjetividade da pintura moderna.

2.1.5. ROCHA, Levi. “Do Cajipió ao Louvre”. Texto que narra o percurso do artista plástico Floriano Teixeira.

2.1.6. JUSTA, Gastão. “Reminiscências dos cadetes da Escola Militar do Ceará”. Texto de esforço histórico, que busca a retrospectiva da escola e uma ligação com os fatos históricos da cidade no final do séc. XIX.

2.1.7. BENEVIDES, Artur Eduardo. “Prêmios literários”. Comentários sobre a Lei nº 75 de 29 de novembro de 1947, da Assembléia Legislativa autorizando o Governo do Estado a publicar anualmente a título de prêmio duas obras literárias que obtiveram a melhor classificação em concurso.

2.1.8. CAMPOS, Moreira. “Náufragos”. Conto. Gira em torno da enchente do rio Salgado. Bento mora com a família num casebre às margens do rio. Veio a cheia e levou tudo. Parte para Fortaleza com a mulher e os filhos. O mais velho parte pra São Paulo e o pequeno sustenta a família pedindo esmola.

2.2. Poesia

2.2.1. MEDEIROS, Aluizio. “Os objetos”. Livro de poemas editado pela Revista Clã. Poemas e textos poéticos de temáticas diversas. Versos livres.

2.3. Crítica

2.3.1. LOPES, Stênio. “A crítica no Ceará”. Crítica. Crítica dos livros *Crítica e 1ª. série* de Aluizio Medeiros, Ed. Clã, e *Através da Literatura Cearense* de Florival Seraine, Ed. Estudo. O primeiro livro faz crítica sociológica, como processo de criação. Sob orientação dialético-marxista, não preocupação formal mas conceitual, ressalta o humano e o valor literário. O segundo penetra na ordenação criadora dos autores, sem preocupações no sentido da utilidade da obra.

2.3.2. MARTINS, Fran. “Não era a estrada de Damasco”. Crítica ao romance de Novelli Júnior, Ed. José Olympio, 1948. O crítico observa a problemática de trabalhar com um tema já repetidamente explorado com sucesso. A não originalidade e o tratamento primário que dá às cenas decisivas tiram a consistência do romance.

2.4. História

2.4.1. ALVES, Joaquim. “Capistrano de Abreu”. Abordagem historiográfica da obra de Capistrano de Abreu. Examina os Ensaios e Estudos, Capítulos de História Colonial, Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil.

2.5. Cinema

2.5.1. BARROSO, Antônio Girão. “Assunto e tratamento”. Comentário acerca do filme *A carícia fatal*, versão brasileira de *Of mice and men*, de Lewis Milestone com base no livro de Steinbeck – Ratos e Homens.

2.6. Rádio e Teatro

2.6.1. CAMPOS, Eduardo. “Desolação”. Comenta a falta de estímulo ao teatro e a pouca utilização do Teatro José de Alencar.

2.7. Música

2.7.1. ADERALDO, Mozart Soriano. Texto que tece observações sobre a apreciação e gosto musical.

2.8. Resenha

2.8.1. FIGUEIRA, Gastón. Noite feliz. Livro de contos de Fran Martins, Ed. Clã. In. Books Abroad, Norman, S.V.A., inverno de 1948.

2.8.2. MEDEIROS, Aluizio. “Democracia e planificação de Aderbal Jurema”. Ed. Nordeste, Recife, 1946.

2.8.3. CLÍMACO, João. “Marajó”. Romance de Dalcídio Jurandir. Livraria José Olympio, Rio, 1947.

2.8.4. E. C. “Psicologia da composição”. João Cabral de Melo Neto. O livro inconsútil. Barcelona.

2.8.5. E. C. “Não era a estrada de Damasco”. Novelli Júnior. Livraria José Olympio Editora. 1948.

2.9. Noticiário

2.9.1. MARTINS, Fran. Está concluído o livro *O romance cearense* de Abelardo Montenegro.

2.9.2. MARTINS, Fran. Com a tese “Introdução à Ciência do Direito”, Sólton Farias se candidata à cadeira *Introdução à Ciência do Direito* da Faculdade de Direito do Ceará.

2.9.3. MARTINS, Fran. O grupo teatral *Artistas do povo* estréia em Fortaleza, e tem percorrido o Norte do Brasil, notadamente em Recife onde teve sucesso estrondoso.

2.9.4. E. C. Françoise Mauriac fez considerações sobre *Le passage du Malin* levada à cena no Rio de Janeiro pela Companhia de Marie Bell.

2.9.5. E. C. “Música e Rádio”. Informa sobre a tese de Ruben Luera, gerente da Radio Metropolitana do México, apresentada à Primeira Conferência Nacional de Radiodifusão, em 1944, sobre a

qualidade da música seja popular ou clássica para transmissão na rádio.

2.9.6. MARTINS, Fran. “Música para o povo”. Fala sobre a entrevista do prof. José Siqueira, diretor da Orquestra Sinfônica Brasileira, anunciando o provável desaparecimento daquela orquestra.

2.10. Notícias (Vento Sul, Vento Norte...)

2.10.1. “Clã e clã”. Explicação sobre a Editora Clã, legalmente denominada Cooperativa Edições Clã, fundada em 1943, e a Revista Clã que apareceu em fevereiro de 1948, que se assemelha ao nome mas não tem ligação com a Cooperativa, a não ser o nome e por seus dirigentes pertencerem à Revista Clã.

2.10.2. “Eleições na A.B.D.E.”. Foi a seguinte diretoria eleita para 1948: Presidente – Aluizio Medeiros; Vice-Presidente – João Clímaco Bezerra; 1º. Secretário – Eduardo Campos; 2º. Secretário – José Júlio Cavalcante; Tesoureiro – José Maria Moreira Campos; Conselho Fiscal – Artur Eduardo Benevides, Braga Montenegro, Newton Gonçalves, José Stênio Lopes e Mozart Soriano Aderaldo.

2.10.3. “IV Salão de Abril”. Por todo este mês deverá realizar-se em Fortaleza o IV Salão de Abril, iniciativa da Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP).

2.10.5. “Clube do Livro Clã”. As Edições Clã propõem-se a editar uma obra por mês através do Clube do Livro, que dará maior divulgação ao livro cearense.

2.10.5. “Para o Instituto do Ceará”. Em 20 de março de 1948, foi realizada a sessão solene na qual tomou posse Fran Martins na vaga de Leonardo Mota.

2.10.9. “Centenário de Araripe Júnior”. Previsto para o próximo mês de junho o centenário de Araripe Júnior. Dentre as homenagens previstas: a idéia de um busto em praça pública e convites a representantes da ABDE do Rio, Academia

Brasileira de Letras e do Instituto Histórico Brasileiro.

2.10.9. “Revista Contemporânea”. Os dez anos da Revista Contemporânea que tem direção de Osmundo Pontes e é secretariada por José Júlio Cavalcante.

2.10.9. “Célio Santiago”. Os diretores e redatores de Clã apresentam as condolências à família e em especial ao seu cunhado João Medeiros Calmon.

2.11. Publicidade

2.11.1. *As universidades no mundo de amanhã*, de Fernando Azevedo; *A rua*, de Ann Petry; *Manual de Xadrez*, de Becker. Procure adquiri-los na Edições da Companhia Editora Nacional; Boris Frères e Cia. Ltda.; Livraria Alaor; Tricófero de Barry; J. Goossens e Cia. Ltda.; Metrópole Cia. Nacional de Seguros Gerais; José Edésio de Albuquerque; Laboratório Gaspar Viana; Den Norske Syd Amerika Linje; Casa Parente; Ypióca; Farmácia Belém; Antônio A. Moura; J. Torquato e Cia. Ltda.; Conrado Cabral; Ginásio Farias Brito; Lojas de Variedades; Leite Barbosa; Fernandes Júnior S.A.; Gustavo Silva e Cia.; Cooperativa de Crédito Industrial Ltda.; Cine Diogo; Banco Popular de Fortaleza S.A.; Omnia; Ed. Clã próximas publicações: *Cabeças chatas*, de Leonardo Mota; *Janelas entreabertas*, de Lúcia Martins; *Autores cearenses*, de Joaquim Alves; *A ilha*, de Antônio Girão Barroso; *Vidas marginais*, de Moreira Campos; *Estrada suave*, de Antônio Martins Filho; Clube do Livro Clã; Cooperativa Edições Clã Ltda.

CLÃ. Fortaleza, ano I, nº 3, jun. 1948.

3.1. Prosa

3.1.1. MARTINS, Fran. Editorial. Nota sobre a passagem do centenário de aniversário de Araripe Júnior.

3.1.2. MONTENEGRO, Braga. “Araripe Júnior”. Ensaio sobre a obra de Araripe Júnior.

3.1.3. “Obras de Araripe Júnior”. Relação das obras de Araripe Júnior.

3.1.4. BEZERRA, João Clímaco. “O banho”. Conto. Tem como personagem central Juquinha, menino travesso que fugia das aulas para ver as moças banharem-se no rio.

3.1.5. BENEVIDES, Artur Eduardo. “Segundo Congresso Cearense de Poesia”. Trata das atividades que serão desenvolvidas durante o Congresso.

3.1.6. FILHO, Cruz. “Réplica”. Texto narrativo onde a protagonista Agripina narra a história de seu casamento com Rodolfo Ibiapaba.

3.1.7. JUSTA, Gastão. “Espírito caboclo”. Crônica onde é narrada a história de José Moreno com a sua amada Maria das Dores.

3.2. Poesia

3.2.1. Poemas de Jairo Martins Bastos, Camilo de Jesus Lima, Holdemar Menezes, Silveira Filho, Bandeira Tribuzi e Moacir Souto Mayor. Poemas e textos poéticos e versos livres.

3.3. Sociologia

3.3.1. XAVIER, Rafael. Municipalismo. Análise de fatores que interferem na autonomia dentre eles o econômico e a situação do município como importante unidade de ação na ordem política.

3.4. Crítica

3.4.1. LOPES, José Stênio. “Primeiras considerações sobre a história da literatura

cearense”. O livro editado pelo Instituto do Ceará em 1948, segundo o crítico tem defeitos e um deles é o de arrolar muita coisa sem importância quer para o estudo dos movimentos quer dos autores. Crítica ainda mais o capítulo dedicado à Academia Cearense pela benevolência do autor em valorizar uma instituição que pouco significado possui na nossa história literária.

3.4.2. MARTINS, Fran. “Coração de galo branco”. Crítica. Análise do livro *O galo branco* de Augusto Frederico Schmidt, Livraria José Olympio, 1948. O livro se apresenta mais de confissões que memórias, que embora o autor tente fazer prosa, não esconde o poeta que está presente em todas as etapas do livro.

3.5. Artes Plásticas

3.5.1. COLARES, Otacílio. Apresentação do pintor Antônio Bandeira sobre a estada do pintor cearense em Paris. Sua exposição e seus estudos na Escola de Belas Artes do Rio, atual capital.

3.5.2. O. C. “Centenário de Gauguim”. Síntese da obra e da vida do célebre pintor francês.

3.6. Ilustração

3.6.1. LEITE, Barbosa. Desenho do busto de Araripe Júnior.

3.6.2. BANDEIRA, Antônio. Ilustrações para poema de Otacílio Colares e ilustração para poema de Aluizio Medeiros.

3.7. Cinema

3.7.1. BARROSO, Antônio Girão. “Cenarização de um poema de Aluizio Medeiros. Roteiro ou guia sobre o qual um filme é feito. Consta de 80 tomadas.

3.8. Rádio e Teatro

3.8.1. CAMPOS, Eduardo. “Regional como tema”. “À margem das novelas”. Comentário sobre a utilização da temática regional no teatro e a preferência dos ouvintes pelas novelas do rádio.

3.9. Música

3.9.1. ADERALDO, Mozart Soriano. “Arte musical e poesia moderna”. O autor empreende uma aproximação entre a música e a poesia moderna.

3.10. Resenha

3.10.1. BEZERRA, João Clímaco. *Memórias de um senhor de engenho*, de Júlio Billo, Liv. José Olympio, Rio, 1948. *O galo branco*, de Augusto Frederico Schmidt, Liv. José Olympio.

3.10.2. L. M. “Os dois amores de Grey Manning de Forrest Rosaire”. Romance. Traduzido por Raquel de Queiroz.

3.10.3. MARTINS, Fran. Los sueños corporeos. German Pardo Garcia, Poemas, México, 1948.

3.11. Noticiário

3.11.1. “Clã, uma grande revista do Norte. Notícia de Letras e Artes de 06-06-48, periódico do Sul do país louvando a “lição exemplaríssima” do pessoal do norte.

3.11.2. “Mais uma dessas tentativas heróicas e belas” (...) do Diário de Notícias do Rio, em 06-06-48.

3.12. Notícias

3.12.1. “Incentivo”. Com este título os que fazem a Revista Clã citam as diversas manifestações de destacados escritores, dentre eles Guilherme Figueiredo, Sérgio Milliet, José Lins do Rego, Otto Maria Carpeaux, Orígenes Lessa, Mauro Mota e Veríssimo de Melo.

3.12.2. “Novos colaboradores”. A Revista Clã diz da satisfação de receber os novos colaboradores, Cruz Filho e Silveira Filho.

3.12.3. “Um concurso”. O jornal *O Povo* que reiniciou a publicação do suplemento literário promove concurso para reconhecer os melhores livros cearenses.

3.12.4. “Agora os piores”. O jornal *José* possivelmente promoverá junto a alguns intelectuais um concurso para saber quais os piores livros cearenses.

3.12.5. “Escritores em Congresso”. Os poetas novos estão organizando, possivelmente para setembro, o II Congresso Cearense de Poesia.

3.12.6. “Suplementos literários”. Os jornais *O Povo* e *Correio do Ceará* estão mantendo suplementos literários.

3.12.7. “História da literatura cearense”. Lançado o livro *História da literatura cearense*, de Leonardo Mota.

3.12.8. “Revistas”. Circulação das revistas Contemporânea, Resistência e Trincheira. A primeira com a direção de Osmundo Pontes, a segunda dirigida por Olavo Lessa e redação de Aluizio Bonavides, e a terceira é órgão do Partido Socialista Brasileiro, que é dirigida por Edmilson Barros de Oliveira e secretariada por Antônio Girão Barroso.

3.12.9. “Direção de suplementos”. O crítico José Stênio Lopes deixa a direção do suplemento literário do jornal *O Estado*.

3.12.10. “Cinema” e “Sociedade Pró-Arte”. A Sociedade Cearense de Fotografia e Cinema realizou reuniões e palestras com o teatrólogo Mário Brasini. A Sociedade Pró-Arte patrocinou uma série de palestras proferidas por Parsifal Barroso sobre Romantismo musical.

3.12.11. “Não há estrelas no céu”. O livro de estréia de João Clímaco Bezerra, que José Olympio vai publicar em setembro próximo.

3.12.12. “Folclore”. Está funcionando em Fortaleza uma secção da Sociedade Brasileira de Folclore.

3.12.13. “João Calmon”. Os que fazem a Revista Clã agradecem ao diretor dos Diários Associados, por colaborar com este número de Clã, deixando à disposição as máquinas daquela empresa.

3.13. Publicidade

3.13.1. Mileno Silva Thé – Representações e consignações; Banco Popular de Fortaleza S.A.; Omnia; Ypióca; Irmãos Cavalcante; CIDAO S. A.; A. D. Siqueira e Cia.; Casa Pontes Façanha; Laboratório Gaspar Viana; Companhia de Seguros Gerais; Boris Frerès e Cia. Ltda.; Companhia Johnson S.A.; Livraria Alaor; Dias e Machado; Jorge Steiner e Cia. Ltda.; J. Macedo e Cia.; Wilson Sons e Co. Limited.; Casa P. Machado Ltda.

3.14. Colaboradores

3.14.1. Novos colaboradores: Jaime Martins Bastos, Holdemar Menezes, Silveira Filho, Bandeira Tribuzi, Moacir Souto Mayor, Rafael Xavier e Cruz Filho.

CLÃ. Fortaleza, ano I, nº 4, ago. 1948.

4.1. Prosa

4.1.1. Redação. “Poetas em Congresso”

Martins, Fran. “O Roubo”. Novela que narra o roubo do qual fora vítima o doutor George pelo guarda do Corpo de Vigilância.

4.1.3. Seraine, Florival. “Sobre uma indústria extrativa vegetal do interior cearense”. Ensaio sobre a utilidade da

carnaúba e os modos de extração daquela planta.

4.1.4. Filho, Martins. “O lado alegre da vida”. Texto extraído de um dos capítulos do livro de reminiscências de Martins Filho intitulado *Menoridade*.

4.1.5. Montenegro, Braga. “Duas irmãs”. Tradução do conto *Duas irmãs* de James Joyce, da coleção “Dubliners”.

4.1.6. Guimarães, Ney. “Ignácio Silone – Escritor Social”. O autor faz uma reflexão sobre a obra de Ignácio Silone.

4.1.7. Medeiros, Aluízio. “Do Jeca Tatu ao Zé Brasil”. Comentários sobre Monteiro Lobato e seus livros *Jeca Tatu* e *Zé Brasil*, por ocasião do falecimento do escritor brasileiro.

4.1.8. Justa, Gastão. “Os improvisadores”. Comentários sobre os cantadores e repentistas.

4.2. Poesia

4.2.1. “Poemas” de Mauro Mota, Edson Régis, Yáco Fernandes, Artur Eduardo Benevides, Lucy Teixeira, Fernando Ferreira de Loanda, Otacílio Colares, Clóvis Assunção, Ledo Ivo, Durval Aires, Bandeira Tribuzi, Cláudio Tuiuti Tavares, Solano Trindade, Wilson Rocha.

4.3. Crítica

4.3.1. Rodrigues, Ivan Sérgio. “Considerações em torno do livro cearense”. Faz avaliação das editoras existentes na cidade, e a problemática da editoração.

4.3.2. Martins, Fran. “Urupês”. Apreciação do livro de contos *Urupês* de Monteiro Lobato, que dedicado nesse número de Clã por ocasião do falecimento de Monteiro Lobato.

4.3.3. M. “Um novo romance de John Stein Beck”. Ressalta o artificialismo dos sentimentos das camadas populares americanas contido nas personagens do livro.

4.4. Cinema

4.4.1. Barroso, Antônio Girão. “Cinema Nacional”. Comentários sobre a qualidade do cinema brasileiro. Acenando para o fim da “chanchada” cinematográfica e, comentando as novas perspectivas com a instalação de uma produtora em São Paulo patrocinada pelo Assis Chateaubriand com direção artística de Oduvaldo Viana.

4.5. Rádio e Teatro

4.5.1. CAMPOS, Eduardo. “Teatro infantil”. Comenta as dificuldades de fazer teatro no Ceará e propõe fazer teatro infantil produzindo uma geração com sólidas bases de formação teatral.

4.6. Música

4.6.1. M. S. A. “A sensibilidade romântica e o romantismo musical”. Comenta a Conferência de Parsifal Barroso sobre o romantismo musical.

4.7. Artes Plásticas

4.7.1. COLARES, Otacílio. “O pintor cearense Aldemir Martins”. Traça percurso do pintor cearense que saiu do Ceará e foi para o sul, vencendo com relativa facilidade graças ao seu talento.

4.7.2. LEITE, Barbosa. “Clidenor Capibaribe – Barrica”. Traça as qualidades do artista e cita algumas de suas obras de reconhecido valor.

4.8. Ilustração

4.8.1. MARTINS, Aldemir. “Ilustração para um conto de Braga Montenegro”; “Capa para um livro de Antônio Girão Barroso”; “Capa para um livro de Aluízio Medeiros”.

4.8.2. BARBOSA, Leite. “Ilustração para livro de Fran Martins”.

4.8.3. “Galeria”. Fotografias de Raquel de Queiroz aos três anos e de Braga Montenegro aos quatro anos.

4.9. Resenha

4.9.1. MARTINS, Fran. *Visão de paz*, Ed. Agir, 1948. *Canto Grosso e outros poemas* de E. Carréra Guerra, Ed. do Povo Ltda., Rio, 1948. *Rio do sono*, José Godoy Garcia, Ed. Bolsa de publicação “Hugo de Carvalho Ramos”, Goiânia, 1948. *Advinhas de Veríssimo de Melo*, – Biblioteca da Sociedade Brasileira de Folk-lore nº 1, Natal, 1948.

4.9.2. E. C. *Oscarina*, de Marques Rabelo, Ed. O Cruzeiro, 1948. *Os dois amores*, de Grey Manning de Forrest Rosaire, 1948, Liv. José Olympio – trad. de Raquel de Queiroz. *Sarah Mandrake*, de Maggie Owen Wadeldon, Ed. Vecchi, 1948 – trad. de Marina Guaspari.

4.9.3. MARTINS, Lúcia. *A família de Nina Fedorova*, Liv. José Olympio, 2ª. ed., 1948 – trad. de R. Magalhães Júnior.

4.9.4. N. G. Walt Whitman, de Josiah C. Trent – A Case History, Surg.Gyn. – obst. 1948,87 : 113-121.

4.10. Noticiário

4.10.1. “Um livro sobre o Cariri” está sendo preparado por Irineu Pinheiro; “Novos poemas de Cruz Filho”, intitulado poesia; “A Ilha”, livro de poesias de Antônio Girão Barroso, será lançado este ano; “Mar oceano” é o livro de Fran Martins, que sairá no próximo mês. *História da literatura cearense*, de Dolor Barreira, Editora do Instituto do Ceará Ltda., 1948, toma o nº 18 no rol das monografias que estão sendo apresentadas pelos membros do Instituto. *Shannon’s Way*, de A. J. Cronin, Brown Little, 1948, que acaba de ser lançado.

4.10.2. “Revista das revistas” – Joaquim, no Paraná; Quixote e Província de São Pedro, no Rio Grande do Sul; Panorama, em Minas; Sul, em Santa Catarina; Revista

Branca e Orfeu, no Rio; Revista Brasileira de Poesia, Colégio e Fundamentos, em São Paulo; Região e Nordeste, em Pernambuco; Agora, em Goiás. Ainda, Região de Pernambuco; Kriterion, Revista da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais; Revista de Portugal, Série A, nº 66 e 67, Volume XIII, junho e julho de 1948; Quarterly Book List; The Saturday Review, Vol. XXXI, nº 26, junho, 1948; The Atlantic, Vol. 182, nº 1, julho, 1948.

4.11. Notícias

4.11.1. Premiado Braga Montenegro com o prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras por o seu livro de contos intitulado *Uma chama ao vento*; Encontra-se em Fortaleza a escritora Raquel de Queiroz que editou um novo livro *A donzela e a moura torta*; Nova sede da ABDE, no edifício Excelsior; Festa na Casa Juvenal Galeno para Braga Montenegro; Edições Clã programa três livros para este ano; Aparecimento do jornal *Malazarte*; As revistas e livros americanos foram cedidos pelo Instituto Brasil-Estados Unidos; Segundo Congresso de Poesia em preparação; Herma a Araripe Júnior; Será inaugurada uma nova emissora em Fortaleza, a Rádio Iracema; Fortaleza hospedou José Rangel, consagrado escultor.

4.12. Publicidade

4.12.1. Cooperativa Edições Clã. Distribuidora Edésio; Banco Popular de Fortaleza S.A.; Carlos Jereissati e Cia.; Companhia Ceará de Seguros Gerais; Biscoitos Tam-Tam; Sociedade Exportadora e Industrial Ltda.; Dr. Fran Martins – advogado; Exportadora Cearense Ltda.; Livraria Alaor, Banco Frota Gentil, S.A. Carneiro e Gentil; Casa Costa Lima Myrtil Ltda.; Sociedade Comercial Ltda.; Agências Marítimas Nordeste S.A.; Agência Admiral; Rovel Couros e Peles S.A.; Siqueira e Araújo Ltda.; A. Fiúza

Filho e Cia.; Irmãos Oquendo e Matoso Ltda.; Edições CLã.

CLã. Fortaleza, ano I, nº 5, out. 1948.

5.1. Prosa

5.1.1. Redação. Nota sobre a continuidade da Revista e sobre o esforço de continuar a mantê-la.

5.1.2. CAMPOS, Moreira. “Suor e lágrimas”. Conto. Zuíla recebe a notícia da prisão do marido por ter tendências comunista e faz de tudo para tirá-lo da cadeia.

5.1.3. MENEZES, Djacir. “A vingança do Macuco contra Lobato”. Crônica. Fala do macuco, representante da mediocridade empavonada, que aproveita-se da morte de Monteiro Lobato para denegrir-lhe a imagem.

5.1.4. GONÇALVES, Newton.

“Reminiscências”. Crônica onde o protagonista exalta os tempos de estudante do Liceu.

5.1.5. LIMA, Sousa. “Podemos pensar sem palavras”. Texto dissertativo sobre linguagem, comunicação e estudos científicos desenvolvidos nessa área.

5.1.6. MONTENEGRO, Braga. “Os manequins”. Conto. A trajetória da personagem e o drama de seu casamento.

5.1.7. BENEVIDES, Artur Eduardo. “Seleções de poesias”. Indicações de trechos de comentários a respeito de poetas.

5.1.8. DANTAS, Raymundo Sousa. “Diálogo em torno de leituras”. Texto em

que o autor comenta alguns autores e suas obras.

5.1.9. RODRIGUES, Ivan Sérgio. “Momento literário”. Avaliação do movimento literário que tomou conta do Ceará.

5.1.10. MEDEIROS, Aluizio. “Sobre poesia principalmente”. Crônica em torno de livros que abordam a problemática estética da poesia.

5.2. Poesia

5.2.1. Poemas de Bandeira Tribuzi, Pedro Ivo, Olavo de Sampaio, Fernando Ferreira Loanda, Eliardo Farias, José Sarney Costa; poemas metrificados, versos livres e textos poéticos.

5.3. Crítica

5.3.1. MARTINS, Fran. “Cronistas”. Análise do contexto e dos autores de crônica no Brasil.

5.4. História

5.4.1. ADERALDO, Mozart Soriano. “Esboço de História da Literatura Brasileira”. Retrospectiva do contexto histórico e literário de Portugal e Brasil.

5.4.2. ALVES, Joaquim. “A Amazônia e o mundo”. Instituto internacional da hiléia amazônica. Textos de análise minuciosa sobre o El Dorado, a indústria extrativa e a Conferência Internacional da hiléia amazônica.

5.5. Cinema

5.5.1. BARROSO, Antônio Girão. Observações sobre os filmes *A dama de Shanghai* e *Os três mosqueteiros*.

5.6. Rádio e Teatro

5.6.1. CAMPOS, Eduardo. “À margem de um movimento”. Comentários sobre a situação do teatro no Ceará.

5.7. Música

5.7.1. M. S. A. “O primeiro aniversário da Sociedade Pró-Arte”. Calendário das atividades da Sociedade Pró-Arte.

5.8. Artes Plásticas

5.8.1. COLARES, Otacílio. “O pintor Barbosa Leite”. Avaliação da pintura de Barbosa Leite.

5.9. Ilustração

5.9.1. LEITE, Barbosa. “O varredor de rua”, Xilogravura. “Trecho de rua”, Xilogravura.

5.10. Resenha

5.10.1. MARTINS, Fran. *Presença de Anita*, de Mário Donato. Liv. José Olympio, 1948; *No exílio*, de Elisa Lispector, Pongetti, Rio, 1948; *Um reformador da cidade do vício*, de José Vieira, Liv. José Olympio, 1948; *Sete anos de pastor*, de Dalton Trevisan, Ed. Revista Joaquim, Curitiba, 1948; *A canção do amanhã*, de João Acioli, Ed. Brasiliense Ltda., São Paulo, 1948; *Novos poemas*, de Eduardo Martins, 1948; *Novos cantos*, Almo Saturnino, Curitiba, 1948; *O camarada Whitman e Joaquim Nabuco*, de Gilberto Freyre, Liv. José Olympio, 1948; *Gaúchos e beduínos*, de Manoelito de Ornellas, Liv. José Olympio, 1948; *As galinhas do Juca*, J. Reis, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 1948.

5.11. Resenha (Tradução)

5.11.1 *O tempo do desespero*. Andre Marraux, trad. de Frederico dos Reis Coutinho, Ed. Mundo Latino, Rio, 1948; *A*

sintonia pastoral, Andre Gide, trad. de Diná Fineberg, Ed. Vecchi, Rio, 1948.

5.12. Noticiário

5.12.1. “Livros americanos”. *Best of Art*, de Emily Genauer; *Civilization on trail*, de Arnold J. Toynbee. O primeiro encontra-se na Biblioteca do IBEU, e o segundo livro é do consagrado autor de *A study of history*, cuja edição resumida foi um dos best-sellers de 1947.

5.12.2. “Reedições”. A livraria José Olympio reedita os romances *Pureza*, de José Lins do Rego (4^a. ed.); *O Quinze*, *João Miguel* e *Caminho de Pedra* de Raquel de Queiroz; este em um só volume, com o título geral de *3 romances*.

5.13. Revista das Revistas

5.13.1. “Tomada de Posição?” Informa da disposição e a tomada de posição dos que fazem a literatura depois do aniquilamento do Estado Novo e as novas revistas que surgem na província: *Província de São Pedro*, nº 10, set. dez. 1947; *A Ilha*, nº 1, set. 1948; *Revista Branca*, nº 2, ago. set. 1948; *Presença*, nº 1, ago. 1948; *Meia-Pataca*, nº 1, jul. 1948; *Caderno da Bahia*, nº 1, ago. 1948; *Joaquim*, nº 19, jul. 1948; *Região*, nº 9, ago. 1948; *Fundamentos*, nº 3, ago. 1948; *Esfera*, ago. 1948.

5.13.2. “Periódicos estrangeiros”. *The Atlantic*, ago. 1948; *Henry Wallace: Divided mind*, por Gardner Jackson; *Theatre Arts*, número de outubro, álbum 1923, enquête nos Estados Unidos para indicar melhor filme, melhores autores, melhor peça, e finaliza com notícia sobre a peça *Medeia*, que obteve notável sucesso em New York. *Revue de Paris*, jul. 1948; *Mercure de France*, jul. 1948; Jacques Vallete e a indicação de livros sobre Londres durante a Guerra. *The Shelter Sketch Book*, de H. Moore e no *Directions* de James Hanley.

5.14. Notícias

5.14.1. O pintor Afonso Lopes expõe no Salão de Abril; Ed. Clã divulga suas publicações; Congresso de Escritores Nordestinos, que terá lugar em Recife; Atividades da ABDE paulista; Segundo Congresso de Poesia do Ceará, que realizou-se no Ceará, tendo comparecido José Sarney e Bandeira Tribuzi; Livros populares a baixo preço é o que Jáder de Carvalho, diretor do Diário do Povo, pretende editar; Exposição de poesias com sucesso em Recife; Deixa a presidência da Cooperativa Edições Clã Fran Martins, assume Antônio Girão Barroso; Edição de Revistas *Joaquim*, *Orfeu* e *Clã* iniciaram a publicação de livros; Uma universidade para o Ceará é o que o prof. Antônio Martins Filho pleiteia para o Ceará; Exposição de Pintura no hall da Assembléia Estadual.

5.15. Publicidade

5.15.1. Um livro indispensável a todos – *História da Literatura Cearense*, de Dolor Barreira; Em todas as livrarias *Uma chama ao vento*, de Braga Montenegro; Banco Popular de Fortaleza S.A.; Sociedade Comercial Ltda.; Fábrica Imperial; Companhia Ceará de Seguros Gerais; Leiam publicações de novos de todo o Brasil; J. Marques e Cia.; Jorge Steiner e Cia. Ltda.; Farinha de Trigo Standart, Rei do Nordeste, Coração de ouro; Gold Medal; O Cruzeiro; J. Neto e Cia.; Sousa, Fernandes e Cia.; Ginásio Farias Brito; Sandoval S. Matos; Alfredo Fernandes e Cia.; Ventura e Cia.; Arraes, Pinto e Cia.; Deodato Martins e Cia.; Tellus do Brasil Relógios S.A.; Caixa Econômica Federal do Ceará; O. S. Xavier; Revista Clã, pedidos pelo reembolso.

6.1. Prosa

6.1.1. REDAÇÃO. Lei Municipal. Indaga a Prefeitura de Fortaleza sobre a aplicação da Lei 15, a qual previa a compra de livros de autores cearenses para as bibliotecas das escolas.

6.1.2. SERAINE, Lourival. Ensaio sobre a etimologia, origem e utilização da jangada.

6.1.3. D’HORTA, Arnaldo Pedrosa. Crônica de linguagem metafórica sobre o poder e a posição dos escritores diante desse poder.

6.1.4. FARIAS, Eliardo. Texto que tece comentários em torno do livro de poesias de Aluizio Medeiros intitulado *Os Objetos*.

6.1.5. MONTENEGRO, Tullo Hostílio. “Crise da ficção americana”. Avaliação da posição americana frente ao espaço já ocupado pelos imortais da literatura universal.

6.1.6. GOMES, José Bezerra. “Notas para o folclore seridoense (vadições e brinquedo)”. Artigo onde são elencados os mais diferentes tipos de brinquedos e vadições de Seridó.

6.1.7. CAMPOS, Eduardo. “Torneira aberta”. Conto que tem como personagem principal Beatriz, que é prostituta e seu drama diante de um jovem de 15 anos que podia ser o seu filho.

6.1.8. BENEVIDES, Artur Eduardo. “Seleção de Poesia”. Seleção de textos poéticos.

6.1.9. JUSTA, Gastão. “Cirandas”. Texto que fala do folclore nordestino e suas cantigas.

6.1.10. MELO, João França. “Jesus”. Texto de abordagem histórica sobre o Império romano e Jesus Cristo.

10.1.3 D'ALVAREZ, Martins. "Chama Infinita". Poemas de métricas variando entre o clássico e o moderno numa perspectiva romântica de temas nacionais.

6.2.2. Poemas de Mauro Mota, Bueno de Rivera, Moacir Souto Maior, Antônio Girão Barroso, Fernando Ferreira de Loanda, Fred Pinheiro, Ledo Ivo, Germano Pontes. Textos poéticos de temáticas variadas e de métrica livre.

6.3. Crítica

6.3.1. BEZERRA, João Clímaco. "1948". Espécie de crítica sobre as publicações dos escritores cearenses no ano de 1948.

10.1.4 MARTINS, Fran. "Contistas". Avaliação crítica dos autores e o gênero "conto" no contexto nacional.

6.4. Sociologia

6.4.1. SAMPAIO, Olavo. "Aspectos sociais da Questão Negra na nossa história". Análise sociológica sobre as teorias de Lapouge e Gabineau, os quilombos no Brasil e as insurreições dos negros maometanos.

6.5. Cinema

6.5.1. BARROSO, Antônio Girão. "Criação de um Clube de Cinema". Sobre a importância dessa agremiação.

6.6. Rádio e Teatro

6.6.1. CAMPOS, Eduardo. "O Quinhão da Província". Texto analítico sobre o teatro e o serviço nacional de teatro.

6.7. Música

6.7.1. M. S. A. Síntese de uma Conferência. "Características do romantismo musical". Resumo da conferência de Parsifal Barroso sobre o Romantismo Musical.

6.8. Artes Plásticas

6.8.1. O. C. "E quem quiser que desconheça". Texto onde analisa a recepção das artes plásticas no Ceará.

6.9. Resenha

6.9.1. MONTENEGRO, Braga. *Mar Oceano*, Contos de Fran Martins, Ed. da Revista Clã, Fortaleza.

6.9.2. A. E. B. *Esboço de História da Literatura Brasileira*, Ed. Revista Clã, Fortaleza.

6.9.3. MONTENEGRO, Braga. 3 romances e algumas crônicas. *3 romances e A Donzela e a Moura Torta*, Raquel de Queiroz, Liv. José Olympio, Rio, 1948.

6.9.4. I. S. *Não há estrelas no céu*. Romance de João Clímaco Bezerra, Ed. José Olympio, Rio, 1948.

6.9.5. F. M. *Padre Bento*. Livro de Novelli Junior, (?), Rio, 1948.

6.9.6. F. M. *Capitalismo e democracia*. Conferência, Amaro Quintas, Ed. do Sindicato dos Professores do Ensino Secundário de Pernambuco, 1947.

6.9.7. F. M. *O templo da estrela*. Poesia, Marcos Konder Reis, Pongetti, (?), 1948.

6.9.8. F. M. *Poemas narrativos*, Wilson de Figueredo, Ed. de Edifício, Belo Horizonte, 1948.

6.9.9. MEDEIROS, Aluizio. Anotações para um Ensaio. *Variaciones sobre la poesia*, Eduardo González Lanuza, Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 1943.

6.10. Noticiário

6.10.1. Revista das Revistas. Por que tantas Revistas? Falamos do silêncio a que foram submetidos na ditadura e a efervescência intelectual do momento: Fundamentos, Cronos; Novos Rumos;

Caderno da Bahia; Resenha Literária; Nordeste; Atlantic; Joaquim; Época.

6.10.2. A. E. B. Compositores sem liberdade. O partido comunista criticou a orientação artística de Shostakovitch, Prokofieff e Katchturian, determinando que deixassem de fazer músicas burguesas e escrevessem motivos nacionais ou temas eslavos.

6.10.3. LEITE, Barbosa. *O pintor Raimundo Kampos*. Sobre o primeiro lugar que o artista conquistou no II Salão de Abril.

6.11. Notícias (Vento Sul, Vento Norte...)

6.11.1. Edições Revista Clã. Confusões em torno do nome: Edições Clã e as Edições Revista Clã.

6.11.2. O Grupo Clã. Os novos nomes para o Conselho de Redação; atribuições continuam as mesmas.

6.11.3. Clube de divulgação do livro cearense, dirigido por Fran Martins e comissão de seleção: Dolor Barreira, Joaquim Alves e Fran Martins.

6.11.4. Silveira Filho. Nota de falecimento do escritor Silveira Filho.

6.11.5. Bilhete. Porto Alegre, 25 de nov., 1948, de Érico Veríssimo para Fran Martins.

6.11.6. “Jorge Amado e a Condição Humana”. Texto de Ney Guimarães que figurará no próximo número de Clã.

6.11.7. Lei Municipal. Compõe Comissão para seleção de livros a serem adquiridos pela Prefeitura.

6.12. Publicidade

6.12.1. Cooperativa de Crédito do Ceará Ltda.; Companhia Ceará Seguros Gerais; Omnia; Banco Popular de Fortaleza; Cia. Industrial de Algodão e Óleos; Ventura e Cia.; Sociedade Comercial Limitada; Lima e Albuquerque; História da Literatura

Cearense, Editora Instituto do Ceará; Mar Oceano, Edição da Revista Clã; Clube de Divulgação do Livro Cearense.

Seção .01 Edição de Aniversário

CLÃ. Fortaleza, ano II, nº 7, fev. 1949.

7.1. Prosa

7.1.1. REDAÇÃO. “O número 7”. Comenta as dificuldades das revistas de província e sobre o fatídico número 7; embora ignorada aqui, a revista é reconhecida por outros estados, e cita algumas opiniões sobre a revista.

7.1.2. MARTINS, Lúcia. “Janelas entreabertas”. Novela. Narra a vida da protagonista após a morte do marido Paulo, e depois a da filha Tânia.

7.1.3. GIRÃO, Raimundo. “Papi Júnior – escorço bibliográfico”.

7.1.4. BENEVIDES, Artur Eduardo. “A compreensão do fenômeno poético”. Ensaio com base na poética de vários autores nacionais e estrangeiros.

7.1.5. CAMPOS, Moreira. “Lama e folhas”. Conto. O conto gira em torno de um protagonista que após oito anos de casamento e cinco filhas nasce um filho homem.

7.1.6. PINHEIRO, Aluízio. “Conceituação de Álgebra e Geometria”. Ensaio acerca da tendência generalizadora que tende a modificar os conceitos clássicos de aritmética, álgebra e geometria.

7.1.7. MENEZES FILHO, Paulo Elpidio. “A influência do estudo das doutrinas econômicas na formação intelectual”. Texto de análise da evolução do pensamento econômico e as diretivas políticas e sociais.

7.1.8. GUIMARÃES, Ney. “Jorge Amado e a condição humana”. Ensaio. O texto analisa a obra de Jorge Amado em

seus aspectos humanos, a realidade de vida e o idealismo do autor.

7.2. Poesia

7.2.1. MEDEIROS, Aluizio. “Latifúndio devorante”. Poemas. Textos poéticos de temática lírica; versos livres.

7.2.2. Coletânea. Poesia. Poemas de Dacosta e Silva Filho, Barbosa Leite, Wilson Rocha, Sebastião Norões, Antonieta de Castro, Bandeira Tribuzi. Poemas de temáticas variadas; versos de métrica regular e versos livres.

7.3. Crítica

7.3.1. MONTENEGRO, Braga. “Breves notas sobre o romance e um livro”. Análise sobre a periodicidade e classificação técnica de romances; análise crítica ao romance *Não há estrelas no céu*, de João Clímaco Bezerra.

7.3.2. MENEZES, Djacir. “Eça e as interpretações cavilosas”. Texto crítico sobre a obra de Eça de Queiroz.

7.3.3. BEZERRA, João Clímaco. “1949”. Espécie de balanço crítico da produção de livros no ano 1949.

7.4. História

7.4.1. GONÇALVES, Newton. Notas sobre a salicultura no Brasil. Levantamento histórico do uso da produção de sal no Brasil.

7.5. Cinema

7.5.1. BARROSO, Antônio Girão. “Sobre Roma, cidade aberta”. Comentário de ordem técnica e artística do filme *Roma, cidade aberta*, dirigido por Roberto Rossellini.

7.6. Rádio e Teatro

7.6.1. CAMPOS, Eduardo. “Posição em face do Rádio-Teatro”. Avaliação sobre a posição dos intelectuais em face da audiência do Rádio.

7.7. Música

7.7.1. M. S. A. “As principais figuras do Romantismo musical”. Síntese da conferência sobre Romantismo musical de Parsifal Barroso.

7.8. Artes Plásticas

7.8.1. COLARES, Otacílio. “Considerações em torno de Barrica”. Texto sobre o percurso artístico do pintor cearense Barrica.

7.9. Resenha

7.9.1. J. C. B. “O Guarany”, de Mozart Pinto, Editora Instituto do Ceará.

7.9.2. J. C. B. Monsenhor José Quinderé, de Dom Joaquim José Vieira, Segundo Bispo do Ceará, Editora Instituto do Ceará, Limitada, 1948.

7.9.3. F. M. “Rilke o poeta e a poesia”, de Cristiano Martins, Movimento Editorial Panorama, Belo Horizonte, 1949.

7.9.4. F. M. “Poesias”, de Dante Milano, Livraria José Olympio, 1948.

7.9.5. F. M. “A cidade do Sul”, de Alphonsus de Guimarães Filho. Movimento Editorial Panorama, Belo Horizonte, 1948.

7.9.6. F. M. “A nuvem de fogo”. Poesia, de Antônio Santos Moraes, Edições Literatura, Rio, 1948.

7.9.7. F. M. “Meu céu interior”. Poesia, de J. G. de Araújo Jorge, Editora Vecchi, Rio, 1948.

7.9.8. F. M. “Ajuricaba, o guerreiro Manau”. Poesia. Hugo Bellard, Manaus, 1948.

7.9.9. F. M. “Anteu e a crítica”. Ensaios literários de Roberto Alvim Correa, Livraria José Olympio, 1948.

7.9.10. F. M. “Como se pratica a psicanálise”. Gastão Pereira da Silva, Livraria José Olympio, 1948.

7.9.11. F. M. “Profanações”, de Valfrido Piloto, Gráfica Ronda, Curitiba, 1947.

7.9.12. F. M. “Guerra, Paz e Ciência”, de Gilberto Freyre, Editora do Ministério das Relações Exteriores, Rio, 1948.

7.9.13. F. M. “Novos rumos em Vila Tereza”. Contos de Dirceu Quintanilha, Rio, 1948.

7.9.14. F. M. “Três facetas de la poesia uruguayana jovem”, de Revista Ibero-americana, 1944.

7.9.15. F. M. “O gênio do Cristianismo – Chateaubriand”, tradução de Camilo Castelo Branco, introdução de Tristão de Ataíde, Editora Jackson, Rio, 1948.

7.9.16. I. S. “Judas, o obscuro”, de Thomas Hardy, tradução de Otávio de Faria.

7.9.17. I. S. “Felizmente para sempre”, de Aldous Huxley, tradução de Marina Guaspari, Editora Vecchi, Rio, 1948.

7.10. Noticiário

7.10.1. A. E. B. “Diretrizes do Ensino”. Anuncia e faz comentário sobre o livro *Diretrizes do ensino*, de Stênio Lopes.

7.10.2. MARTINS, Fran. “Os Clubes de Livros e as tarifas”. Nota sobre as diversas modalidades de seleção dos livros e seu elevado custo.

7.10.3. F. M. “Círculo literário”, seleciona os livros *Teodoro Bianca*, de Renato Castelo Branco; *Angústia*, de Graciliano Ramos (4^a. ed.), Livraria José Olympio; *Machado de Assis, estudo crítico e biográfico*, de Lúcia Miguel Pereira (4^a. ed.), Gráfica Editora Brasileira, 1949.

7.10.4. F. M. Livros selecionados pelo Clube do Livro: *Triste fim de Policarpo*

Quaresma, de Lima Barreto, 4^a. edição, Gráfica Editora Brasileira; *Pecado dos Trópicos*, de Cecílio J. Carneiro, Livraria José Olympio; *Interpretação do Brasil*, de Gilberto Freire, Livraria José Olympio.

7.10.5. N. G. “Marvelous Journey”, livro de Samuel Putman, livro que resume 4 séculos de Literatura brasileira.

7.10.6. LEITE, Barbosa. Sociedade Cearense de Artes Plásticas tem nova diretoria.

7.11. Notícias

7.11.1. No dia 4 de março completará 62 anos de fundação do Instituto do Ceará; Fazendo parte dos festejos de Centenário de Rui Barbosa realiza-se no corrente mês o Congresso de História da Baía; A casa Juvenal Galeno homenageia João Clímaco pelo recente lançamento de seu livro *Não há estrelas no céu*; Circulará no próximo mês o livro de Contos de Eduardo Campos *Viagem definitiva*; Com o endereço errado, Braga Montenegro recebe carta elogiosa sobre o livro *Não há estrelas no céu*, de João Clímaco Bezerra; Estréia no mês de abril Moreira Campos com seu livro *Vidas marginais*; Em comemoração à passagem do centenário de Joaquim Nabuco, a Prefeitura de Recife abriu concurso de ensaios sobre o pernambucano, informações na Diretoria de Documentação e Cultura, Av. Guararapes, 113, Pernambuco.

7.12. Fotografia

7.12.1. Fotografia evocativa (1894 quando esteve em Fortaleza o poeta Raimundo Correia). Vemos ainda Papi Junior, Henrique Castriciano e Rodrigues de Carvalho.

7.13. Publicidade

7.13.1. Instituto Rui Barbosa e Águia; Jorge Steiner e Cia. Ltda.; Ceará Chic; Carneiro e Gentil; Casa Ponte; Constellation; A Cosmopolita; Companhia

Ceará de Seguros Gerais; Farinha de Trigo; Standart; Rei do Nordeste; Coração de Ouro; Gold Medal; Irmãos Cavalcante e Cia.; Tellus do Brasil Relógios S.A.; J. Torquato e Cia. Limitada; Omnia; Banco Popular de Fortaleza; Rádios RCA Victor; Cimaipinto; Livraria Alaor; Café Cearense e Café Peri; Farmácia Belém; Sorveteria Expressa; J. A. Siqueira; Tiago Q. Ferreira da Silva – Agente distribuidor para o Ceará; Calçadeira Cearense; Casa das Máquinas; Café Glória; Ceará Comercial S.A. Exportadores; Boris Frères e Cia. Ltda.; O. S. Xavier; Alfredo Fernandes e Cia.; Sousa Fernandes e Cia.; Ypioca distribuída pelo fabricante Paulo Campos Teles; J. Macedo e Cia.; Ceará Rádio Clube; Fábrica Imperial e M. Dias Branco e Irmão.

CLÃ. Fortaleza, ano II, nº 8-9, abr. 1949.

8.1. Prosa

8.1.1. REDAÇÃO. “Centenário de Rui”. Ressalta as qualidades de Rui Barbosa e as comemorações pelo seu centenário de nascimento.

8.1.2. BASTOS, Jairo Martins. “Conto”. Narra o episódio em que a polícia faz cerco aos cangaceiros Zé Leão, Oncinha e Onofre.

8.1.3. QUEIROZ, Maria Luiza. “Fazenda”. Crônica. O texto exorta certa localidade do interior do estado.

8.1.4. MELO, Veríssimo de. “Acalantos”. Ensaio sobre as cantigas de ninar e suas origens.

8.1.5. MARTINS, Fran. Júlio. Trecho de romance.

8.1.6. ADERALDO, Mozart Soriano. “Literatura Popular”. Ensaio. Sobre Literatura infantil e popular.

9.1. Prosa

9.1.1. REDAÇÃO. “Nabuco”. Ressalta o centenário do nascimento de Joaquim Nabuco por ocasião do Governo de Barbosa Lima Sobrinho no Recife.

9.1.2. SERAINE, Florival. “Subsídios para uma antroponímia cearense”. Ensaio. Estudos sobre a antroponímia cearense desde a colonização.

9.1.3. BANHOS, Afonso. “Fundamentos lógicos do conhecimento”. Análise filosófico-científica sobre o conhecimento.

9.1.4. BENEVIDES, Artur Eduardo. “Seleções de poesias”. Trechos de obras poéticas de vários autores.

9.2. Poesia

9.2.1. Poemas de Otacílio Colares, Jorge Medauar (do Rio), Carlos Eduardo (da Bahia) e Marcos Romero (do Rio). Temática variada. Versos livres.

9.3. Crítica

9.3.1. BEZERRA, João Clímaco. “Prosadores poetas e apoetas”. Análise dos livros *Janelas entreabertas*, de Lúcia Martins; *Latifúndio devorante*, de Aluizio Alves; *Poesias*, de Cruz Filho; *Apoemas*, de Mozart Soriano Aderaldo e José Stênio Lopes.

9.3.2. MONTENEGRO, Braga. Crítica ao texto “Esboço de História da Literatura brasileira”, publicado pela revista Clã, de autoria de Mozart Soriano Aderaldo.

9.3.3. MEDEIROS, Aluizio. “Os dias iguais”. Análise crítica de *Os dias iguais*, de José Escobar Faria. (Editora Brasiliense Ltda, São Paulo, 1948).

9.3.4. MARTINS, Fran. “Sorte”. Crítica ao livro *Sorte*, de Fernanda de Castro.

(Romance, Edição da Revista Ocidente, Lisboa, 1949).

9.4. Resenha

9.4.1. F. M. “A estrela sobe”, de Marques Rabelo. Romance, Emp. Gráfica “O Cruzeiro”, Dist. do “Círculo Literário”, 1949.

9.4.2. F. M. “A Encíclica Rerum Novarum e a condição operária”, de Nilo Pereira. Conferência, Ed. da Folha da Manhã, Recife, 1949.

9.4.3. F. M. “Os ciganos em Minas Gerais”, de João Dornas Filho. Movimento Editorial Panorama, Belo Horizonte, 1949.

9.4.4. F. M. “Dragão do Mar – o jangadeiro da abolição”, de Edmar Morel. Ed. do autor, Rio, 1949.

9.4.5. F. M. “Modernismo Brasileiro”, de Antônio França. Ensaio, Ed. Região, Recife, 1949.

9.4.6. L. M. “Refúgio Tranquilo”. Romance, trad. Isa Silveira Leal – Ipê Distribuidora do “Livro do mês”.

9.4.7. F. M. “The Hudson Review”, Vol 1, nº 4, Inverno 1949, New York.

9.4.8. F. M. Livros portugueses. Publicação de livros pela Revista Ocidente e Revista de Portugal.

9.4.9. F. M. “José no Egito”, de Thomas Man, Ed. Globo; “O lírio do vale”, de Honoré de Balsac, Gráfica Editora Brasileira, Dist. pelo “Livro do mês”.

9.4.10. F. M. Revista de Portugal, nºs. 73, 74 e 75 de março, abril e maio.

9.4.11. F. M. “Campos Pereira, um romancista contemporâneo”, de Amorim de Carvalho. Liv. Civilização, Porto.

9.4.12. F. M. Livros americanos. “The Golden Land”, de Harriet de Onis; “An Introduction to Color”, de Ralph M. Evans; “Painting and Sculpture in the Museum of Modern Art”, de Alfred Band Jr.; “John Marin”, de Mackinley Helm; “Renaissance in Haiti”, de Selden Redman; “Guia de

Arte Latino-americana”; “Made in America – The Art in Modern Civilization”, de John Kouwenhoven; Every Man’s United Nation e The Thuman Progran, do Departamento de Informações Públicas da ONU.

9.5. Cinema

9.5.1. BARROSO, Antônio Girão. “Cinema no Ceará”. Sobre a Sociedade Cearense de Fotografia e Cinema e o movimento cinematográfico no Ceará.

9.6. Rádio e Teatro

9.6.1. COLARES, Otacílio. “O teatro”, de Henriette Morineau. Comenta a temporada de teatro realizada em Fortaleza pelo grupo *Os artistas unidos* dirigido por Madame Henriette Morineau.

9.7. Música

9.7.1. M. S. A. “Principais poetas do Piano”. Faz a síntese da Conferência sobre Romantismo Musical de Parsifal Barroso.

9.8. Artes Plásticas

9.8.1. CAMPOS, Eduardo. “Esquema da Pintura no Ceará”. Comenta o trabalho de Barbosa Leite *Esquema da Pintura no Ceará* publicado pela Editora Fortaleza, sob o patrocínio da Revista Clã.

9.9. Noticiário

9.9.1. F. M. Revistas Americanas. Revista Holiday; Musical América; Theatre Art. O Instituto Brasil Estados Unidos recebe 97 periódicos mensalmente sobre assuntos do interesse geral e especializado.

10.1.5 9.9.2. LEITE, Barbosa. “Estréia e adeus”. Barbosa Leite agradece a oportunidade de ter publicado trabalhos seus na revista Clã e se despede, na oportunidade em que vai para o Rio “em busca do ouro”.

9.9.3. Biblioteca Municipal de Fortaleza. É lamentável o fato de a cidade completar duzentos e sessenta e três anos e não dispor de uma Biblioteca Pública.

9.10. Notícias

9.10.1. Clã 8 e 9. Aqui aparecem juntos os nºs. 8 e 9 de Clã por motivos superiores.

9.10.2. M. Charles Pomerat. Encontra-se em Fortaleza M. Charles Pomerat, professor dos cursos da Alliance Française.

9.10.3. Festival da Moderna Poesia Francesa. A Revista Clã realizou um festival da Moderna Poesia Francesa.

9.10.4. Nova Diretoria da A.B.D.E. Realizou-se as eleições da Associação Brasileira de Escritores.

9.10.5. Homenagem à Mozart Soriano Aderaldo, pela casa de Juvenal Galeno, pelo lançamento do seu *Esboço de História da Literatura Brasileira*.

9.11. Ilustrações

9.11.1. Ilustrações do V Salão de Abril com as respectivas premiações: “Cabeça de Pescador”, de Barbosa Leite, prêmio Grande Medalha de Ouro; “Serra de Maranguape”, de Jonas de Mesquita, prêmio Pequena Medalha de Ouro; “Botequim” de Francisco Lopes, prêmio Medalha de Prata; “Engraxate”, de Afonso Lopes, prêmio Medalha de Bronze; “Marinha”, de Flávio Febo, prêmio Menção Honrosa; “Paisagem”, de J. Figueiredo, prêmio Menção Honrosa; “Paisagem”, de J. Eduardo Pamplona, prêmio Menção Honrosa.

9.12. Publicidade

9.12.1. Companhia Ceará de Seguros Gerais; Casa Costa Lima Myrtil Ltda., Andrade e Silva; Sal do Ceará, B. Gonçalves Cia. Ltda., Cidao S/A; J. Nunes e Cia.; Agências Queiroz Lima Ltda.; Casa Pontes Façanha; Clube de Divulgação do Livro; Carlos Rodrigues e Maia; Boris

Frerès e Cia. Ltda.; História do Ceará – do Instituto do Ceará; Sociedade Domingos Gomes Ltda.; A Cosmopolita; Montenegro e Cia.

CLÃ. Fortaleza, ano III, nº 10, jul. 1950.

10.1. Prosa

10.1.1. REDAÇÃO. “Clube Iracema”. Nota sobre a inauguração da nova sede do Clube Iracema.

10.1.2. REDAÇÃO. O reaparecimento de Clã, depois de um ano fora de circulação.

10.1.3. CAMPOS, Eduardo. “A notícia”. Conto. Narra a história de Rodrigues, um nordestino que partira para São Paulo e que vencera na vida.

10.1.4. MARTINS, Fran. “Navio”. (trecho de Romance).

10.1.5. POMERAT, Charles. A Moderna Poesia Francesa. Ensaio. Introdução.

BARROSO, Antônio Girão. “Aragón”. Texto sobre o poeta Louis Aragon.

10.1.6. BENEVIDES, Artur Eduardo. Patrice de la Tour do Pin. Ensaio. Texto sobre alguns poemas do poeta francês.

10.1.7. BARROS, Jairo Martins. Pierre Emmanuel. Texto sobre algumas poesias do poeta francês.

10.1.8. MEDEIROS, Aluizio. Paul Eluard. Texto que analisa poesias do poeta francês.

10.1.9. MARTINS, Fran. “Ofertório”. Encerramento do Festival da Moderna Poesia Francesa.

10.1.10. DAVI, Carlos. Caderno de notas. Análise de parte de obra de Fran Martins.

10.1.11. ALVES, Joaquim. “A propósito de movimentos literários”. Ensaio. Analisa

o momento histórico vivenciado pelos movimentos literários.

10.1.11 GONÇALVES, Newton. “A propósito da medicina dos brasis”. Estudo sobre doença, magia e transferência de poderes sobrenaturais.

10.2. Poesia

10.2.1. BARROSO, Antônio Girão. “Novos Poemas”. Poemas de versos livres, de métrica regular; Temática lírico-amorosa.

10.2.2. Poemas de Eliardo Farias, Amélia Martins, Célio Benevides de Carvalho, Jairo de Martins Bastos (São Paulo), Jorge Ramos (Lisboa). Versos livres. Temática variada.

10.3. Crítica

10.3.1. MARQUES, Oswaldino. “Canto Grosso e a emergência de um novo realismo”. Analisa o livro *Canto Grosso e outros poemas*, de Emílio Canera Guerra.

10.3.2. MONTENEGRO, Braga. “Caminhos do romance”. Análise do livro *O cruzeiro tem cinco estrelas*, de Fran Martins.

10.3.3. MARTINS, Fran. “Precisamos de crítica”. Tece comentários sobre Aderbal Jurema e analisa o seu livro de ensaios intitulado *Provincianos*.

10.3.4. SÉRGIO, Ivan. ‘Kaputt’. Comenta o livro Kaputt de Curzio Malaparte.

10.4. Resenha

10.4.1. F. M. “Chama do mar”, de James Amado. Romance, Liv. Martins, São Paulo, 1949.

10.4.2. F. M. “Quarteirão da fome”, de Raimundo Nonato. Romance, Irmãos Pogetti, Rio, 1949.

10.4.3. F. M. “Nossa Máxima Culpa”, de Miécio Tati. Romance, Irmãos Pogetti, Rio, 1949.

10.4.4. F. M. “Casa das três meninas”, de Mário Matos. Contos, Movimento Editorial Panorama, Belo Horizonte, 1949.

10.4.5. F. M. “Albertina”, de Paulo Alves. Contos, ed. do autor, 1949.

10.4.6. F. M. “Fonte invisível”, de Augusto Frederico Schmidt, Liv. José Olympio, Rio, 1949.

10.4.7. F. M. “O deserto e os números”, de Edson Régis. Poesia, Orfeu, 1949.

10.4.8. F. M. “Praia oculta”, de Domingos Carvalho da Silva. Poemas, Editora Brasiliense Ltda., São Paulo, 1949.

10.4.9. F. M. “Renan e Nabuco”, de Nilo Pereira. Conferência, Edição da Prefeitura de Natal, 1951.

10.4.10. F. M. “Tuberculose e Literatura”, de Tulo Hostílio Montenegro. Notas de Pesquisa, Rio de Janeiro, 1949.

10.4.11. F. M. “O Anjo”, de Eduardo Campos. Edição da Revista Clã, Fortaleza, 1950.

10.4.12. MARTINS, Lúcia. “Fatos e feitos”, de Humberto de Campos. Crônicas, Ed. do livro do mês, 1949.

10.4.13. MARTINS, Lúcia. “O julgamento na horta”, de Terezinha Eboli. Edição SAPs, ilustrações de Yedda Navarro, 1949.

10.4.14. MARTINS, Lúcia. “O coração da matéria”. Romance, de Graham Greene, trad. de Oscar Mendes, O livro do mês, 1949.

10.4.15. MARTINS, Lúcia. “Shirley”, de Charlotte Bronte, trad. Fábio Valente, Edição do Livro do Mês, 1949.

10.5. Ilustrações

10.5.1. WEYNE, Goebel. “Xilogravura”.

10.5.2. BARRETO, Zenan. “Angústia”, Xilogravura.

10.5.3. ESMERALDO, Sérvulo. “Xilogravura”.

10.6. Notícias

10.6.1. Nova orientação. A partir deste número, Clã circulará trimestralmente.

10.6.2. Cinema. No terreno do cinema nada se fez, até agora, de positivo no Ceará.

10.6.3. Rádio e Teatro. No rádio o maior sucesso foi a Caravana da Vitória do candidato da UDN. O teatro universitário apresentou *O Demônio e a Rosa*, peça de Eduardo Campos.

10.6.4. Música. A Sociedade Pró-Arte continua a apresentar concertos e conferências. João Sebastião Bach teve palestra proferida por Artur Eduardo Benevides.

10.6.5. Artes Plásticas. Floriano Teixeira foi o primeiro lugar no Salão de Abril; Barrica fez exposição individual; Barbosa Leite, no Rio, faz ilustrações para revistas e dá curso de desenho na Associação Brasileira de Desenho; fizeram exposição: J. Fernandes, Kampos, Telesforo, Rosa Waquim.

10.6.6. Várias. Mozart Soriano Aderaldo foi eleito para a cadeira nº. 25 do Instituto do Ceará; O Instituto do Ceará está editando um Boletim bimestral e vai lançar a monografia História Militar do Ceará, de Eusébio de Sousa; Braga Montenegro realizou conferência sobre o conto cearense na casa Juvenal Galeno; a Associação Cultural Franco Brasileira realizou exposição do livro francês, sob a direção de Charles Pomerat da Alliance Française no Ceará; fundado em Fortaleza o Círculo de Estudos Franceses; Joaquim Alves trabalha no livro *História das secas* e está coligindo o segundo volume de *Autores cearenses*.

10.7. Publicidade

10.7.1. História da Literatura Cearense, de Dolor Barreira, Editora do Instituto do Ceará; Cooperativa de Crédito do Ceará; Companhia Ceará de Seguros Gerais; Banco Popular de Fortaleza S.A.; Café

Cearense e Café Peri; Raimundo Girão, Três Gerações – Papi Júnior, Leonardo Mota, Fran Martins; Edição da Revista Clã; Farmácia Belém; Boris Frères e Cia. Ltda.; J. Torquato e Cia. Ltda.; Companhia Quixadá Comercial e Importadora.

CLÃ. Fortaleza, ano IV, nº 11, dez. 1951.

11.1. Prosa

11.1.1. REDAÇÃO. O número 11. Explica a paralisação da Revista por um ano.

11.1.2. BEZERRA, João Clímaco. “Suave é a noite”. Novela. Diário do protagonista, narrando seus dias de enfermidade e a incessante procura por Margarida.

11.1.3. BENEVIDES, Artur Eduardo. “Um poeta brasileiro”. Ensaio. Ensaio a respeito da obra poética de Augusto Frederico Schmidt.

11.1.4. MARTINS, Lúcia. “Ano Santo”. Conto. Narra a idéia e toda a preparação de uma viagem de peregrinação à Europa, por ocasião do Ano Santo.

11.1.5. CAMPOS, Moreira. “Tem dono”. Conto. Conto que narra o roubo de uma carteira com dinheiro e a devolução desse dinheiro ao dono pelo próprio ladrão.

11.2. Poesia

11.2.1. MARTINS, Fran. “5 Poemas de Jáder de Carvalho”. Poemas de temática brasileira, textos poéticos em versos livres.

11.2.2. Poemas de Jairo Martins Bastos e de Mozart Soriano Aderaldo. Textos poéticos em versos livres.

11.3. Crítica

11.3.1. MONTENEGRO, Braga. “A valsa e a fonte”. Comentários críticos sobre o livro de poemas de Artur Eduardo Benevides.

11.3.2. BEZERRA, João Clímaco. “Um ano de vida literária”. Comentário sobre as publicações das Edições Clã.

11.3.3. MARTINS, Fran. “Imagem espiritual da Europa”. Tece comentários sobre o livro *Europa de hoje*, de Tristão de Ataíde.

11.3.4. LOPES, José Stênio. “Um romancista do irreal”. Moíra, de Julien Green, Plon, Paris, 1950.

11.4. Artes plásticas

11.4.1. ARATTA, Mário. “Antônio Bandeira e a pintura”. Texto sobre a obra do pintor Antônio Bandeira.

11.5. Ilustração

11.5.1. Desenho, de Antônio Bandeira.

11.6. Resenha

11.6.1. F. M. “História da cidade morta”. Contos de José Condé, Ed. do Jornal de Letras, Rio, 1951.

11.6.2. M. L. “O outro caminho”. Romance de João Mohance, Pongetti, Rio, 1951.

11.6.3. F. M. “Contos da Baía”. Ed. Cadernos da Baía, Salvador, 1951.

11.7. Notícias

11.7.1. Clã. Vencidos os obstáculos que impediam a circulação regular da Revista Clã.

11.7.2. Bandeira chegou. Chega a Fortaleza o pintor Antônio Bandeira, depois de expor em Paris, Rio e São Paulo.

11.7.3. Sol posto. Romance de João Clímaco Bezerra, editado pela Livraria José Olympio, que circulará no próximo ano.

11.7.4. Stênio Lopes. Regressou de Paris e passará a encarregar-se da secção de crítica de livros estrangeiros.

11.7.5. História da Literatura Cearense. Encontra-se a venda o segundo tomo, que faz parte da série monografias do Instituto do Ceará.

11.7.6. Medicina Popular. Livro de Eduardo Campos, contendo sério estudo da medicina popular no Ceará.

11.7.7. IV Congresso Brasileiro de Escritores. Realizou-se em Porto Alegre.

11.7.8. Janelas entreabertas. Deverá ser publicado no próximo ano o livro de Lúcia Martins.

11.7.9. Ao salão baiano. O Ceará foi representado por Bandeira e Hermógenes Silva.

11.7.10. Exposição de Siqueira e Floriano. Realizar-se-á no Instituto Brasil Estados Unidos a exposição de pintura e desenho de João Siqueira e de Floriano.

11.7.11. Incentivo à cultura. Projeto de Lei prevê prêmio para obras de escritores cearenses.

11.7.12. Aldemir e a Bienal. Na Exposição Bienal de São Paulo o artista cearense Aldemir Martins conquistou o prêmio de desenho.

11.7.13. Érico Veríssimo. Esteve no Ceará e proferiu palestra o romancista Érico Veríssimo.

11.7.14. Atividades literárias. Previstos para o próximo ano muitos lançamentos de escritores cearenses.

11.7.15. Cinema. A Sociedade Cearense de Fotografia e Cinema e o Clube de Cinema do Ceará continuam em plena atividade.

11.8. Publicidade

11.8.1. Banco Popular de Fortaleza S.A.; Boris Frerès e Cia. Ltda.; Dr. Cláudio Martins, Tabelião do 2º. Ofício; Companhia Ceará de Seguros Gerais; Banco de Crédito Comercial S.A.; Café

Peri; Loteria Estadual do Ceará; Livraria Alaor; Medicina Popular, de Eduardo Campos; História da Literatura Cearense, II tomo.

CLÃ. Fortaleza, ano V, nº 12, fev. 1952.

12.1. Prosa

12.1.1. REDAÇÃO. “Quatro anos”. Edição comemorativa aos quatro anos de publicação da Revista Clã.

1.12.1.2. MONTENEGRO, Braga. Evolução e natureza do conto cearense. Ensaio.

12.1.3. LOPES, Stênio. “A chuva”. Conto. Narra a história de um funcionário-escritor e seu relacionamento amoroso.

12.1.4. QUEIROZ, Maria Luiza de. “Mais uma estrela no mapa”. Crônica que gira em torno dos acontecimentos de um bairro.

12.1.5. CAMPOS, Eduardo. “O jogador de damas”. Conto. Narra a vida do casal Rodolfo e Hilda e a dificuldade da relação do casal, ocasionada pelo jogo.

12.2. Poesia

12.2.1. BENEVIDES, Alberto. Poemas. Poemas de temática intimista; versos livres.

12.2.2. Poemas de Wilson Rocha, Bandeira Tribuzi, Carlos D’Alge, Lycio. Poemas de temáticas variadas; versos livres.

12.3. Crítica

12.3.1. BEZERRA, João Clímaco. O romancista Oliveira Paiva. Comentários sobre o romance *Dona Guidinha do Poço*.

12.3.2. MARTINS, Fran. “Provinciano”. Faz críticas das edições provincianas em relação às da capital.

12.3.3. LOPES, José Stênio. “Marcel Proust em português”. Análise das edições de tradução no Brasil pela Livraria Globo.

12.4. Artes Plásticas

12.4.1. Cadernos de Artes Plásticas. Ilustrações de Aldemir Martins: Cangaceiros, 1º. Prêmio da Bienal de São Paulo; Cangaceiro; Limpando as armas; Noite; Revolta (Xilogravura).

12.5. Resenha

12.5.1. J. S. L. “Lições do abismo”. Romance de Gustavo Corção, Ed. Agir, 1951.

12.5.2. J. S. L. “O vale das borboletas azuis”, de Jim Kiang. Poemas.

12.5.3. F. M. “A linha imaginária”, de Ruy Guilherme Barata. Poemas, Ed. Norte, Belém, 1951.

12.5.4. F. M. “Velhice e outros contos”, de Salim Miguel. Ed. Sul, Florianópolis, 1951.

12.5.5. L. G. “O terceiro homem”, de Graham Greene, Ed. Globo, 1951.

12.5.6. L. G. “My Cousin Rachel”, de Daphne du Maurier. Doubleday, 1952.

12.5.7. L. G. “Requiem For a Nun”, de William Faulkner. Rondon House, 1951.

12.6. Notícias

12.6.1. Duas novelas. João Clímaco Bezerra e Stênio Lopes editam em colaboração *Longa é a noite* e *Chuva*, novelas dos respectivos autores.

12.6.2. Um novo poeta. Estréia neste número o poeta Alberto Benevides.

12.6.3. Por falar em poetas. Aluizio Medeiros apresenta dois livros para serem editados esse ano.

12.6.4. Teatro Escola do Ceará. Com a presença de Pascoal de Carlos Magno foi fundado o T.E.C., tendo como presidente – Fran Martins, secretária – Elsa Rodrigues e tesoureiro – Luciano Magalhães.

12.6.5. A lâmpada e os apóstolos. Livro de Artur Eduardo Benevides que está no prelo; Artur Eduardo foi designado professor da Faculdade de Filosofia do Ceará.

12.6.6. Salão de Abril. A Sociedade Cearense de Artes Plásticas – SCAP prepara a realização do próximo Salão de Abril. A SCAP é dirigida por Hermógenes Silva.

12.6.7. Um filme sobre Fortaleza. Antônio Girão Barroso dirigirá documentário sobre a cidade de Fortaleza.

12.6.8. A.B.D.E. Deverá realizar-se em março próximo as eleições para a nova diretoria da Associação Brasileira de Escritores, secção do Ceará.

12.6.9. Martins D’Alvarez. Esteve em Fortaleza Martins D’Alvarez que é o representante de Clã no Rio de Janeiro.

12.6.10. Sebastião Norões. Esteve em Fortaleza outro representante de Clã no Amazonas.

12.6.11. Medicina popular. A revista portuguesa *Ocidente* publica nota sobre o livro *Medicina popular*, de Eduardo Campos.

12.6.12. Contos e novelas. Fran Martins anuncia em breve um outro livro – *Ventania*, e a publicação de *Janelas entreabertas*, de sua esposa Lúcia Martins.

13.1.1. REDAÇÃO. Nota sobre o falecimento de Joaquim Alves, um dos redatores da Revista Clã.

13.1.2. MARTINS, Fran. “O companheiro”. Palavras ao amigo falecido.

13.1.3. CAMPOS, Eduardo. “Juazeiro, cidade mística”. Comentários a respeito do livro de Joaquim Alves, *Juazeiro, cidade mística*.

13.1.4. BARROSO, Antônio Girão. “Joaquim e os moços”. Palavras de reconhecimento pela passagem do falecimento de Joaquim Alves.

13.1.5. MONTENEGRO, Braga. Retrato em crepe de Joaquim Alves”. Crônica onde traça o perfil de Joaquim Alves e comenta os seus livros Juazeiro, cidade mística e História das secas.

13.1.6. BEZERRA, João Clímaco. “À margem dos ‘Estudos de Pedagogia’ regional”. Comentários sobre a atuação de Joaquim Alves na educação e seu trabalho de Estudos de Pedagogia Regional.

13.1.7. LOPES, J. Stênio. “Indicações para a leitura de Joaquim Alves”. Destaca os ensaios monográficos de Joaquim Alves.

13.1.8. MARTINS, Lúcia. “Lembremos de Joaquim Alves”. Texto onde se destacam os atributos pessoais de Joaquim Alves.

13.1.9. ADERALDO, Mozart Soriano. “Carta tarjada de preto”. Nota de pesar em homenagem a Joaquim Alves.

13.1.10. CAMPOS, Moreira. “Sincretismo católico-fetichista”. O texto destaca as qualidades do sincretismo católico-fetichista presente em *Juazeiro, cidade mística* e *Nas fronteiras do Nordeste*, de Joaquim Alves.

13.1.11. SÁ, Sinval. “Fim da pena”. Conto. Narra as circunstâncias do crime praticado pelo protagonista, sua passagem pela prisão e o dia em que teve sua liberdade.

CLÃ. Fortaleza, ano V, nº 13, dez. 1952.

13.1. Prosa

13.1.12. VIEIRA FILHO, Domingos. “O negro na poesia brasileira”. Análise poética brasileira de inspiração negra.

13.1.13. BONAVIDES, Paulo. “Nabuco”. O texto faz referência aos estudos brasileiros nos Estados Unidos, e especialmente comenta a tradução inglesa do livro de Carolina Nabuco sobre a vida de seu pai Joaquim Nabuco.

13.1.14. Apresentação dos novíssimos do Ceará.

13.1.15. GONÇALVES, Manuel. “Carlos Drummond de Andrade e o sentido de sua poesia”. Ensaio que faz considerações sobre a obra de Carlos Drummond de Andrade.

13.1.16. “Termo de ratificação”. Nota em que a revista Clã ratifica a apresentação dos novíssimos do Ceará.

13.1.17. CHRISTIAN, L. “O estranho fim de Kate Murray”. Conto. Narra a história da cantora Kate e o acontecido com suas cinzas quando são entregues a sua irmã no Brasil.

13.2. Poesia

13.2.1. Poemas de Jesus Xavier de Brito, Luís Glauco Torres, Célio Garcia, Carlos D’Alge, Luís Edgard de Andrade, Orlando Lemos, Tarcísio Sisnando, Airton Xavier, Manuel Lopes, Evaristo Linhares, José Carlos Rocha, Josberto Romeno. Poemas de temáticas variadas; predominância de versos livres.

13.2.2. PESSOA, Virgínia. “10 Poemas”. Poemas de conotações líricas; versos livres.

13.2.3. BENEVIDES, Artur Eduardo. “Pranto para o amigo morto”. Poema em homenagem a Joaquim Alves.

13.3. Crítica

13.3.1. BENEVIDES, Artur Eduardo. “Notas sobre um romance”. Considerações

sobre o romance *Sol posto*, de João Clímaco Bezerra.

10.1.12 13.3.2. BEZERRA, João Clímaco. “Soriano Albuquerque, um pioneiro da Sociologia brasileira”. Comenta o livro de Abelardo F. Montenegro sobre Soriano Albuquerque.

13.3.3. MARTINS, Fran. “Vida amarga”. Faz comentários sobre o livro de Francisco de Assis Barbosa, intitulado *A vida de Lima Barreto*.

13.3.4. J. S. L. “Um romance surrealista”. Tece comentários críticos sobre o livro *Le Rivage des Syrtes*, de Julien Graeg, o qual recebeu o prêmio “Goncourt” de 1951.

13.3.5. M. S. A. “História da Literatura Cearense”. Tece comentários sobre o livro de Dolor Barreira e a subdivisão do 2º volume em três partes: a primeira sobre a primeira década do século; a segunda, de 1910, à eclosão do modernismo entre nós, através do Maracajá e Ceará ilustrado até nossos dias.

13.4. Notícias

13.4.1. O número 13. Os acontecimentos que marcaram este número da revista, dentre eles o falecimento de Joaquim Alves.

13.4.2. Concursos. A prefeitura promoveu concurso literário e premiou os seguintes: João Clímaco Bezerra, com o romance *Sol posto*; José Stênio Lopes, com a novela *Chuva*; Artur Eduardo Benevides, com os ensaios *A lâmpada* e *Os apóstolos*; e Hermes Carleial com o livro de poemas *Rapsódia cearense*.

13.4.3. Teatro Escola. Realizou primeira temporada com as peças: *A importância de ser severo*, de Oscar Wilde; *A moreninha*, de Macedo; e *Os deserdados*, de Eduardo Campos.

13.4.4. Pró-Arte. A sociedade Pró-Arte está programando uma série de realizações que movimentarão o mundo artístico cearense.

13.4.5. Pintura. Das atividades particulares se destacam os pintores Floriano, Zenon e Siqueira. Floriano ganhou prêmio no Maranhão, continua pintando murais; Zenon continua expondo em Fortaleza e no Rio, onde se apresentou no 1º. Salão de Arte Moderna; Siqueira prepara telas, que esperamos sejam apresentadas numa individual.

13.4.6. Cinema. A Sociedade Cearense de Fotografia e Cinema enviou Darci Costa e Otacílio Colares ao Congresso de Cinema realizado no Rio de Janeiro, mas não sabemos qual a repercussão daquele certame.

13.5. Publicidade

13.5.1. Livraria Alaor; Loteria Estadual do Ceará; Farmácia Teodorico; Leite Barbosa e Companhia; Boris Frerès e Cia. Ltda.; Companhia Ceará de Seguros Gerais; Café Peri; Banco Popular de Fortaleza S.A.; Medicina popular, de Eduardo Campos, das Edições de Revista Clã; História da Literatura Cearense, de Dolor Barreira, Edição do Instituto do Ceará.

CLÃ. Fortaleza, ano VI, nº 14, dez. 1953.

14.1. Prosa

14.1.1. REDAÇÃO. Mais uma vez. Nota explicativa sobre a paralisação e o retorno da revista.

14.1.2. COLETÂNEA. “9 Contos”, de Moreira Campos, Lúcia Fernandes Martins, Artur Eduardo Benevides, Eduardo Campos, Sinval de Sá, Braga Montenegro, José Stênio Lopes, João Clímaco Bezerra e Fran Martins.

14.2. Poesia

14.2.1. MEDEIROS, Aluizio. “Lírica”. Texto poético de temática lírico-sentimental; versos livres.

14.3. Crítica

14.3.1. BEZERRA, João Clímaco. “Balanço de 1953”. Faz análise da produção de livros no Brasil e no Ceará do ano de 1953.

14.3.2. MARTINS, Fran. Considerações sobre “Lampião”. Apreciação sobre a estréia de Raquel de Queiroz no gênero teatral com Lampião.

14.3.3. CAVALCANTE, Hermenegildo de Sá. “Considerações sobre o poder e a glória”. Tece considerações sobre o livro *O Poder e a Glória*, de Graham Greene.

14.4. Resenha

14.4.1. MARTINS, Fran. “The negro in São Paulo, Brasil”. Separata de *The Journal of Negro History*, 1953.

14.4.2. MARTINS, Fran. “Acto poético de German Pardo Garcia”, *Cadernos Americanos*, 1953.

14.4.3. MARTINS, Fran. “A polêmica sobre a Confederação dos Tamoios e Aspectos do realismo-naturalismo no Brasil”. Faculdade de Filosofia de São Paulo e *Revista de História*.

14.4.4. F. M. “Elegias”. Mauro Mota, *Jornal de Letras*, 1953.

14.4.5. F. M. “Poemas e Elegias”. José Escobar Faria, Livraria Martins Editora, 1953.

14.4.6. F. M. “Ascensão”. Mário Linhares, Pongetti, 1953.

14.4.7. F. M. “Variações sobre o conto”. *Os Cadernos de Cultura*, 1952.

14.4.8. F. M. “Alexandre de Gusmão e o Tratado de 1750”. *Os Cadernos de Cultura*.

14.4.9. F. M. “Cavalo de Pau”. M. Rodrigues de Melo, Pongetti, 1953.

14.4.10. F. M. “O Pátio”. Contos, Revista Branca, 1953.

14.4.11. F. M. “O açude e sonetos da descoberta”. Santelmo, 1953.

14.4.12. F. M. “Alguma gente”. Salim Miguel. Contos, Ed. Sul, 1953.

14.4.13. F. M. “O Soldado de Ronda”. Aluizio Furtado de Mendonça, Departamento de Imprensa, Natal, 1953.

14.4.14. Ilustração

14.5.1. Desenho de Zenon Barreto.

14.6. Teatro

14.6.1. CAMPOS, Eduardo. “Decoração teatral”. Comenta a manifestação “dégor” no teatro como necessidade à composição da cena.

14.7. Notícias

14.7.1. Centenário de Capistrano de Abreu. Realizaram-se em outubro último festejos em comemoração ao centenário de nascimento de Capistrano de Abreu: inauguração de um busto do historiador em frente à Assembléia do Estado; monumento alusivo à data em Coliminjuba em Maranguape; homenagem do Instituto do Ceará; Sessão realizada no Teatro José de Alencar, homenagem do governo em colaboração com o Instituto do Ceará e a Academia Cearense de Letras; Concurso promovido pela Prefeitura premia Pedro Gomes de Matos com o livro Capistrano de Abreu.

14.7.2. Prefeitura promove concurso literário. Foram vencedores: Romance (prêmio José de Alencar) Lúcia Martins com Destinos Cruzados; Conto (prêmio Rodolfo Teófilo) Fran Martins com amigo de Infância; Ensaio (prêmio Farias Brito) Artur Eduardo Benevides com Seis ensaios da Província; Poesias (prêmio José Albano) Manuel Lopes com Voz no Silêncio.

CLÃ. Fortaleza, ano VII, nº 15, Fev. 1957.

15.1. Prosa

15.1.1. REDAÇÃO. Nova Nota de retorno de circulação da revista da Instalação da Universidade do Ceará.

15.1.2. Montenegro, Braga. No tumulto dos Cárceres Verdes. Novela.

15.1.3. Seraine, Florival. Relativismo e programatismo na linguagem oral. Ensaio.

15.1.4. Rodrigues. Tavares Urbano Jornada sem regresso. Novela.

15.2. Poesia

15.2.1. Girão Eduardo. Prece à chuva. Texto poético. Versos Livres

15.2.2. Fernandes. Yáco. Cantigas de Amor e de Amigo. Poemas líricos e de tonalidade de telúrica. Versos de métrica regular.

15.3. Crítica

15.3.1. Bezerra, João Climaco. Estudos sobre o Ceará. Analisa a situação da educação no estudo, em seus aspectos materiais e financeiros.

15.3.2. Campos, Moreira Vila dos Confins. Crítica ao livro Vila dos Confins de Mário Palmeiras.

15.3.3. Lopes, J. Stênio. “Bonjour Tristesse”. Crítica ao livro Bonjour Tristesse de Françoise Sagan.

15.4. Teatro

15.4.1. Campos, Eduardo. As Fontes do Desespero. Teatro.

15.5. Artes Plásticas

15.5.1. Teixeira, Floriano. Ilustração.

15.5.2. Figueiredo, J. Ilustração.

15.6. Notícias

15.6.1. Universidade do Ceará. Atividades desenvolvidas e programação da Universidade do Ceará.

FICHA DE LOCALIZAÇÃO (Quadro de Referências técnica e de conteúdo da Revista Clã)

Ficha técnica	Autor da matéria	Título	Assunto/Natureza	Observações
Diretor: Fran Martins Secretário: Aluizio Medeiros Conselho de Redação: Joaquim Alves Stênio Lopes Antônio G. Barroso Mozart S. Aderaldo João C. Bezerra	Redação	S/ título	Sobre aprovação de decreto do governo do estado regularizando a liberação de verbas para prêmios literários	A capa faz destaque da peça teatral de Eduardo Campos “O Demônio e a Rosa” A primeira e última folha são reservadas à publicidade. O Editorial vem com o título Redação Exemplar contendo 82 páginas Vento Sul, Vento Norte... Aqui são tratados assuntos de forma suscita. É dada a preferência ao eventos literários. As duas últimas páginas são destinadas a publicidade, inclusive a capa e a contra capa. Preço do exemplar Cr\$ 6,00 Assinatura anual Cr\$ 30,00
	Eduardo Campos	O Demônio e a rosa	Teatro; Peça em três atos Drama entre o casal Elza e Rolando com a morte de Elza Rolando começa a valorizar a esposa e conclui que ela era a Rosa e ele o Demônio	
	Joaquim Alves	Os partidos políticos	Análise política do presidencialismo e a evolução dos partidos políticos do governo e a oposição. Revolução de 1930; Estado novo e Parlamentarismo	
	Otacílio Colares, Paulo Amando, Yáco Fernandes	Poesia	Poesia	
	Mozart S. Aderaldo	O Assunto dos nossos dias	Texto de caráter ensaístico. Análise do Cristianismo, elite, burguesia e comunismo	
	Durval Aires, Cláudio Tuiuti, Eliardo Farias, Homero Icaza-Sanchez	Poesia	Poesia	
	Gastão Justa	O Carnaval do meu Tempo	Texto sobre o Carnaval, musicas , tipos e personagens, brincadeiras.	
	Braga Monteiro	Duma Interpretação de Emily Bronte	Apreciação crítica do livro O morro dos Ventos Uivantes de Emily Bronte que teve duas traduções no Brasil, uma por Oscar Mendes e outra por Raquel de Queiroz.	
	Stênio Lopes	História Econômica do Ceará de Raimundo Girão	Dados e informação sobre aspectos da evolução econômica do Ceará, algodão, a indústria de “Carnes secas” do Aracati; a Inspetoria da Secas; a RVC; a função do banco providencial do Ceará; primeiro estabelecimento de crédito no país depois do BB.	
	Fran Martins	O livro Brasileiro Dois livros	Comentário sobre os livros: Luz do Pântano de Bueno de Rivera e Gente da França de Alcântara Silveira.	
	Antônio Girão Barroso	Por que Orson Welles?	Análise do cinema de Hollywood e o papel de Orson Welles na reabilitação do cinema a partir de cidadão Kane.	
	Charlie Chaplin (Carrefour – Paris – outubro de 1947 – tradução de J. S. L.	Não, eu não sou comunista	Comentário de Chaplin sobre a recepção de seu filme Monsieur Verdoux, ao ser chamado de comunista e anti-americano.	

Ficha técnica	Autor da matéria	Título	Assunto/Natureza	Observações
Diretor: Antônio G. Barroso	REDAÇÃO	Explicação deste número 0	Com este número dar-se o caráter de amostra; e pelos compromissos já assumidos com os colaboradores e anunciantes.	Exemplar contendo 40 páginas
Secretário: Aluizio Medeiros	João C. Bezerra	Não há estrelas no Céu (capítulo)	Romance	Contém publicidades na contra capa da revista
Conselho de Redação: João C. Bezerra	Matos Pereira, Gastão Justa, Mozart S. Aderaldo, Xavier Vieira, Humberto Teles	Coletânea	Poesia	Preço do exemplar Cr\$ 8,00
	Braga Montenegro	Convite a leitura dos contos de James Joyce	Análise de obras de James Joyce	Assinatura anual Cr\$ 32,00
	Antônio Santos	Os Hospedes	Comentário sobre o livro de poesia "Os Hóspedes" de Otacílo Colares, Aluísio Medeiros e Antônio Girão Barroso Artur Eduardo Benevides.	
	Afonso Banhos	Metafísica existencial	Filosofia	
	Direção	Política	Análise a política na perspectiva Aristotélica	
	Stênio Lopes	Para onde vamos?	Análise a situação política de 1946.	
	Antônio G. Barroso	Linha Reta	Cinema	
	Antônio G. Barroso	Um episódio de greve	Cinema	
	Nota do Editor	O Professor	Resenha do livro de Everardo Backeuser	
	Nota do Editor	Perspectiva para uma vida mais feliz	Resenha do livro de A. da Silva Melo	
	Nota do Editor	A professora Hilda	Resenha do livro de Lúcio Cardoso	
	Nota do Editor	Dias de maio	Resenha do livro de Adriano de Abreu	
	Nota do Editor	Fome de pão	Resenha do livro de Adolfo Porto	
	Nota do Editor	Corações angustiados	Resenha do livro de Alfredo Vigny	
	Nota do Editor	Um amor que volta	Resenha do livro Guido da Verona	
	Raquel de Queiroz, Otto Maria Carpeaux, Tristão de Ataíde	Uma chama ao vento	Opinião- alguns escritores emitem opiniões sobre o livro de Braga Montenegro.	

Ficha técnica	Autor da matéria	Título	Assunto/Natureza	Observações
	Sem nome do autor	Homenagem póstuma a Leonardo Mota; Primeiro Congresso Paulista de Poesia. Esta revista; edições Clã; repercussão do Congresso de Escritores Cearenses; Sociólogo, Crítico e romancistas; Eleições da A. B. D. B.; Os poetas não dormem; incentivando as letras, etc.		
	Publicidade	Boris Freires e CIA LTDA; Sul América; Casa Pontes Façanha; Casa Zucacioly; CIA Internacional de Capitalização; Tricofero de Barry livraria Alaor; Farmácias Humanitárias; Jornal José; Ginásio Farias Brito; Laboratório Gaspar Viana; Sousa Fernandes e CIA; Cosmopolita Hotel Bijú; Sitio São Luís; Ceará Comercial S/A; Rovel Couros e Peles S/A; Wilson, Sons e CIA LTDA; Jorge Steiner e CIA. LTDA; Den Norske Syd Amerika Linje.		

Ficha Técnica	Autor da Matéria	Título	Assunto/Natureza	Observações
Diretor: Fran Martins	Aluizio Medeiros	Os Objetos	Poemas	Página inicial (5) contendo publicidades
	Joaquim Alves	Capristano de Abreu	Ensaio biográfico e apanhado historiográfico da obra de Capristano	
Secretário: Aluizio Medeiros	Moreira Campos	Naufrágos	Conto	Capa e contra capa finais reservadas à propaganda do Clube do livro Clã Cooperativa Edições Clã LTDA.
	Braga Montenegro	Das negativas	Texto ensaístico sobre Luigi Pirandello	
Conselho de redação: Joaquim Alves Stênio Lopes Antônio G. Barroso Mozar S. Aderaldo João C. Bezerra	Carlos David	Um pulo às Minas Gerais	Notas de viagem	Exemplar contendo 102 páginas
	Lucy Teixeira		Ensaio biográfico e apanhado historiográfico da obra de Capristano	
Representantes: Rio: Martins D'Alvarez Amazonas: Aldo Moraes Pará: Haroldo Maranhão Maranhão: Bandeira Tribuzi Pernambuco: Mauro Mota Bahia: Wilson Rocha São Paulo: Domingos C. da Silva	Levy Rocha	De Cajapio ao louvre	Percurso artístico – profissional de Floriano Teixeira.	Na coluna Vento Sul, Vento Norte são tratados assuntos sucintos sobre literatura e artes em geral
	Gastão Justa	Reminiscências dos cadetes da Escola Militar do Ceará.	Retrospectiva histórica da escola e os fatos históricos da cidade no final do séc. XIX.	
	Artur E. Benevides	Prêmio literários	Breve exposição das leis estaduais e a instituição de prêmios literários estaduais	Na última pagina estão listados os nomes dos colaboradores.
	Stênio Lopes	No mundo dos livros: I – O livro Cearense Crítica literária no Ceará	Análise crítica dos livros crítica de Aluizio Medeiros e através da literatura Cearense de Florival Seraine.	
	Fran Martins	II- Resenhas críticas Livros variados	Resenhas críticas e breve apreciação crítica: conto, romances e jurídica: Fran Martins, Abelardo Montenegro e Sólon Farias, respectivamente	Preço do exemplar Cr\$ 6,00 Assinatura anual Cr\$ 30,00
	Fran Martins	III- O livro brasileiro Não era a Entrada de Damasco	Texto ensaístico do livro Não era a Estrada de Damasco de Novelli Júnior	
	João Clímaco, Anto. Martins e E. C.	2- Resenhas críticas	Resenhas críticas e breve apreciações críticas: ensaio, romance, Coletânea Poética, Meta – poesia, Romance. Livros de Aderbal Jurena, Dalcídio Jurandir, Bezerra de Freitas, João Cabral de Melo Neto e Novelli Júnior	
	Antônio Girão Barroso	Cinema: Assunto e tratamento	Comentário sobre o filme A Carícia Fatal com base no livro de Steinbeck – Ratos e Homens	

ANO I

REVISTA CLÃ 2

Abr/1948

Ficha técnica	Autor da matéria	Título	Assunto/Natureza	Observações
	Eduardo Campos	Radio e teatro: Desolação. Noticiosos do rádio e teatro	Comentários sobre a falta de estímulos ao teatro e a não utilização do T. J.	
	Mozart Aderaldo	Arte musical	Comentário sobre a música e o gosto musical	
		Vento norte e vento sul: Noticias curtas – Clã e Clã eleições ABDE, IV Salão de abril, Clube do livro Clã, para o instituto do Ceará. Centenário de Arraie Júnior, Revista Contemporânea Célio Santiago		

Ficha técnica	Autor da matéria	Título	Assunto/Natureza	Observações
Diretor: Fran Martins Secretário: Aluizio Medeiros Conselho de Redação: Joaquim Alves Stênio Lopes Antônio G. Barroso Mozar S. Aderaldo João C. Bezerra Representantes Rio: Martins D'Alvarez Amazonas: Aldo Morais Pará: Haroldo Maranhão Maranhão: Bandeira Tribuzi Pernambuco: Mauro Mota Bahia: Wilson Rocha São Paulo: Domingos C. da Silva Minas Gerais: Bueno de Rivera Paraná: Dalton Trevisan	Braga Montenegro	Araripe Júnior subsídio para um estudo	Ensaio critico da obra de Araripe Júnior	As cinco primeiras paginas contém publicidade.
	João Climaco Bezerra	O Banho	Conto	Exemplar contendo desenhos de
	Artur E. Benevides	2° Congresso Cearense de Poesia	Poesia	Barbosa Leite e de Antônio Bandeira
	Jairo Martins Camilo de Jesus Lima, Holdemar Menezes, Silveira Filho, Bandeira Tribuzi, Moacir Sonto, Mayor			Exemplar contendo 100 páginas
	Rafael Xavier	Municipalismo	Análise critica do municipalismo	06/06/1948 (período do Rio de Janeiro)
	Cruz Filho	A Replica	Conto	A última pagina traz a relação dos colaboradores
	Otacílio Colares	Apresentação do pintor Antônio Bandeira	Itinerário do Artista	
	Gastão Justa	Espírito Caboclo	Crônica	- A capa final faz referências a novela de Fran Martins – O Roubo.
	José Stênio Lopes	No mundo dos livros: I - O livro cearense 1- História da literatura cearense	Considerações sobre o 1° Tomo da História da Literatura Cearense de Dolor Barreira	
	Fran Martins	II – O livro brasileiro 2- O Galo Branco	Comentário sobre o livro O Galo Branco de Augusto Frederico Schmidt	
J. Climaco, L.M., F.M.	III - Resenhas críticas, cinemas	Resenha dos livros: Os amores de Gray Manning; Memórias de um Senhor de Engenho, O Galo Branco, Los sueños corpóreos	Preço do exemplar Cr\$ 6,00 Assinatura anual Cr\$ 30,00	
Antônio G. Barroso	- Cenarização de um poema de Aluizio Medeiros	- roteiro ou guia sob o qual o poema será filmado.		
Eduardo Campos	Radio e teatro - regional com tema - A margem da novela	Comentário sobre a utilização de temas regionais no teatro. Comentário sobre a preferência dos ouvintes às novelas do radio.		

ANO I

REVISTA CLÃ 3

Jun/1948

Ficha técnica	Autor da matéria	Título	Assunto/Natureza	Observações
	Mozar Soriano Aderaldo	- Arte musical e poesia moderna - Notícias curtas	- O autor empreende uma aproximação entre a musica e a poesia moderna - Comentários sobre acontecimentos musicais em Fortaleza: Sociedade Pró – Arte, Conservatório Alberto Nepomuceno, Etc.	
	Otacílio Colares	Artes Plásticas - O centenário Guaguim Vento norte, Vento sul	Faz menção as edições de Clã, II. Congresso Cearense de Poesia, Instituto do Ceará, dentre outros	

Ficha técnica	Autor da matéria	Título	Assunto/Natureza	Observações
Diretor: Fran Martins Secretario: Aluizio Medeiros Conselho de Redação: Joaquim Alves Stênio Lopes Antônio G. Barroso Mozar S. Aderaldo João C. Bezerra Representantes Rio: Martins D'Alvarez Amazonas: Aldo Morais Pará: Haroldo Maranhão Maranhão: Bandeira Tribuzi Pernambuco: Mauro Mota Bahia: Wilson Rocha São Paulo: Domingos C. da Silva Minas Gerais: Bueno de Rivera Paraná: Dalton Trevisan	Redação	Poetas em congresso	Nota sobre o 2º Congresso de Poesia	Exemplar contendo 104 paginas
	Fran Martins	O Roubo	Novela	
	Florival Seraine	Sobre uma indústria extrativa vegetal no interior cearense	Ensaio	Exemplar impresso na gráfica da editora do instituto do Ceará
	Anto. Martins Filho	O lado alegre da vida	Memórias	
	Mauro Mota; Edson Regis; Yáco Fernandes; Artur Eduardo Benevides; Lucy Teixeira	A partida; A margem do poema; Cantiga de pouco espanto; cantata para a solidão diante do mar; Coelho branco	Poesia	Redação (provisória) Av. Rui Barbosa, 1332 Fortaleza – Ce
	Braga Montenegro	Duas irmãs	Conto - James Joyce – tradução de Braga Monteiro	Preço do exemplar Cr\$ 6,00 Assinatura anual Cr\$ 30,00
	Ney Guimarães	Ignácio Silone – Escritor Social	Crítica	As 10 primeiras paginas são reservadas à publicidade
	Fernando Ferreira de Loanda; Otacílio Colares; Clovis Assunção; Ledo Ivo; Durval Aires; Bandeira Tribuzi; Cláudio Tuiuti Tavares; Solano Trindade; Wilson Rocha	Treno para Mauro Mota; As Desencantadas; Poemas; A Dativa de Junho; Quase orientação aos poetas mais velhos; Poema; O Visionário de Nuremberg; Vida que me leva a vida; Tempo no caminho.		
	Aluizio Medeiros	Do Jeca Tatu ao Zé Brasil	Crônica	
	Gastão Justa	Os Imperadores	Crônica	
	Ivan Sérgio Rodrigues	No mundo dos livros: I – O livro cearense 1- Considerações em torno do livro cearense	Crítica	
	Fran Martins	II – O livro brasileiro 2- Urupês	Crítica	

Ficha técnica	Autor da matéria	Título	Assunto/Natureza	Observações
	A. M.	III – O livro estrangeiro 3- Um novo romance de John Steinberg	Crítica	
		IV – Revista das revistas	Reflexão sobre o movimento de publicações de revistas	
	F. M. E. C.; Lúcia Martins; N. G.	Resenhas	Resenha	
	Antônio Girão Barroso	Cinema nacional	Cinema	
	Eduardo Campos	Teatro Infantil	Radio e Teatro	
	M. S. A.	A sensibilidade romântica e o romantismo musical	Síntese (de uma conferência).	
	Otacílio Colares	O pintor cearense Aldemir Martins	Artes plásticas	
	Barbosa Leite	Clidenor Capibaribe – Barrica	Artes plásticas	
		Vento sul, vento Norte	Notícias	
	Aldemir Martins	Capa dos livro de Aluizio Medeiros, Anto. G. Barroso e B. Montenegro	Ilustração	
		Galeria	Reprodução de fotografias de Raquel de Queiroz e Braga Montenegro aos 3 e 4 anos de idade respectivamente	

Ficha técnica	Autor da matéria	Título	Assunto/Natureza	Observações
Diretor: Fran Martins Secretário: Aluizio Medeiros Conselho de redação: Joaquim Alves Antônio G. Barroso Mozar S. Aderaldo João C. Bezerra Representantes Rio: Martins D'Alvarez Amazonas: Aldo Moraes Pará: Haroldo Maranhão Maranhão: Bandeira Tribuzi Pernambuco: Mauro Mota Bahia: Wilson Rocha São Paulo: Domingos C. da Silva Minas Gerais: Bueno Rivera Paraná: Dalton Trevisan	Mozar S. Aderaldo	Esboço da história da literatura brasileira	Estudo sobre a história da literatura do Brasil	As cinco páginas iniciais são reservadas a publicidade
	Redação	Redação	Comentário sobre o programa da revista	Exemplar com 116 páginas Ilustrações de Barbosa Leite Redação (provisória) Av. Rui Barbosa, 1332 – Fort. – Ce. Preço de exemplar Cr\$ 6,00 Assinatura anual Cr\$ 30,00
	Moreira Campos	Suor e lágrimas	Contos	
	Djacir Menezes	A vingança do macuco contra Lobato		
	Nilton Gonçalves	Reminiscências	Artigo sobre o Liceu	
	Bandeira Tribuzi	Que tempo de viver	Poesia	
	Sousa Lima	Podemos pensar sem palavras	Ensaio	
	Moreira Campos	Os manequins	Conto	
	Joaquim Alves	A Amazônia e o mundo	Texto informativo sobre convênios internacionais e nordestinos na Amazônia/ Borracha	
	Ledo Ivo, Olavo Sampaio, Fernando Loanda, Eliardo Farias e José Sarney Costa	Poemas		
	Artur E. Benevides	Seleção de poesia	Textos variados de poetas	
	Raimundo S. Dantas	Diálogo em torno de leituras	Comentários sobre alguns autores lidos.	
	Ivan Sérgio Rodrigues	O mundo dos livros I- O livro cearense 1- Momento literário	Comentários sobre os atuais textos literários, fala sobre Dolor Bandeira e Mário Linhares	
	Fran Martins	II- O livro brasileiro 2- Cronistas	Comentário sobre Rubens Braga e Raquel de Queiroz	
		III- Revista das revistas 3- Tomada de posição	Sobre as iniciativas literárias no Brasil pós Estado Novo. Revistas no Brasil e no mundo	
	Aluizio Medeiros	Sobre poesia principalmente	Comentário sobre a teoria literária	
	Antônio G. Barroso	Dois filmes	Sobre A Dama e Shangai e Os três mosqueteiros	
Mozar S. Aderaldo	O primeiro aniversário da Sociedade Pró – arte	Calendário das atividades musicais da instituição		
Eduardo Campos	A margem de um movimento	Comentários sobre a situação do teatro no Ceará		
	Vento Sul, Vento Norte	Noticiário dos eventos literários no Ceará e no Brasil		

Ficha técnica	Autor da matéria	Título	Assunto/Natureza	Observações
Diretor: Fran Martins Secretario: Aluizio Medeiros Conselho de redação: Artur E. Benevides Antônio G. Barroso Braga Montenegro Eduardo Campos João C. Bezerra Joaquim Alves Moreira Campos Mozar S. Aderaldo Otacílio Colares Representantes Rio: Martins D'Alvarez Amazonas: Aldo Moraes e Sebastião Norões Pará: Haroldo Maranhão Maranhão: Bandeira Tribuzi R. G. do Norte: Veríssimo de Melo Pernambuco: Mauro Mota Bahia: Wilson Rocha São Paulo: Domingos Carvalho	Redação	A lei municipal	Lei municipal – lei 15, que autorizava a Prefeitura a adquirir p/ distribuição de livros de autores cearense para bibliotecas e escolas	As três primeiras páginas são reservadas à publicidade
	Martins D'Alvarez	Chama infinita	Poesia	Exemplar contendo 112 páginas
	Florival Seraine	Sobre a jangada Cearense	Ensaio sobre a confecção, utilização, nomenclatura de jangada	
	Arnaldo Pedroso D'Horta	Ariel sob as lagartas do tanque	Crônica sobre a impossibilidade de liberdade de expressão	Impressa nas oficinas gráficas da Editora Instituto do Ceará
	Eliardo Farias	Os Objetos	Ensaio sobre o livro Os Objetos de Aluizio Medeiros	A parte reservada à poesia, conto com autores do Rio, Minas, Recife.
	Tulo Hostílio Montenegro	A crise da ficção americana	Crônica de avaliação sobre a literatura americana	
	José Bezerra Gomes	Notas para o folclore seridoense	Anotações de brinquedos e folguedos folclóricos	
	Eduardo Campos	Torneira aberta	Conto	
	Vários	Poemas	Poesias	Comentário elogioso da revista Ocidente, de Lisboa à Revista Clã
	Artur E. Benevides	Seleções de poesia	Trechos de poetas famosos	
	Vasconcelos Maia	Revelação	Conto	Colaboradores de diversas localidades brasileiras
	Olavo de Sampaio	Aspectos sociais da questão negra na história	Dados históricos sobre a exploração negra, Quilombo e Revoltas.	Redação (provisória) Av. Rui Barbosa, 1332 – Fort. – Ce.
	Gastão Justa	Cirandas	Trechos de cantigas de rodas	
	Pe. João França Melo	Jesus	Sobre o poderoso Reino de Deus na Terra	
	João C. Bezerra	No mundo dos livros I- O livro cearense 1- 1948	Comentários sobre os lançamentos de livros cearenses: Fran Martins e Aluizio Medeiros	Preço do exemplar Cr\$ 6,00
Fran Martins	II- O livro brasileiro 2- Contistas	Comentários sobre os Contistas Orígenes Lessa e José Carlos Cavalcanti Borges	Assinatura anual Cr\$ 30,00	

ANO I

REVISTA CLÃ 6

Dez/1948

Ficha técnica	Autor da matéria	Título	Assunto/Natureza	Observações
Minas: Bueno de Rivera Paraná: Dalton Trevisan	Aluizio Medeiros	III- O livro estrangeiro 3- Anotações p/ um ensaio	Crítica	Nota: Érico Veríssimo recebe livro de Fran e se diz seu fã.
		IV- Revista das Revistas 4- Por que tantas Revistas	Apanhado das revistas nacionais e estrangeiras	
	Ant. Girão Barroso	Cinema - Criação de um clube de cinema	Comentário de elogio à iniciativa de criação de um clube de cinema	
	Eduardo Campos	Teatro O quinhão da Província	Comentário crítico pelo não incentivo ao teatro	
	Mozar S. Aderaldo	Musica Síntese de uma conferência	Síntese da palestra – características do Romantismo musical	
	Otacílio Colares	Artes plásticas E que quiser que desconheça	- Crítica a falta de conhecimento e valorização das artes plásticas	
		Vento Sul, Vento Norte	Noticias sobre os eventos literários, livros, revistas, música e artes plásticas	

Ficha técnica	Autor da matéria	Título	Assunto/Natureza	Observações
Diretor: Fran Martins Secretário: Aluizio Medeiros Conselho de redação: Artur E. Benevides Antônio G. Barroso Braga Montenegro Eduardo Campos João C. Bezerra Joaquim Alves Moreira Campos Mozar S. Aderaldo Otacílio Colares Representantes: Rio: Martins D'Alvarez Amazonas: Aldo Moraes e Sebastião Norões Pará: Haroldo Maranhão Maranhão: Bandeira Tribuzi R. G. do Norte: Veríssimo de Melo Pernambuco: Mauro Mota Bahia: Wilson Rocha Espírito Santo: F. Gomes da Silva São Paulo: Domingos Carvalho	Redação	O número 7	Comenta as dificuldades das revistas de província	Revista com 148 páginas Exemplar impresso na editora do Instituto do Ceará Redação (provisória) Av. Rui Barbosa, 1332 – Fortaleza – Ce caixa postal 248 Capa e contra capa finais divulgam as publicações da Revista Clá e o Clube de divulgação do livro cearense Preço do exemplar Cr\$ 8,00 Assinatura anual Cr\$ 40,00 Preço deste exemplar Cr\$ 10,00
	Lúcia Martins	Janelas Entreabertas	Novela	
	Raimundo Girão	Papi Júnior, escorço bibliográfico	Síntese da bibliografia	
	Artur E. Benevides	A compreensão do fenômeno poético	Ensaio	
	Moreira Campos	Lama e folhas	Conto	
	Aluizio Pinheiro	Conceituação de álgebra e geometria	Ensaio	
	Paulo Elpídio M. Filho	A influência do estudo das doutrinas econômicas na formação intelectual	Ensaio	
	Ney Guimarães	Jorge Amado e a condição humana	Ensaio	
	Aluizio Medeiros	Latifúndio devorante	Poesia	
	Dacosta e Silva Filho, Barbosa Leite, Wilson Rocha, Sebastião Norões, Antonieta de Castro Bandeira Tribuzi	Coletânea – Antologia	Poesia	
	Braga Montenegro	Breves notas sobre o romance e um livro	Análise crítica	
	Djacir Menezes	Eça e as interpretações cavilosas		
	João C. Bezerra	1949	Crítica	
	Newton Gonçalves	Notas sobre a salicultura no Brasil	História	
Antônio G. Barroso	Sobre Roma, Cidade Aberta	Cinema		
Eduardo Campos	Posição em face do Rádio – Teatro	Rádio		

Ficha técnica	Autor da matéria	Título	Assunto/Natureza	Observações
Minas: Bueno de Rivera	M. S. A.	As principais figuras do romantismo musical	Música	
Paraná: Dalton Trevisan	Otacílio Colares	Considerações em torno de Barrica	Artes plásticas	
	J. C. B.	O Guarani; Monsenhor José Quinderé	Resenha	
	F. M.	Rilke o poeta e a poesia; Poesias de Duarte Milano; A Cidade do Sul; A Nuvem de Fogo; Meu Céu Interior; Ajuricaba; O Guerreiro Manau; Anteu e a crítica; Como se pratica Psicanálise; Profanações; Guerra, Paz e Ciência; Novos Rumos em Vila Tereza; Três facetas de la poesia uruguaia jovem; O gênio do Cristianismo - Chateaubriand	Resenha Crítica	
	I. S.	Judas o Obscuro; Felizmente para sempre;	Resenha	
		Vento Sul, Vento Norte	Notícias e notas diversas	

Ficha técnica	Autor da matéria	Título	Assunto/Natureza	Observações
Diretor: Fran Martins	Redação	O centenário de Rui Barbosa	Nota sobre as festividades alusivas ao centenário de Rui Barbosa	Exemplar com 142 páginas
	Joaquim Alves	Juazeiro, cidade mística	Ensaio de natureza sociológica do misticismo da cidade Juazeiro no Ceará	
Secretario: Aluizio Medeiros	Fran Martins	Três homens cercados	Conto	Exemplar impresso nas oficinas da Editora do Instituto do Ceará LTDA
	Maria Luiza de Queiroz	Fazenda	Crônica	
Conselho de redação: Joaquim Alves Antônio G. Barroso Mozar S. Aderaldo João C. Bezerra	Barbosa Leite	V Salão de abril (reproduções): "Cabeça de Pescador" (grande medalha de ouro)	Premiação do V Salão de abril	Redação (provisória) Av. Rui Barbosa, 1332 – Fortaleza-Ce
	Jonas de Mesquita	"Serra de Maranguape" (pequena medalha de ouro)	“ “ “	
Representantes: Rio: Martins D'Alvarez Amazonas: Aldo Morais e Sebastião Norões	Francisco Lopes	"Botequim" (medalha de prata)	“ “ “	As 4 primeiras páginas são reservadas à publicidade
	Afonso Lopes	"Engraxate" (medalha de bronze)	“ “ “	
Pará: Haroldo Maranhão Maranhão: Bandeira Tribuzi R. G. do Norte: Veríssimo de Melo	Flávio Febo	"Marinha" (menção honrosa)	“ “ “	As 4 primeiras páginas são reservadas à publicidade
	J. Figueiredo	"Paisagem" (menção honrosa)	“ “ “	
Pernambuco: Mauro Mota Bahia: Wilson Rocha São Paulo: Minas: Bueno de Rivera	J. Eduardo Pomplona	"Paisagem" (menção honrosa)	“ “ “	Preço do exemplar Cr\$ 8,00 Assinatura anual Cr\$ 40,00
	Camilo de J. Lima, Edson Régis, Gastão Batinga	Poemas	Poesia	
	Veríssimo de Melo	Acalantos	Ensaio	

Ficha técnica	Autor da matéria	Título	Assunto/Natureza	Observações
Paraná: Dalton Trevisan	Fran Martins	Júlio (final do No. 8 – revista Clã)	Romance (trecho)	Os números 8 e 9 de Clã foram impressos em um só volume, contendo 70 páginas, o No. 8 e 72 páginas o No. 9
	Mozart S. Aderaldo	Literatura popular (No. 9 – revista Clã)	Literatura, ensaio	
	Redação	Nabuco	Nota sobre o centenário de Joaquim Nabuco	
	Florival Seraine	Subsídio para uma antropônimo cearense	Estudo antropanimico com bases históricas	
	Renato C. Branco	Descrição de Paraíba	Crônica	
	Afonso Banhos	Fundamentos lógicos do conhecimento	Ensaio	
	Otacílio Colares, Jorge Mendauar, Carlos Eduardo, Marcos Romério	Poemas	Poesia	
	Braga Montenegro	Rilke e a ânsia do eterno	Ensaio	
	Artur E. Benevides	Seleções de poesias	Seleção de trechos poéticos	
	João C. Bezerra	No mundo dos livros I – O livro cearense 1- Prosadores, poetas e apoetas	Crítica	
	Aluizio Medeiros	II – O livro brasileiro 2- Os dias iguais	Crítica	
	Fran Martins	III – O livro estrangeiro 3- Sorte	Crítica	
	F. M.	Resenhas	Resenha	
	L. M.	Resenhas	Resenha	
	N. G.	Resenhas	Resenha	
	Antônio G. Barroso	Cinema no Ceará	Nota sobre películas rodadas no Ceará	
	Otacílio Colares	O teatro de Henriette Marineau	Nota sobre a temporada em Fortaleza do grupo “Os Artistas Unidos”	
	M. S. A.	Principais poetas do piano	Síntese de conferência “O romantismo musical”	
	Eduardo Campos	Esquema da pintura no Ceará	Artes plásticas	
		Vento Sul, Vento Norte	Notícias	
		Publicidades		

Ficha técnica	Autor da matéria	Título	Assunto/Natureza	Observações
Diretor: Fran Martins	Redação	Clube Iracema O reaparecimento de Clã	Nota informativa da inauguração da sede do Clube Iracema (Aldeota)	Exemplar com 106 páginas
Secretario: Aluizio Medeiros	Charles Pomerat Antônio G. Barroso Artur E. Benevides Jairo M. Bastos Aluizio Medeiros Fran Martins	A moderna poesia francesa	Ensaio	Exemplar impresso nas oficinas da Editora do Instituto do Ceará LTDA
Conselho de redação: Artur Benevides Antônio G. Barroso Braga Montenegro Eduardo Campos João C. Bezerra Joaquim Alves Mozar S. Aderaldo Otacílio Colares	Eduardo Campos	A Notícia	Conto	Redação (provisória) Av. Rui Barbosa, 1332 – Fortaleza-Ce
	Fran Martins	Navio	Trecho de romance	
	Antônio G. Barroso	Novos poemas	Poesia	
	Carlos Davi	Cadernos de nota: Mar Oceano	Crítica	
Representantes: Rio: Martins D'Alvarez	Oswaldino Marques	Canto grosso e a emergência de um novo realismo	Crítica	
Amazonas: Aldo Morais e Sebastião	Joaquim Alves	A propósito de movimentos literários	Ensaio	As três primeiras páginas são
Pará: Aldo Morais e Sebastião Norões	Newton Gonçalves	A propósito da medicina no Brasil	Ensaio	reservadas a publicidade
Maranhão: Bandeira Tribuzi R. G. do Norte: Veríssimo de Melo	Braga Montenegro	No mundo dos livros I – O livro cearense 1- Caminhos do romance	Crítica	
Pernambuco: Mauro Mota Bahia: Wilson	Fran Martins	II – O livro brasileiro 2- Precisamos de crítica	Crítica	
Rocha São Paulo:	Ivan Sérgio	III – O livro estrangeiro 3- Kaputt	Crítica	
Domingos C. da Silva	Lúcia Martins	Resenhas	Resenha	Preço do exemplar
Minas: Bueno de Rivera	F. M.	Resenhas	Resenha	Cr\$ 8,00
Paraná: Dalton		Vento Sul, Vento Norte	Notícias	Assinatura anual
Trevisan			Publicidade	Cr\$ 30,00

Ficha técnica	Autor da matéria	Título	Assunto/Natureza	Observações
Diretor: Fran Martins Secretario: Aluizio Medeiros Conselho de redação: Artur E. Benevides Antônio G. Barroso Braga Monteiro Stênio Lopes João C. Bezerra Joaquim Alves Moreira Campos Mozar S. Aderaldo Otacílio Colares Lúcia Martins Representantes: Rio: Martins D'Alvarez Amazonas: Aldo Moraes e Sebastião Pará: Aldo Moraes e Sebastião Norões Maranhão: Bandeira Tribuzi R. G. do Norte: Veríssimo de Melo Pernambuco: Mauro Mota Bahia: Wilson Rocha São Paulo: Domingos C. da Silva Minas: Bueno de Rivera Paraná: Dalton Trevisan	Redação	O número 11	Nota explicativa após paralisação de um ano	Exemplar com 100 páginas
	João C. Bezerra	Longa é a noite	Novela	
	Jarder de Carvalho	Poemas		
	Artur E. Benevides	Um poeta brasileiro	Ensaio sobre a poesia de Augusto F. Schmidt	Exemplar impresso nas oficinas da Editora do Instituto do Ceará LTDA
	Lúcia Martins	Ano Santo	Conto	
	Jairo M. Bastos e Mozart S. Aderaldo	Poemas	Poesias	A Revista neste No. 11, retorna depois de um ano paralisada
	Mário Baratta	Antônio Bandeira e a pintura	Análise da evolução estética do pintor	
	Moreira Campos	Tem dono	Conto	As duas primeiras
	Braga Montenegro	A Valsa e a Fonte	Ensaio sobre o livro de Artur E. Benevides	Páginas são
	João C. Bezerra	No mundo dos livros I – O livro cearense 1- Um ano de vida literária	Comentário sobre os livros lançados	reservadas à publicidade
	Fran Martins	II – O livro brasileiro 2- Imagem espiritual da Europa	Comentário sobre o livro de Tristão de Ataíde: Europa de hoje.	Redação (provisória) Av. Rui Barbosa, 1332 – Fort. – Ce.
	J. Stênio Lopes	III – O livro estrangeiro 3- Um romancista do irreal	Comentário sobre o livro de Julien Green, Moira	Preço do exemplar Cr\$ 10,00
		Vento Sul, Vento Norte	Notícias de eventos literários, lançamentos de livros, congresso de escritores.	Assinatura anual Cr\$ 50,00

Ficha técnica	Autor da matéria	Título	Assunto/Natureza	Observações
Diretor: Fran Martins	Editorial	Quatro anos	Comentários a cerca dos quatro anos de Clã	Exemplar com 120 páginas
Secretario: Aluizio Medeiros	Braga Montenegro	Evolução e natureza do conto cearense	Ensaio	
	Alberto Benevides	Poemas	Poesia	
Diretor Comercial Eduardo Campos	José Stênio Lopes	Chuva	Novela	Na capa final há anúncios da História da Literatura Cearense de Dolor Barreira
Redatores: Artur C. Benevides Antônio G. Barroso Braga Monteiro João C. Bezerra Joaquim Alves Stênio Lopes Lúcia Martins Moreira Campos Mozar S. Aderaldo Otacílio Colares	Maria Luiza de Queiroz	Mais uma estrela no mapa	Crônica	Capa final com o rol das publicações de Clã
	Eduardo Campos	O jogador de damas	Conto	
	Wilson Rocha, Bandeira Tribuzzi, Carlos D'Alge e Lúcio Neves	Poemas	Poesia	
	Aldemir Martins	Caderno de Artes Plásticas: desenhos de Aldemir Martins	Reprodução do pintor Aldemir Martins	Redação (provisória) Av. Rui Barbosa, 1332 – Fort. – Ce.
Representantes: Rio: Martins D'Alvarez	João C. Bezerra	No mundo dos livros I- O livro cearense 1- O romancista Oliveira Paiva	Ensaio	Preço do exemplar Cr\$ 10,00
Amazonas: Aldo Morais e Sebastião Norões	Fran Martins	II- O livro brasileiro 2- Provincianos	Comentários a edição de livros e revistas, libertas do centralismo do Rio e adjacências	Assinatura anual Cr\$ 50,00
Pará: Aldo Morais e Sebastião Norões Maranhão: Bandeira Tribuzi	José Stênio Lopes	III- O livro estrangeiro 3- Maciel Proust em português	Sobre as traduções da obra de Maciel Proust	
		Vento Sul, Vento Norte	Notícias de eventos literários e artísticos	

ANO V

REVISTA CLÃ 12

Fev/1952

Ficha técnica	Autor da matéria	Título	Assunto/Natureza	Observações
R. G. do Norte: Veríssimo de Melo Pernambuco: Mauro Mota Bahia: Wilson Rocha São Paulo: Domingos C. da Silva Minas: Bueno de Rivera Paraná: Dalton Trevisan	L. G.	O terceiro homem de Graham Greene My Cousin Rachel de Daphe du Maurier; Requim foz A Num de William Faulkner	Resenhas	

Ficha técnica	Autor da matéria	Título	Assunto/Natureza	Observações
Diretor: Fran Martins	Redação	Joaquim Alves O companheiro Morto	Crônica em homenagem ao Joaquim Alves Página de homenagem dos companheiros de Clã ao colega falecido	Exemplar com 104 páginas
Secretario: Aluizio Medeiros	Sinval de Sá	Fim da pena	Conto	
Diretor Comercial: Eduardo Campos	Domingos Vieira Filho	O negro na poesia brasileira	Ensaio	As duas primeiras Páginas são reservadas à publicidade
Redatores: Artur E. Benevides Antônio G. Barroso Braga Montenegro João C. Bezerra + Joaquim Alves Stênio Lopes Lúcia Martins Moreira Campos Mozart S. Aderaldo Otacílio Colares	Paulo Bonavides	Nabuco	Considerações sobre o estadista brasileiro	Na contra capa final é feito anúncio dos livros medicina popular de Eduardo
Representantes: Rio: Martins D'Alvarez Amazonas: Aldo Morais e Sebastião Norões Pará: Aldo Morais e Sebastião Norões Maranhão: Bandeira Tribuzi R. G. do Norte: Veríssimo de Melo	José E. Lopes	Apresentações dos novíssimos do Ceará	Texto de apresentação dos novos nomes da literatura	Campos e história da Literatura Cearense de
	Jesus X. de Brito, Luís G. Torres, Célio Garcia, Carlos D'Alge, Luís E. de Andrade, Airton Xavier, Tarcisio sisnando, Manuel Lopes, Evaristo Linhares, José C. da Rocha Josberto Romeno.	Poemas	Poesia	Dolor Barreira A capa final traz slogan: Clã – do Ceará para o Brasil
	Manoel Gonçalves	Carlos Drumond de Andrade e o sentido de sua poesia	Ensaio sobre a poesia de Carlos D. Andrade.	Redação (provisória) Av. Rui Barbosa, 1332 – Fort. – Ce.
	Virgínia Pessoa	10 poemas	Poesia	Exemplar impresso na gráfica da editora do Instituto do Ceará
	Artur E. Benevides	Notas sobre um romance	Análise do livro Sol Posto de João C. Bezerra	
	L. Christian	O estranho fim de Kate Murray	Conto	

Ficha técnica	Autor da matéria	Título	Assunto/Natureza	Observações
Pernambuco: Mauro Mota Bahia: Wilson Rocha São Paulo: Domingos C. da Silva Minas: Bueno de Rivera Paraná: Dalton Trevisan	João C. Bezerra	No mundo do livro I- O livro cearense 1- Soriano Albuquerque, um pioneiro da sociologia brasileira	Texto de análise ao livro de Abelardo F. Montenegro	Agentes de comp. De navegação nac. e est. Boris Freres e cia LTDA Rep. Do Banco de Crédito da Borracha
	Fran Martins	II- O livro Brasileiro 2- Vida Amarga	Comentário do livro A vida de Lima Barreto de Francisco de Assis Barbosa	Companhia Ceará de Seguros Banco Popular de Fortaleza Café Peri
	José Stênio Lopes	III- O livro Estrangeiro 3- Um romance surrealista	Comentário sobre o livro Le Rivage des Syrtes de Julien Gracq	Preço do exemplar Cr\$ 10,00 Assinatura anual Cr\$ 50,00
		Vento Sul, Vento Norte	Notícias literárias e artísticas	

Ficha técnica	Autor da matéria	Título	Assunto/Natureza	Observações
Diretor: Fran Martins Secretario: Aluizio Medeiros Diretor Comercial: Eduardo Campos Redatores: Artur E. Benevides Antônio G. Barroso Braga Montenegro João C. Bezerra + Joaquim Alves Stênio Lopes Lúcia Martins Moreira Campos Mozar S. Aderaldo Otacílio Colares Representantes: Rio: Martins D'Alvarez Amazonas: Aldo Moraes e Sebastião Norões Pernambuco: Mauro Mota Bahia: Wilson Rocha São Paulo: Domingos C. da Silva Minas: Bueno de Rivera Paraná: Dalton Trevisan	Redação	Mais uma vez contos	Nota explicativa sobre a não circulação da Revista em seu retorno	Exemplar com 130 páginas
	Aluizio Medeiros	Lírica	Poesia	
	Eduardo Campos	Decoração teatral	Ensaio sobre a renovação da técnica teatral do “decor”	As seis primeiras páginas são reservadas à publicidade sendo duas delas reservadas a publicidade do Governo do estado
	João C. Bezerra	No mundo dos Livros I- O livro cearense 1- Balango de 1953	Comentário sobre a boa “safra” de livro cearense	
	Fran Martins	II- O livro brasileiro 2- Lampião	- Comenta a incursão de Raquel de Queiroz na dramaturgia com o livro Lampião	
	Hermenegildo de Sá Cavalcante	III- O livro estrangeiro 3- Consideração sobre O Poder e a Glória	Comentário acerca do livro de Graham Grene	Contra capa anuncia o livro Histórias das secas de Joaquim Alves e pequena história do Ceará de Raimundo Girão
		Vento Sul, Vento Norte	Comenta a comemoração do centenário do historiador Capistrano de Abreu; o concurso literário promovido pela prefeitura municipal	Redação (provisória)
			Av. Rui Barbosa, 1332 – Fort. – Ce. Revista impressa na gráfica da editora Instituto do Ceará Ilustração de Zenon Barreto Preço do exemplar Cr\$ 10,00 Assinatura anual Cr\$ 50,00	

Ficha técnica	Autor da matéria	Título	Assunto/Natureza	Observações
Diretor: Fran Martins	Redação	Nova fase	Nota sobre o retorno de circulação da Revista a qual entra em nova fase a partir da instalação da Universidade do Ceará	Exemplar com 143 páginas
Secretario: Aluizio Medeiros	Braga Montenegro	No tumulto dos cárceres verdes	Novela	
Diretor Comercial: Eduardo Campos	Florival Seraine	Relativismo e pragmatismo na linguagem oral	Ensaio	Revista impressa na gráfica da Editora Instituto do Ceará
Conselho de redação: Artur E. Benevides	Tavares Rodrigues	Jornada sem regresso	Novela	
Antônio G. Barroso	Floriano Teixeira	Ilustração p/ poemas brasileiro	Gravuras	Não existe publicidade neste exemplar
Braga Montenegro	Yaco Fernandes	Cantigas de amor e de amigo	Poesia	
Eduardo Campos	João C. Bezerra	No mundo dos livros I- O livro cearense 1- O habitante da tarde	Análise das condições materiais e financeiras da educação no Ceará	Não consta o sumário das matérias
João C. Bezerra + Joaquim Alves	Moreira Campos	II- O livro brasileiro 2- Vila dos confins	Crítica	
Moreira Campos	José Stênio Lopes	III- O livro estrangeiro 3- Bonjour Tristese	Crítica	Redação (provisória) Av. Rui Barbosa, 1332 – Fort. - Ce
Otacílio Colares	Eduardo Campos	As fontes do desespero	Teatro	
Representantes: Rio: Martins	Floriano Teixeira	Ilustração	Artes plásticas	Preço do exemplar Cr\$ 15,00
D'Alvarez	J. Figueiredo	Ilustração	Artes plásticas	
Amazonas: Aldo	Eduardo Girão	Prece à chuva	Poesia	Assinatura anual Cr\$ 60,00
Morais e Sebastião		Vento Sul, Vento Norte	Noticias: informes da instalação e calendário de atividades da Universidade do Ceará.	
Norões				
Pará: Aldo				
Morais e Sebastião				
Norões				
Maranhão:				
Bandeira Tribuzi				
Pernambuco:				
Mauro Mota				
Bahia:				
Wilson Rocha				
Minas:				
Bueno de Rivera				
Paraná:				
Dalton Trevisan				